



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**FERNANDA VIEIRA CRISÓSTOMO**

**O HOMICIDA PASSIONAL: QUANDO A MORTE SE SOBREPÕE AO AFETO**

**Fortaleza**

**2013**

FERNANDA VIEIRA CRISÓSTOMO

O HOMICIDA PASSIONAL: QUANDO A MORTE SE SOBREPÕE AO AFETO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia do Conflito e da Violência.

Orientador: Prof. Dr. César Barreira

FORTALEZA

2013

FERNANDA VIEIRA CRISÓSTOMO

O HOMICIDA PASSIONAL: QUANDO A MORTE SE SOBREPÕE AO AFETO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia do Conflito e da Violência.

Orientador: Prof. Dr. César Barreira

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. César Barreira (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Leonardo Sá  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. José Vicente Tavares dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## AGRADECIMENTOS

Tenho orgulho em dizer que minha trajetória de vida e acadêmica não foi solitária. Ao longo de minhas jornadas, sempre fui contemplada com a presença de pessoas que se tornaram especiais e que estiveram presentes em todos os momentos em que precisei de ajuda, de suporte ou do simples aconchego gerado pelo calor humano. A essas pessoas dedico minha gratidão, minha amizade e meu afeto.

Agradeço primeiramente à Diana e Fernando Crisóstomo, pais amados, que não só me concederam a vida, mas que me presentearam com suas amizades, apoio e dedicação. A você, meu pai, agradeço por acreditar na minha capacidade, por sonhar os meus sonhos e por me ensinar, através do exemplo, a enfrentar uma batalha com a serenidade nos olhos. Obrigada por superar o câncer e nos presentear com sua vida. À minha mãe agradeço por ter feito de sua vida o alicerce para o meu crescimento, sem você, nada teria sido possível. Sou-lhe grata por todas as palavras, abraços, sorrisos e lágrimas compartilhadas, por me acolher quando preciso e por me deixar partir quando necessário, por me fazer perceber que dificuldades fazem parte da vida e que devem servir de estímulo e não de desânimo, afinal, como você sempre me disse: “a vida é dura para quem é mole”.

Ao meu irmão, que com seu jeito calado me mostrou que nem sempre palavras são necessárias para que alguém se faça especial. Com você, sei que sempre posso contar. À Roberta agradeço por ter se feito família, por se dispor a conviver e compartilhar aprendizados, alegrias e preocupações e principalmente, por aceitar trilhar um caminho ao lado de meu irmão, agregando amor e amizade.

A Freddy Costa, amigo, amado, cúmplice. Sua presença foi e é fundamental para tornar meus pensamentos em palavras, meus sonhos em realidade. Por me ouvir, por me ajudar, por ser uma constante fonte de amor e compreensão, minha imensa gratidão. Poder compartilhar esta experiência

com você tornou tudo mais ameno e certamente mais agradável. A você meu amor e minha ternura.

À Fátima Pedrosa por todas as vezes que torceu por mim, por aceitar as tantas intromissões em sua casa, por todos os cafés e palavras de incentivo.

Aos amigos Érica e Julio por fazerem parte de tantas memórias. Com vocês dividi sonhos e aprendizados. Obrigada por se fazerem presentes mesmo na ausência, por respeitarem minhas escolhas, por me trazerem risos, conversas à toa e a satisfação de saber que amizades podem sobreviver à passagem do tempo.

Às amigas Bruna, Gina e Manu por terem feito dos corredores da faculdade símbolo de sonhos e amizade. A vocês meu agradecimento por todos os risos, carinhos, companheirismo e conversas que saíram da universidade para a vida. Vocês já fazem parte da minha história.

Agradeço ao professor César Barreira, orientador deste trabalho e guia de minha trajetória acadêmica. Obrigada por me possibilitar tantas oportunidades e aprendizados, desde me selecionar como bolsista de iniciação científica do Laboratório de Estudos da Violência, até a orientação no mestrado e futuramente no doutorado. Minha gratidão por sua atenção e estímulo aos meus trabalhos.

Aos professores convidados Dr. Leonardo Sá e Dr. José Vicente Tavares dos Santos pela disponibilidade e pelas valorosas contribuições.

Aos meus interlocutores, pois sem eles esta pesquisa não teria sido possível. Agradeço também aos diretores e funcionários do IPPOII e IPF, pela ajuda e por terem aceitado minha presença e o desenvolvimento da pesquisa.

À prima e companheira de pesquisa, Hérica Cavalcante. Sua disponibilidade e dedicação foram essenciais para o início do trabalho de campo. Obrigada por me estimular a dirigir e por me apoiar. Sem você às idas aos presídios teriam sido solitárias.

Aos colegas de turma do mestrado, que me estimularam com suas ideias e que contribuíram com preciosas sugestões.

Ao Laboratório de Estudos da Violência, em especial à Kalina, por sempre se fazer presente nos momentos de necessidade e por sua competência e eficiência, transformando o cotidiano de trabalho sempre mais harmônico.

Ao CNPq pelo apoio financeiro, através da bolsa de auxílio.

Finalmente, a todos os amigos e familiares que não citei nominalmente e que me apoiam na distancia, simplesmente torcendo por mim.

“Até que ele era um rapaz muito bem educado  
Até que ele tinha um bom coração  
Até que ele era um rapaz muito bem comportado  
Até que ele era um poço de boa intenção  
Não creio que ele fosse complexado  
Meio calado, talvez meio esquisito, mas batalhador  
Eu creio que ele era muito inteligente  
Eficiente, honesto, honrado e trabalhador

Por mais de dez anos foi meu excelente vizinho  
Subia comigo às vezes no elevador  
Por certo sabia direito do seu cantinho  
Escuro, tranquilo, com jeito de sonhador

Até que hoje à noite pegando e relendo o jornal  
A foto no canto da esquerda me despertou  
Matou a mulher e as crianças a golpes de pau  
Sem um bilhete, sem explicações, se suicidou

Se bem que a patroa falava: Esse cara não presta  
Tem cara de ser mau marido, de não ter valor  
Se bem que a patroa falava: Esse cara não presta  
Tem cara de anjo, mas nunca que ele me enganou

Até que ele era um rapaz muito bem comportado  
Mas não, eu nem sei o seu nome, ele nunca falou  
Um preto sereno com jeito de sonhador”

**(Gonzaguinha)**

## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de análise o homicida passional e tem por finalidade desenvolver uma reflexão acerca dos sentimentos presentes em seus relatos, buscando perceber quem são estes indivíduos e quais foram suas respectivas motivações para que houvesse a concretização do ato. Neste sentido, o foco da pesquisa é compreender como os protagonistas de tais crimes justificam sua ação, pensando de que forma as emoções podem ser identificadas nas falas de homens e mulheres homicidas passionais como elementos determinantes para a realização do assassinato. Após a análise dos dados coletados, o estudo aponta que os crimes passionais são diretamente relacionados a conflitos cotidianos de menor proporção, sendo o crime uma expressão maior de emoções acumuladas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homicidas Passionais. Emoções. Conflitos.

## ABSTRACT

This dissertation has as the object of analysis the passionate murderer, and aims to develop a reflection about the feelings present in their reports, trying to discern who these people were and what were their motivations for the fulfillment of the act. In this sense, the focus of the research is to understand how the protagonists of passionate crimes justify their action, thinking how emotions can be identified in the speech of men and women passionate murderers as critical factors for achieving the murder. After analyzing the data collected, the study indicates that crimes of passion are directly related to everyday conflicts of lesser proportion, being the biggest crime an expression of accumulated emotions.

**KEYWORDS:** Passional. Murderers. Emotions. Conflicts.



## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>10</b>  |
| <b>2 O CRIME PASSIONAL: ENTRE A LEI E A PRÁTICA.....</b>                             | <b>19</b>  |
| 2.1 Conhecendo o crime e o criminoso: os estudos sobre os homicídios passionais..... | 24         |
| 2.2 Crime Passional: uma questão de gênero?.....                                     | 33         |
| 2.3 Cultura e Emoção: uma associação possível.....                                   | 38         |
| <b>3 QUANDO A PESQUISA SE INICIA.....</b>  | <b>44</b>  |
| 3.1 Estratégias de inserção: expectativas, comportamentos e burocracias.....         | 45         |
| 3.2 Quando a pesquisa se realiza.....  | 61         |
| <b>4 APRESENTANDO HISTÓRIAS, CONHECENDO CRIMES.....</b>                              | <b>71</b>  |
| 4.1 Estratégias de Apresentação.....   | 71         |
| 4.2 Primeiras impressões e aproximação - Presídio Feminino.....                      | 75         |
| 4.3 Primeiras impressões e aproximação - Presídio Masculino.....                     | 83         |
| 4.4 Conhecendo Histórias.....  | 97         |
| <b>5 INTERPRETANDO “VERDADES”: PENSANDO O CRIME E O CRIMINOSO.....</b>               | <b>132</b> |
| 5.1 Romances - os inícios dos relacionamentos.....                                   | 136        |
| 5.2 Conflitos - relações desgastadas.....  | 140        |
| 5.3 Crimes - mortes anunciadas?.....   | 148        |
| 5.4 Fugas - abandonando o cenário do crime e encobrindo o ato.....                   | 154        |
| 5.5 Arrependimentos - lamentando o crime ou suas consequências?.....                 | 156        |
| 5.6 Recomeços - sonhando com uma nova vida.....                                      | 161        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>164</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>   | <b>167</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

**“MULHER GRÁVIDA É ASSASSINADA À FACADAS PELO MARIDO** - Com sete golpes de faca, Antônia Auricélia Ferreira Dias foi assassinada em uma clínica dentária, onde trabalhava, no Conjunto São Cristóvão, pelo marido Francisco Wagner Jorge da Silva, que foi preso em flagrante. Um crime passionai revoltou a comunidade do Conjunto São Cristóvão, na manhã deste sábado. A recepcionista de uma clínica dentária, na rua Castelo de Castro, foi morta, ao chegar ao trabalho, com sete golpes de faca, a maioria na barriga, desfechados pelo marido. Antônia Auricélia Ferreira Dias, de 38 anos, estava grávida de cinco meses. Segundo apurou a Polícia, o acusado do crime, Francisco Wagner Jorge da Silva, 37, que foi autuado em flagrante na Delegacia da Mulher, depois do crime, tentou o suicídio ao cortar parte do pescoço com a faca usada para matar a mulher, tipo peixeira. Por conta disso ele foi medicado no Frotinha de Messejana e em seguida liberado para ser autuado em flagrante na delegacia. Além dos quatro golpes que atingiu a barriga da vítima, ela sofreu mais dois golpes no braço esquerdo, indicando atitude de que tentou se defender, segundo o perito criminal Alderley Barbosa, que atendeu a ocorrência, e outro no lado esquerdo do peito. A Polícia apurou que Francisco Wagner teria premeditado o crime, pois chegou ao consultório dentário quando Auricélia iria iniciar o trabalho. A Polícia também apurou que a vítima estaria grávida de outro homem e que já teria se separado uma vez de Francisco Wagner, mas que já havia se reconciliado. De acordo com a Polícia, o casal já havia se separado anteriormente e a vítima estaria grávida de outro relacionamento. A maioria das facadas foram na barriga da mulher, que estava grávida de cinco meses..” (O Povo, 5 de fevereiro de 2011 – Radar).

Manchetes apresentando casos de homicídios passionais são frequentemente estampadas nos noticiários de circulação diária do país. Um exemplo é a notícia acima, divulgada na edição do jornal *O Povo* do dia 05/02/2012, que relata um homicídio que tem como envolvidos marido e mulher.

O termo *crime passionai* é utilizado dentro do universo jurídico para definir um tipo específico de homicídio, aquele impulsionado pela *passio* (do latim, paixão), em que o crime é concretizado mediante as fortes emoções sentidas no contexto conflituoso. Assim, é característica de tal delito a exaltação das emoções mediante a “perda da razão” dos envolvidos.

A partir dessa definição, a emoção passa a ser um elemento fundamental para a construção de uma análise dos crimes passionais. Nesse

sentido, a pesquisa desenvolvida tem o intuito de produzir uma reflexão acerca dos sentimentos presentes nos relatos de acusados (homens e mulheres) de crimes passionais, buscando compreender o enlace entre violência e emoção.

Sendo os crimes passionais envoltos de uma aura de sentimentos diversos que se entrelaçam (paixão, ódio, poder, desejo, ciúmes), este objeto possibilita desenvolver um estudo sociológico que terá como foco o homicida passional e suas emoções, cuja análise do crime e de seus autores perpassa saber como indivíduos são capazes de atitudes extremadas mediante uma forte emoção e, principalmente, perceber como as emoções são apresentadas nos discursos dos homicidas passionais em relação ao delito.

A pesquisa busca analisar os autores de tais crimes, tencionando perceber quem são estes indivíduos e quais foram suas respectivas motivações para que houvesse a concretização do ato. Neste sentido, o foco da pesquisa é compreender como os protagonistas de crimes passionais justificam sua ação, pensando de que forma sentimentos de paixão, ódio, poder, honra, desejo, ciúmes podem ser identificados nos discursos dos homens e mulheres homicidas passionais como elementos determinantes para a consolidação do assassinato e investigar em que sentido tais sentimentos podem interferir na realização do crime passional.

A investigação proposta busca, assim, observar o modo como os sentimentos do sujeito ultrapassam a linha do conflito interpessoal e tornam-se violência e de que forma fenômenos emocionais aparentemente exclusivos das particularidades do sujeito são, na verdade, influenciados socialmente, mostrando-se fenômenos sociológicos.

Proponho uma reflexão sobre os agressores passionais, tendo como finalidade analisar quem são esses atores, que valores os motivaram e quais os elementos que aproximam e/ou distanciam estes sujeitos. Pode-se dizer que os questionamentos que alicerçam a investigação proposta são: como os sujeitos acusados de cometerem crime passional interpretam sua ação? Como foi desenvolvido o conflito entre os atores envolvidos (agressor e vítima) no momento anterior à prática do crime? De que forma sentimentos como amor,

ódio, poder, desejo, ciúmes podem ser percebidos nas falas de homicidas passionais como justificativa do homicídio?

A proposta metodológica utilizada no desenvolvimento da pesquisa foi pautada em uma abordagem essencialmente qualitativa, uma vez que se fez necessária uma percepção mais aprofundada do *self* e dos sentimentos dos homicidas passionais.

Sendo o objeto de análise constituído por indivíduos transgressores da ordem social regulamentada e, portanto, marcados por um estigma social que dificulta o contato com eles, os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa foram formados por diferentes etapas que possibilitaram o acesso a eles.

(...) o caso em que os informantes são pessoas que cometeram assassinatos favorece, de fato, todas as condições de controle e de mal-estar social, em um contexto que induz uma série de traços simbólicos. (BARREIRA, 2008, p. 35).

Nesse sentido, a pesquisa de campo foi inicialmente guiada por uma tentativa de localizar homens e mulheres acusados de terem efetivado crimes passionais em busca de serem realizadas entrevistas. Para tanto, a estratégia metodológica se deu através da escolha de casos cujos réus já tinham sido julgados e estavam cumprindo suas penas em regime fechado de encarceramento.

Em seguida ocorreu a escolha das Instituições Prisionais a serem utilizadas como lócus da pesquisa. Delimitei como campo de estudos o Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa<sup>1</sup> – IPF e o Instituto Presídio Professor Olavo Oliveira II<sup>2</sup> – IPPOOII. A escolha do IPF foi simples e objetiva, uma vez que se tratava do único presídio feminino localizado no Estado do Ceará. A escolha pelo presídio masculino, entretanto, requereu mais

---

<sup>1</sup> Localizada na quilômetro 27 da BR 116, no município de Aquiraz - CE.

<sup>2</sup> Localizado no quilômetro 17 da BR 116, no município de Itaitinga - CE.

tempo e análise. Apesar de haverem múltiplas opções de presídios e penitenciárias, optei por excluir da lista as Casas de Privações Provisórias<sup>3</sup> – CPPL e as demais instituições que estivessem localizadas em cidades distantes de Fortaleza, como no caso da Penitenciária Industrial Regional do Cariri - PIRC e da Penitenciária Industrial Regional de Sobral – PIRS. Reduzindo a lista de Unidades Prisionais da Secretaria da Justiça e Cidadania do Governo do Estado do Ceará – Sejus, permaneceram como opções o Instituto Presídio Professor Olavo Oliveira II – IPPOOII e o Instituto Penal Paulo Sarasate<sup>4</sup> - IPPS.

Entretanto, uma participação enquanto investigadora numa pesquisa em parceria conjunta entre o Laboratório de Estudos da Violência – LEV e a Prefeitura de Itaitinga viabilizaram a minha inserção ao IPPOOII. Uma das hipóteses da prefeitura era observar os impactos das construções de presídios e a migração de familiares de presos para o entorno da cidade como possíveis fatores capazes de influenciar as situações de conflito e de violência. Assim, a visitação dos presídios seria um elemento de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa.

A possibilidade de adentrar ao IPPOOII através do status de pesquisadora da Universidade Federal do Ceará e da Prefeitura de Itaitinga favoreceu para que eu estabelecesse contatos com a diretoria da instituição e fez com que eu optasse por ela para desenvolver minha pesquisa de mestrado.

O acesso aos presídios (IPF E IPPOOII) foi viabilizado mediante a apresentação de um ofício no qual eu me identificava enquanto aluna do curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e expunha o tema da minha pesquisa. Fui reconhecida como pesquisadora pelas direções dos presídios sem quaisquer empecilhos e pude rapidamente iniciar o trabalho de campo. Aos poucos minha presença foi se tornando constante no interior do IPF e do IPPOOII e pude interagir com os seus funcionários. Dentre os

---

<sup>3</sup> As Casas de Privação Provisória não foram julgadas como opção viável para a pesquisa por terem como pressuposto abrigar apenas internos que se encontram em fase de pré-julgamento

<sup>4</sup> Localizado no quilômetro 27 da BR 116, no município de Aquiraz - CE

diferentes profissionais que atuam no seio das instituições prisionais (psicólogos, advogados, médicos, agentes prisionais, policiais militares, etc.), foram os assistentes sociais os que mais me auxiliaram na inserção ao campo e no acesso aos meus interlocutores. Foram eles que me ajudaram no procedimento de localização de internos que estavam cumprindo pena por terem cometido crimes passionais.

Assim, tive a possibilidade de realizar entrevistas abertas com homens e mulheres que eliminaram fisicamente seus cônjuges, namorados ou amásios. Tais entrevistas foram divididas em dois eixos: uma voltada para a “história de vida”, tendo a função de propiciar uma aproximação e adquirir a confiança do entrevistado; e outra que adentra mais profundamente em todos os âmbitos que se referem ao crime passional. Bourdieu (2002), ao falar de histórias de vida, afirma que temos que “pelo menos pressupor [...] que a vida é uma história” e que “uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”.

Sabendo que a temática analisada é impregnada pela particularidade do sujeito, ou seja, pertencendo a sua intimidade, concordo com Bourdieu quando diz que:

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca. (...) Na pesquisa deve-se compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras. (BOURDIEU, 1996, p.695).

Tendo em vista que a relação pesquisador/pesquisado é estabelecida junto a indivíduos estigmatizados socialmente, a aproximação entre pesquisador e interlocutor foi elaborada gradativa e constantemente, havendo a construção de uma relação de confiança entre pesquisados e pesquisador.

“O passional destrói também sua vida com o ato tresloucado; suas amarguras se multiplicam: além do julgamento judicial e eventual punição, ele sofre a reprovação social e passa a carregar um estigma” (ELUF, 2007, p.14).

Goffman, ao fazer referência à relação entre estigmatizado e não-estigmatizado, classifica-a como mista e diz:

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. (GOFFMAN, 2008, p.23).

Sabendo que as experiências relatadas se referem a uma situação de conflito e violência, optei por uma abordagem que seguiu o ritmo orientado pelo entrevistado, uma vez que tratava-se de experiências densas e, talvez, traumáticas. Nesse sentido, foi necessário considerar mais do que apenas as palavras, mas também os silêncios, os olhares, o não-dito, e ter a certeza de que estes também são elementos repletos de significados, pois como diz Sá (2012):

(...) a violência é narrável até certo ponto. Há do ponto de vista intersubjetivo uma dificuldade de elaboração das bases narráveis dos eventos de violência. Alguns elementos da violência vivida e sentida, sofrida e praticada são inenarráveis ou simplesmente não-narráveis, pertencem ao solo de práticas não-discursivas que embasam os discursos escorregadios dos atores sociais. (SÁ, 2012, p.110).

Uma vez que parte da pesquisa de campo foi realizada dentro de um ambiente predominantemente masculino (IPPOOII), é primordial uma reflexão acerca das mediações necessárias para ultrapassar possíveis interferências pelo fato de eu ser uma pesquisadora do sexo feminino entrevistando homens que cometeram os assassinios de suas esposas ou namoradas. Nesse sentido,

a leitura de relatos etnográficos de outras pesquisadoras mulheres em campos considerados “perigosos” me deu o suporte necessário para uma reflexão de possíveis situações a serem vivenciadas devido à interferência de gênero. Aquino (2010) relata sua experiência enquanto pesquisadora ao entrevistar homens que haviam cometido grandes roubos a bancos.

No universo predominantemente masculino da organização e execução de grandes roubos, o gênero da pesquisadora não foi um detalhe irrelevante. Ao tomar consciência das implicações de ser uma mulher entre assaltantes homens, tive condições de buscar meios de contorná-las, quando foram desfavoráveis ao andamento do trabalho de campo. (AQUINO, 2010, p.71).

Também em minha pesquisa de campo, papéis e visões endereçadas ao sexo feminino tiveram interferência nas interlocuções desenvolvidas. Em alguns casos, esta condição pode ser mobilizada ao meu favor. Por outro lado, quando o fato de ser mulher me parecia desconfortável, procurei romper com tratamentos e concepções dos meus interlocutores sobre estas. (AQUINO, 2010, p.74).

A pesquisa também fez uso de outras frentes investigativas. Dentre estas, o levantamento de matérias veiculadas nos principais jornais do Estado do Ceará (O Povo e o Diário do Nordeste) sobre os casos selecionados e a análise de fonte documental através do estudo dos prontuários institucionais dos homens e mulheres pesquisados. Os dados obtidos por estes meios, entretanto, não serão expostos neste trabalho, tendo em vista que poderiam denunciar a real identidade de meus interlocutores.

No primeiro capítulo, será privilegiada a perspectiva histórico-social dos crimes passionais, percebendo suas mudanças de concepção ao longo dos anos e a influência da estrutura social dentro de um crime reconhecido a partir de uma escala interpessoal. O objetivo deste capítulo, então, é pensar o papel dos valores sociais dentro do conceito de crimes passionais. Para tanto, recorro a autores como Caulfield (2005), Eluf (2007), Corrêa (1981), Delmanto (2000) e Del Priore (2005), que escreveram sobre as mudanças sócio-históricas da condição do homicida passional a partir da perspectiva do direito, da história e da sociologia. São utilizados também os escritos de Corrêa (1981



e 1983), Jimeno (2004) e Lopes (2010) como fonte de embasamento socioantropológico sobre os crimes passionais, percebendo-os como algo diretamente influenciado pela vida em sociedade e incorporado nas atitudes do sujeito. Além disso, também é priorizada a teoria sobre os estudos de gênero de Saffioti (2002), Barreira e Almeida (2011), Pasinato e Santos (2011), Das (2011), Ramos (2010) e Moraes (2011) que propiciam a observação do discurso de distinção entre as dimensões do feminino e do masculino na fala dos agressores passionais a partir de costumes ainda arraigados e reproduzidos na sociedade brasileira. Também nesse capítulo são utilizados os textos de autores que me auxiliam a pensar as emoções como um complexo sociocultural. Para tanto, faço uso dos textos de Breton (2009), Coelho (2012), Koury (2009), Rezende e Coelho (2010), Zamboni (2010).

O segundo capítulo da dissertação é destinado às questões relacionadas aos procedimentos metodológicos e às questões referentes à minha inserção no campo. Busquei abordar minhas expectativas e a preparação para ter acesso aos meus interlocutores. São descritos todos os procedimentos necessários para que eu pudesse entrar “oficialmente” enquanto pesquisadora nas instituições prisionais onde a pesquisa foi realizada. Será neste capítulo que irei informar ao leitor as dificuldades sentidas, os estranhamentos e, posteriormente, familiaridades com um universo até então distante: a prisão. Também serão descritos os primeiros contatos com meus interlocutores, a dinâmica em que foram realizadas as entrevistas e também a receptividade deles para com a pesquisa. Falarei também dos contatos com os agentes burocráticos dos presídios (diretoria, assistentes sociais, policiais militares, etc), buscando evidenciar as situações ocorridas dentro das instituições prisionais, contrapondo os aspectos formais e informais.

O capítulo três é dedicado à apresentação dos homens e mulheres homicidas passionais que se dispuseram a contar suas histórias a partir de suas entrevistas. Assim, o capítulo prioriza o relato de suas histórias, expondo os detalhes dos crimes, mas também apresentando os homicidas para além do crime, ou seja, os apresentando a partir das suas histórias de vida. Tendo por

finalidade manusear os dados obtidos de forma temporal coerente, desenvolvi a apresentação de suas histórias a partir de um texto narrativo. Entretanto, buscando não distanciar o leitor da própria fala dos entrevistados, foram introduzidas ao texto narrativo trechos selecionados das entrevistas e expostos em forma de citações.

Por fim, no capítulo quatro, priorizo a análise dos dados coletados em campo a partir de categorizações de elementos que permeiam a fala dos entrevistados, realizando uma reflexão sobre as diferentes etapas pelas quais os relacionamentos passaram até a efetivação do crime, assim como também como suas consequências. São expostas neste capítulo seis categorias: romances, conflitos, crimes, fugas, arrependimentos, recomeços. Será a partir desses tópicos que desenvolvo um pensamento sobre o modo estes homens e mulheres definem seus relacionamentos amorosos, suas características, vivências e conflitos que culminaram no crime.

## 2 O CRIME PASSIONAL: ENTRE A LEI E A PRÁTICA

A legitimação do uso da violência em casos de adultério esteve presente na história jurídica do Brasil desde seu início, remontando ao período colonial, em que a lei portuguesa, através das Ordenações Filipinas, permitia o assassinato da esposa infiel e de seu amante em caso de flagrante por parte do marido traído e “desonrado”. Ainda que restrita aos casos em que o homem traído pertencesse à nobreza, a lei tornava legítimo o costume instituído, onde a honra ferida deveria ser lavada com sangue. Este direito, vale ressaltar, era exclusivo para homens, não podendo uma mulher matar o marido adúltero.

Achando o homem casado sua mulher em adultério, lícitamente poderá matar assim a ela como o adúltero, salvo se o marido for peão, e o adúltero Fidalgo, ou nosso Desembargador, ou pessoa de maior qualidade. E não somente poderá o marido matar sua mulher e o adúltero, que achar com ela em adultério, mas ainda os pode lícitamente matar, sendo o certo que lhe cometeram adultério. (CORRÊA, p.15,1981).

Na legislação lusa e na sociedade colonial, constatasse a assimetria na punição do assassinio do cônjuge por adultério. Enquanto para as mulheres não se colocava sequer a possibilidade de serem desculpadas por matar maridos adúlteros, para os homens a defesa da honra perante o adultério feminino comprovado encontrava apoio nas leis. O marido traído que matasse a adúltera não sofria qualquer punição. (DEL PRIORE, p.58, 2011).

Pode-se observar que de acordo com o modelo jurídico da época, a honra do homem era dependente do comportamento das mulheres que lhe eram vinculadas por meio de parentesco (sangue) ou casamento. Assim, era exigido das mulheres um comportamento público que denotasse pureza, “retidão de caráter” e obediência, deveres femininos em prol da manutenção do bom nome da família (e do marido) e perpetuação do costume instituído.

Desta forma, cabia à mulher, através de sua castidade e fidelidade, sustentar a legitimidade do sangue, já que este era um fator importante para dizer da honorabilidade tanto de seu pai, quanto de seu marido. A infidelidade feminina era, portanto, perigosa por duas razões; a primeira que seria a desonra ou do pai ou do marido perante a

sociedade, e a segunda que seria o risco dessa traição trazer para o seio familiar filhos estranhos, ilegítimos. (RAMOS, p. 18, 2010).

O advento do Brasil República, assim como o avanço das leis brasileiras, não foi suficiente para modificar tais comportamentos violentos baseados na defesa da honra. Nesse sentido, os debates sobre os crimes contra a honra permaneceram estimulando os juristas republicanos, como nos mostra Caulfield:

A organização e a definição dos crimes contra a honra eram um dos alvos principais das críticas dos juristas republicanos ao código de 1890. Assim como no antigo código de 1830, os conceitos tradicionais sobre honra e moralidade ocuparam um lugar central no novo documento, e a defesa da honra da família ganhou ainda mais destaque. (CAULFIELD, 2005, p. 73).

O Código Penal de 1830, entretanto, muda o pressuposto da morte em caso de flagrantes de adultério, não mais permitindo o assassinio de mulheres e de seus amantes. Apesar da mudança estabelecida, o Código Penal de 1890 possibilitava que fosse concedida a inocência aos réus que alegassem ter cometido o crime “sob um estado de total perturbação dos sentidos e da inteligência” (ELUF, 2007, p. 164), ou seja, agindo segundo a exaltação de suas paixões. Nesses casos, a justiça considerava que o agressor teria reagido mediante uma insanidade temporária, não podendo ser julgado e condenado por seus atos. Deste modo, a justiça proíbe a morte em possibilidade de traição, mas inocenta aqueles que a fizeram.

O Código Penal seguinte, de 1940, invalida a defesa do réu a partir do argumento de “perturbação dos sentidos”, mas logo surgem outras táticas para “perdoar” o crime. Nesse sentido, é acrescentado ao discurso dos réus e de seus agentes de defesa o argumento da *violenta emoção*<sup>5</sup>, em que o acusado dizia ter agido mediante o impulso de seus sentimentos. Ademais, a alegação de *legítima defesa da honra*<sup>6</sup> também era utilizada como justificava dos

---

<sup>5</sup> Artigo 65 do Código Penal

<sup>6</sup> Artigo 25 do Código Penal

acusados para a realização de crimes passionais. No caso de homens, a justificativa se pautava na defesa da honra colocada em jogo pela infidelidade de suas mulheres.

No entanto, sempre esteve claro que a legítima defesa da honra foi um artifício. Os advogados sabiam, perfeitamente, que lei nenhuma no Brasil falava nessa modalidade de legítima defesa, mas os jurados, leigos que são, não iriam decidir com base no exposto de lei, mas de acordo com seus valores culturais. (ELUF, 2007, p.165).

Além disso, os advogados alegavam que os sentimentos primordiais para que houvesse a efetivação do crime (amor e honra) eram “socialmente úteis” (CAULFIELD, 2005), uma vez que se tratavam de categorias que estimulavam a interação social. Além disso, eles afirmavam que os réus tinham sido motivados por circunstâncias específicas, sendo improvável que tornassem a cometer outro crime. Deste modo, os advogados construíam, perante o júri popular, uma imagem dos homicidas passionais que os representavam como bons cidadãos que, num momento de instabilidade emocional, foram capazes de cometer um único desatino, um fato isolado, incapaz de torná-los uma ameaça social.

Por um lado, a atenuante da legítima defesa “da própria pessoa”, apoiada por ambas as doutrinas (clássica e positivista), podia ser interpretada para incluir a “defesa da honra”, já que esta era considerada não somente um patrimônio essencial, mas parte da “personalidade humana”. (...) Eles achavam que essa defesa era humanitária, dado que as ações desses homens haviam sido provocadas por uma reação psicológica que fugia ao controle racional. Além disso, as paixões que inspiravam esses criminosos – o amor e a honra – eram socialmente úteis. Ao mesmo tempo, era pouco provável que os criminosos passionais repetissem o mesmo tipo de crime e, portanto, não era necessário proteger a sociedade contra eles. Sua condição talvez justificasse uma atenção psiquiátrica, mas não a prisão. (CAULFIELD, p. 83-84, 2005).

A utilização de tais argumentos em julgamentos perante o júri popular implicou o alto índice de absolvição de acusados de crime passional, derivado de uma empatia do júri pelos réus. Sobre este fenômeno, Caulfield justifica

dizendo que “as mulheres não puderam integrar os júris até 1932 e a partir de então permaneceram como minoria nas décadas seguintes, a identificação masculina pode, na verdade, ter sido um fator para a simpatia dos jurados”. (2005, p.174)

Como exemplo de homicidas passionais que foram absolvidos durante o período de vigência do Código Penal de 1940, cito os casos de Augusto Carlos Eduardo da Rocha Monteiro Gallo e de Fernandes do Amaral Street. Ambos eliminaram fisicamente suas esposas. No ano de 1970, o Procurador de Justiça Augusto Carlos Eduardo da Rocha Monteiro Gallo matou a facadas sua esposa, Margot Proença, por desconfiar que ela o traía com seu professor de francês. Em sua defesa, o procurador alegou “legítima defesa da honra”. Augusto foi absolvido em dois julgamentos. Outro exemplo de crime passionais em que o réu foi absolvido é o caso de Raul Fernandes do Amaral Street (Doca Street). No ano de 1976, em meio a uma de tantas discussões do casal, Ângela Diniz decide terminar o relacionamento. Inconformado com a situação, Doca afirma que ama que eles devem ficar juntos. É quando a namorada diz que se ele quiser namorá-la é para ser corno. Tendo consigo um revólver, ele atira em Ângela, que morre. Em sua defesa, Doca alegou que a “matou por amor”. No primeiro julgamento, o réu foi absolvido. Entretanto, a decisão tomada pelo juiz gerou revolta e manifestações de diversos movimentos sociais. Dois anos após o acontecido, a promotoria recorreu da decisão sob o argumento de que “quem ama não mata”. Desta vez, Doca foi julgado e condenado a 15 anos de detenção. (ELUF, 2007).

O advento da Constituição Federal de 1988 muda significativamente o panorama da “legítima defesa da honra”, uma vez que equipara homens e mulheres em direitos e obrigações, proibindo qualquer tipo de discriminação da figura feminina. Delmanto (2000), ao interpretar o artigo 25 do Código Penal, que faz referência à “legítima defesa da honra conjugal”, destaca o fato de uma pessoa não poder ser a responsável pela honra de outra. Assim, Eluf (2007, p.168) afirma que “nossos tribunais não têm mais aceitado a tese de legítima defesa da honra. A honra é um bem pessoal e intransferível; a mulher não porta a honra do marido ou vice-versa”.

A legislação jurídica vigente, no Brasil, não admite a isenção de culpa daqueles que alegam ter cometido um crime diante da “privação de sentidos e da inteligência” ou diante de uma “forte emoção” (Delmanto, 2000). Desse modo, o argumento de defesa utilizado perante o Júri passou a ser de que o réu não teve domínio de suas emoções, tornando impossível sua ação racional e ética no momento do crime. Assim, a “violenta emoção” passou a ser considerada atenuante e não mais justificativa para a efetivação do crime (Delmanto, 2000).

Estudos recentes como o de Ramos (2010), que realiza uma pesquisa sobre a alegação de legítima defesa da honra nos tribunais de Minas Gerais, e de Teixeira e Ribeiro (2008), que avaliam a utilização do argumento da defesa da honra em Natal, demonstram que advogados e réus continuam a acionar tal justificativa, ainda que não seja juridicamente aceita.

Durante nossa pesquisa sobre os assassinatos contra as mulheres por seus companheiros ou ex-companheiros e o uso da alegação da legítima defesa da honra por eles, pudemos perceber que tanto essa construção das mulheres, quanto o uso dessa alegação não fazem parte apenas de um passado longínquo, já esquecido. Pelo contrário, essas duas posições, ainda hoje, são reiteradas através de estratégias discursivas de poder e dos atos rotineiros de violência sofridos pelas mulheres. Isso pôde ser notado na análise feita dos acórdãos da jurisprudência mineira. Neles, tanto essa construção das mulheres, como a alegação da legítima defesa da honra puderam ser observadas nas estratégias utilizadas pela defesa do réu. Estratégias essas que têm como objetivo apagar a cena brutal do assassinato das mulheres dando, assim, ênfase às suposições preconceituosas que constroem a mulher como adúltera, de vida fácil e desqualificada perante o homem dito de “bem”. (RAMOS, p. 126, 2010).

(...) observamos que a “legítima defesa da honra” ainda está presente nas teses da defesa dos crimes nas relações afetivo-conjugais em Natal. No entanto, essa argumentação não obteve sucesso na absolvição dos homicidas nos casos analisados nesta pesquisa. Diferentemente do que ocorria na década de 80, na qual essa argumentação era fundante para absolvição dos acusados, passadas quase três décadas, é possível observar a mudança no judiciário no que se refere a esse tipo de julgamento em Natal. Apesar desse argumento ter sido utilizado para justificar o assassinato dessas mulheres, todos os homens nos casos estudados foram condenados. (TEIXEIRA, RIBEIRO, p.174, 2008).

Nota-se, deste modo, que apesar das modificações ocorridas nas leis brasileiras, o argumento de legítima defesa da honra continua sendo acionado por advogados como mecanismo de defesa de homens acusados de terem cometido crimes passionais, ainda que esta justificativa não venha a obter a absolvição do réu.

## **2.1 Conhecendo o crime e o criminoso: os estudos sobre os homicídios passionais**

Os escritos sobre crime passional dentro do contexto brasileiro são muitos. Entretanto, por se tratar de um assunto que diretamente está relacionado ao universo jurídico, grande parte dos trabalhos que abordam o tema foi redigida por representantes da área do Direito. Assim, trata-se de artigos e livros que desenvolvem uma análise do posicionamento da justiça quando réu e advogados utilizam como estratégia de defesa a justificativa de legítima defesa da honra e de violenta emoção. Exemplo disso é o texto redigido pela procuradora da justiça do Estado de São Paulo Luiza Eluf, que no livro *A Paixão no Banco dos Réus* (2007) disserta sobre a elaboração do discurso da legítima defesa da honra nos tribunais de júri brasileiros. No livro, são retratadas as histórias de quatorze crimes passionais ocorridos no Brasil e que tiveram grande repercussão. Dentre as histórias relatadas por Eluf, estão os casos de Euclides da Cunha, Doca Street, Lindomar Castilho, Dorinha Durval, Guilherme de Pádua e Pimenta Neves.

Ao longo de sua obra, Eluf demonstra que “a tese de legítima defesa da honra nasceu no Tribunal do Júri, criada por astutos advogados de defesa que pretendiam alcançar a absolvição de clientes acusados de crimes passionais” (2007, p.XVI). A autora defende a ideia de que o crime passional, desde a construção de sua definição até sua aceitação pelo júri, está diretamente relacionada ao machismo e ao patriarcalismo, que segundo a autora se fizeram presentes na realidade brasileira e foram, por muito tempo, instituídos em



forma de leis. Para ela, a passionalidade é um fenômeno essencialmente masculino.

(...) mulheres, geralmente, não matam. Existem casos, mas são raros. Mulheres são menos afeitas à violência física. A história da humanidade registra poucos casos de esposas ou amantes que mataram por se sentirem traídas ou desprezadas. Essa conduta é tipicamente masculina. (...) É ainda muito grande o número de mulheres que morrem e muito pequena a quantidade delas que matam. Um levantamento feito pela organização não governamental “União de Mulheres de São Paulo”, em 1998, com base em dados das Delegacias de Polícia, concluiu que pelo menos 2.500 mulheres são mortas, por ano, no país, vítimas de homicídios passionais. (ELUF, p. XIII - XIV, 2007).

A autora conclui dizendo que a paixão não é o centro motivacional dos crimes passionais, mas que estes são, ao contrário, estimulados pelo ódio, possessividade, ciúme, busca por vingança. E encerra seu texto dizendo que a tese da legítima defesa da honra é um artifício inconstitucional e pautado na discriminação de gênero, que não é mais aceito nos tribunais de júri brasileiros, mas que ainda continua permeando a fala de homens que seguem em busca de justificativa para seus crimes.

No universo sociológico brasileiro, apesar de existir uma literatura abrangente sobre os fenômenos da violência, poucos trabalhos abordaram especificamente a temática dos homicídios passionais. Dentre eles, os estudos de Mariza Corrêa se tornaram referência pelo pioneirismo de sua iniciativa e, posteriormente, por sua abordagem sociológica dos crimes passionais a partir da análise dos processos judiciais de “homicídios entre casais, legal ou consensualmente estabelecidos”.

Em seu livro *Os Crimes da Paixão* (1981), Corrêa tem por objetivo possibilitar uma reflexão sobre homens e mulheres que são julgados pelo assassinio de seus companheiros. Ela apresenta seu trabalho como uma forma de contribuição para a compreensão do crime e do criminoso, com a finalidade de diminuir o índice de impunidade de homens e mulheres que se diziam vítimas de suas paixões. É importante lembrar que as contribuições de Mariza

Corrêa foram realizadas há mais de trinta anos, sendo anteriores as alterações constitucionais de 1988.

Os crimes do ano passado são substituídos por crimes deste ano; os nomes de Christel Arvid Johnston e Eliane de Grammont ocupam o lugar dos de Jô de Souza Lima ou de Ângela Diniz nas manchetes; o público corre às bancas de jornais para acompanhar o julgamento de seus assassinatos como se fosse o último capítulo de uma novela de sucesso. (...) em qualquer cidade do Brasil, é possível encontrar exemplos mais atenuados destes casos sendo discutidos todos os dias, encontrar homens (e mulheres) sentados nos bancos dos réus, enfrentando a acusação da morte de seus companheiros. Talvez tão importante como lutar pelo fim da impunidade dos autores daquelas mortes, seja o esforço para tirar da obscuridade a lógica que preside estes julgamentos, tentando responder à questão de por que somente a um tipo de homicídio parece ser oferecido de antemão o privilégio da impunidade. (CORRÊA, p. 7-8, 1981).

A autora inicia o texto desenvolvendo um aparato das transformações históricas e políticas que envolveram a construção do conceito de crime passional e de sua percepção pela esfera jurídica do país. Para isso, busca auxílio em documentos históricos, como Constituições, Códigos Penais, Revistas especializadas e artigos jurídicos, entre outros. Para ela, “a história do crime passional no Brasil está estreitamente vinculadas à história do júri e do direito penal”. (CORRÊA, p.14, 1981).

A partir dos dados considerados, Corrêa caracteriza os homicídios passionais como crimes essencialmente masculinos, embora também tenham sido atribuídos à mulheres a partir das décadas de 40 e 50, que eram apresentadas ao júri e ao público segundo da ideia de que eram “esposas traídas, amantes enganadas e mulheres vingadoras”, que cansadas de sofrerem violências de seus companheiros, mataram.

É como se os jurados, reconhecendo sistematicamente às mulheres a condição de vítimas na relação com seus companheiros, decidissem que elas mataram para não ser mortas, reconhecendo assim o reverso do argumento utilizado no caso dos homens acusados. Isto é, que a boa esposa, tendo sofrido a sua dose de maus-tratos, tem direito à vida, ao passo que a má esposa, definida em primeiro lugar pela sua infidelidade ao marido, não tem esse direito. (CORRÊA, p.79, 1981).

A absolvição dessas mulheres torna-se importante por ser capaz de perpetuar o modelo ideal de homens e mulheres numa relação afetiva. Ou seja, aqueles que matam, mas que seguem “os preceitos do bom esposo (a)” têm direito ao perdão, caso contrário, não.

Em todos os casos, sejam homens ou mulheres os acusados, é uma mesma imagem ideal de mulher que emerge dos processos: a esposa fiel, boa dona de casa e boa mãe de família, ou o seu reverso. (...) E é também uma mesma imagem ideal de homem: o cidadão trabalhador, o marido provedor do lar, o bom pai. Isto é. Acusação e defesa utilizarão os mesmos parâmetros para a apresentação de acusado e vítima, apenas negando ou afirmando que a pessoa em questão possuía os atributos discutidos. (CORRÊA, p.80, 1981).

Dois anos após seu primeiro estudo, Corrêa retoma suas análises sobre os homicídios passionais, desta vez com o livro *Morte em Família* (1983). Seu objetivo, agora, será o de perceber a “construção social dos papéis sexuais numa sociedade de classes”. Para tanto, ela toma processos judiciais referentes a crimes passionais realizados na cidade de Campinas – SP entre os anos de 1952 a 1972 como fontes para suas análises.

Uma reflexão que se iniciara pelo meu interesse, como mulher, em entender um pouco melhor as maneiras como nossa sociedade define as mulheres e delimita o lugar que lhes cabe em nossa estrutura social, foi atravessada pela reflexão sobre outra face da violência. Não mais uma violência cotidiana, lentamente construída através dos anos em que uma criança se transforma em mulher e aprende a tornar-se vítima, ou uma violência mortal que parece acumular todas estas pequenas submissões e agressões e explode de repente, ele própria agressora, mas uma violência institucional e sistemática, não dirigida apenas contra as mulheres, mas contra toda uma classe. (CORRÊA, p.15, 1983).

O texto de Corrêa aproxima o leitor das etapas de julgamento pelas quais os réus passam até serem julgados: inquérito policial, denúncia, investigação, testemunha de acusação e defesa, júri. Este procedimento não só esclarece a dinâmica exigida no processo de julgamento como também

indica as verdades que vão sendo construídas através de cada fase do julgamento. Como ela mesma diz, o objetivo da pesquisa não é trazer a verdade à tona, mas expor as diferentes versões dos fatos que são escolhidas para virem à superfície no decorrer das audiências.

(...) no momento em que atos se transformam em autos, os fatos em versões, o concreto perde quase toda sua importância e o debate se dá entre os atores jurídicos, cada um deles usando a parte do “real” que melhor reforce o seu ponto de vista. Neste sentido, é o real que é processado, moído, até que se possa extrair dele um esquema elementar sobre o qual se construirá um modelo de culpa e um modelo de inocência. (...) os atores jurídicos têm plena consciência da manipulação que realizam todo o tempo. Um promotor, esgotada sua argumentação jurídica, onde tentava mostrar que o processo segue apenas linhas premeditadas, diz afinal: “claro, por último, existem sempre três versões: a sua, a minha e a verdadeira”. (CORRÊA, p.40-41, 1983).

É nesse sentido que Corrêa vai traçando as estratégias do delegado, do advogado, do promotor, do juiz e dos jurados. Somente neste momento a pesquisadora irá transmitir suas considerações sobre os réus. Segundo os resultados apresentados, dentre os casos masculinos, as principais categorias de motivos ou temas percebidos como agentes motivacionais do crime foram: infidelidade (ou suspeita), abandono da mulher, briga (agressão mútua) e negação, sendo a primeira a mais recorrente. Ainda segundo os dados processuais, as brigas e a maior parte das agressões ocorriam entre casais com relacionamentos estáveis, sempre no ambiente doméstico e as penalidades de maior intensidade foram dadas aos homens que alegaram abandono da mulher, enquanto que os homens que justificaram o crime sobre o pretexto de infidelidade receberam penas menores ou foram absolvidos.

Sobre os casos em que há a absolvição, Corrêa diz que a imagem do crime foi preenchida negativamente pela vítima e positivamente pelo acusado, sendo este liberto. Estes homens serão apresentados como cidadãos trabalhadores, enquanto suas mulheres como esposas infiéis, incapazes de educar os filhos e cuidar da casa e do marido. Assim, os aspectos positivos ressaltados da conduta masculina serão consequência de sua atuação pública,

enquanto que os das mulheres farão referência aos seus comportamentos domésticos, a partir da realização de seus afazeres familiares.

A representação do homem com signos positivos deriva basicamente de sua extensão do homem útil ou “cidadão honrado”. A apresentação da mulher deriva principalmente de sua posição na representação conjugal, a sua imagem pública é uma extensão da sua imagem doméstica, da sua desobediência aos deveres da mulher no casamento, A mulher aqui é caracterizada como “errada” ou “puta”; o homem como “homem honrado” e o contrário do “corno manso”. A mulher será repudiada, sua morte sendo legitimada pelos julgadores; o homem será aceito e seu crime absolvido. (CORRÊA, p.237, 1983).

Especificamente sobre os casos femininos, a pesquisa indica que tratavam-se de crimes ocorridos no ambiente doméstico, sendo este permeado por brigas e relatado como um lugar de maus-tratos físicos e verbais, sendo o crime uma consequência de um ambiente já conflituoso.

A investigação também indica que o número de maritcidas<sup>7</sup> absolvidas pelo júri foi consideravelmente maior do que o índice de uxoricidas<sup>8</sup>, uma vez que era construído pelos advogados de defesa o discurso de que a boa esposa havia matado para preservar o direito a sua própria vida. De 15 mulheres levadas a júri, nove foram absolvidas, enquanto dos 35 homens julgados, apenas quatro foram considerados totalmente isentos de culpa.

Por fim, a autora conclui dizendo que um processo de homicídio entre casais apresenta relações sociais que jamais poderão ser completamente explicitadas, uma vez que têm sua imagem incompleta ao serem expostas no júri. O dito, o escrito e o julgado constroem versões de um crime e apagam outras.

Outro trabalho que aborda a temática dos crimes passionais a partir da premissa sociológica é o de Lopes, onde a autora propõe como objetivo “analisar o papel da honra em casos de homicídios passionais” (2010, p.255).

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada no universo jurídico, tanto por advogados como por promotores, que se refere a mulheres que matam seus maridos e incorporada pela autora em seu texto.

<sup>8</sup> Expressão utilizada no universo jurídico, tanto por advogados como por promotores, que se refere homens que matam suas esposas e incorporada pela autora em seu texto.

Partindo da certeza de que nos casos deste tipo específico de crime quase sempre é invocada um honra feminina e uma masculina, a autora decide analisar o impacto deste argumento sobre a avaliação do júri. Assim como o trabalho de CORRÊA (1983), a autora também prioriza a descrição do ambiente (mobiliário) de julgamento, assim como o posicionamento/localização na sala dos envolvidos (advogados, promotores, réu, juiz, policiais, júri), as vestes dos operadores da lei e, principalmente, a construção dos argumentos de defesa e acusação.

A partir de observações realizadas na ritualização do tribunal de júri, Lopes afirma que a honra segue sendo invocada como agente motivador do crime, havendo também no passional uma necessidade de exercer uma dominação e uma preocupação com sua reputação.

Outro tópico interessante no trabalho da autora diz respeito à percepção que o júri faz do acusado. Segundo ela, a partir de estratégias elaboradas por promotores e advogados, o réu terá maior probabilidade de gerar empatia ou repulsa nos jurados. Assim, nos crimes passionais, o papel das emoções não estaria restrito ao crime, mas também sendo evocado como mecanismo manipulador utilizado por defesa e acusação em prol do beneficiamento do júri. Por esse motivo, cria-se uma necessidade de construir um discurso impactante, capaz de atrair a atenção do corpo de jurados. Além das falas dos operadores da lei, aspectos visuais também são apontados pela pesquisadora como elementos capazes de influenciar a opinião do júri, tais como a roupa do acusado. O uso de roupas informais, sujas ou amassadas transmite a impressão de que o réu não deu a devida atenção ao seu julgamento, menosprezando o crime cometido e as consequências que dele decorrerão. Assim, a alegação de defesa da honra por parte do réu deve ser reforçada e amparada por recursos externos ao crime, como a construção da defesa, aparência do acusado e expressão corporal. Nas palavras da autora:

A sociedade não age somente nos atos previstos nos códigos e normas jurídicas, restando quase sempre um espaço não alcançado na descrição de um crime, que nas falas da defesa e da acusação, durante um julgamento, servem para estabelecer conexões com a

sociedade representada pelo Conselho de Sentença. O júri considera, por meio da leitura, o que está nas peças, o que a lei determina, o que está codificado pelo Direito, mas as palavras, os gestos, as entonações, e as emoções extrapolam esse conjunto. Narrar, interpretar um crime, levando em consideração as vivências do Conselho de Sentença, pode produzir uma sintonia com o autor desse tipo de fala, levando os jurados à opção por seguir esse raciocínio. (LOPES, p. 273, 2010).

Por fim, destaco, em especial, a pesquisa de Jimeno (2004), intitulada *Crime Passional: contribuição a uma antropologia das emoções* (tradução minha). A investigação da autora visa compreender o papel das emoções nos crimes passionais. Para tanto, ela desenvolve um trabalho comparativo entre Brasil e Colômbia a partir de entrevistas com assassinos e assassinas passionais dos dois países.

A tese central da obra de Jimeno é a de que os crimes passionais constituem uma construção cultural que se naturaliza a partir de um conjunto de dispositivos discursivos que dão sentido às ações pessoais e institucionais. Tais dispositivos discursivos seriam, para ela, alocados nos relatos de experiências pessoais, como na interpretação normativa que opõe razão e emoção. O crime passional, assim, iria além de delimitações de país e raça, fazendo parte de processos históricos de construção dos sujeitos sociais que são estimulados social e culturalmente a domesticarem suas expressões emocionais, entendidas como algo que se opõe à razão e à civilidade.

Inspirada na teoria de Elias, Jimeno faz uso do conceito de *configuração emotiva* e dirá que se refere à compreensão de que pensamentos e sentimentos, percebidos como elementos característicos da consciência individual, são socialmente compartilhados e culturalmente construídos, integrando um conjunto de *habitus* sociais e individuais que permeiam, inclusive, as relações amorosas. Assim, as emoções afetivas estariam relacionadas ao ambiente cultural. Para Jimeno, a configuração emotiva permitiria perceber razão e emoção como partes de uma mesma unidade e não como lados opostos de uma moeda.

O crime passionnal está inscrito numa configuração cuja característica central é a oposição emoção/razão. Segundo este complexo de sentimentos e pensamentos, o uso da violência “emocional” é relativamente desculpável, pois nela não interfere a razão. Esta configuração não é um produto específico colombiano ou brasileiro, mas um processo histórico sobre a emoção e a constituição dos sujeitos humanos modernos, segundo os modelos ideais de homem e mulher. Tendo, claro, acentuações próprias dos circuitos culturais latino-americanos. (JIMENO, 2004, p.242, – Tradução minha).

Especificamente sobre os crimes passionais, a autora dirá que Brasil e Colômbia apresentam similaridades sobre o modo como o avaliam criminalmente. Nos dois países ele é caracterizado como um crime contra a vida, mas que, por apresentar a especificidade de ser envolto por emoções, é perdoado ou amenizado. Elaborar-se, desde modo, a concepção de que se trata de um crime que “qualquer pessoa” pode cometer, merecendo, portanto, a absolvição ou a redução da pena.

Utilizando como metodologia a realização de entrevistas com homens e mulheres homicidas passionais, assim como de amigos e familiares de vítimas, Jimeno aponta que, apesar de se tratar de um crime em que se alega a perda da racionalidade e da experimentação de uma forte emoção, os crimes passionais são permeados por brigas cotidianas estabelecidas pelo casal. Nesse sentido, ela dirá que se trata de um falso crime inesperado, sendo na verdade, um crime anunciado (inspirado no texto de Garcia Marques, 2006) em cada conflito do casal que antecedeu o desfecho trágico.

Todos os textos apresentados tem em comum o fato de discorrerem especificamente sobre os crimes passionais e trazem análises que ressaltam aspectos inerentes à concepção do crime a partir da lei e de sua relação com a vida social. Se nesse momento eles foram utilizados de forma expositiva, posteriormente, no Capítulo IV serão de grande ajuda nas reflexões sobre os casos dos homens e mulheres homicidas passionais que compõem este trabalho.



## 2.2 Crime passional: uma questão de gênero?

Sabe-se que a maioria dos casos de violência doméstica e familiar é praticada por homens que agredem as mulheres com quem mantêm uma relação afetiva (sexual ou não). Saffioti (2002) diz que apenas 1% dos casos de violência familiar é efetivado por mulheres, de modo que estas geralmente são o agente agredido e não o agente agressor.

Estatísticas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no final na década de 1980 apontaram um índice significativo de violência doméstica e familiar sofrida pelas mulheres brasileiras, constatando que 63% das agressões físicas sofridas ocorrem dentro do âmbito familiar e entre pessoas que se relacionavam afetivamente. A pesquisa também indica que 11% das brasileiras já foram espancadas ao menos uma vez e que 31% das entrevistadas tinham sofrido agressões recentes, cerca de doze meses antes da efetivação da pesquisa. (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 2008).

Dados da Organização Mundial da Saúde divulgados no relatório pela Anistia Internacional em 2004 indicam que 70% dos assassinatos de mulheres no mundo são realizados por homens com que elas tinham ou haviam tido algum envolvimento amoroso. Especificamente sobre o Brasil, o relatório afirma que a cada 100 mulheres brasileiras que são assassinadas, 70 morrem no âmbito das relações domésticas. O mesmo relatório indica que no Brasil a cada 15 segundos, uma mulher é agredida e que no mundo, uma a cada três mulheres é vítima de violência doméstica ao longo de sua vida. (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MATO GROSSO, 2008).

Barreira (2008), ao falar da violência urbana e mais especificamente sobre crimes sucedidos em família, diz:

A casa, vista como espaço sagrado, construtora de laço de lealdade, cumplicidade, segredo e confiança, irrompe na esfera pública da

maneira mais violenta e cruel possível, deixando transparecer o que sempre é negado: o ódio, a inveja, a vingança e o crime. (BARREIRA, 2008 p. 242).

É percebida legalmente como violência doméstica aquela que ocorre dentro do espaço doméstico, em meio à familiares, pessoas que moram juntas ou que frequentam assiduamente tal ambiente e que participam com regularidade da vida familiar dos moradores da casa. Portanto, podem ser considerados “atores domésticos” pais, mães, filhos, namorados, namoradas, ex-maridos, ex-mulheres e irmãos. Nesse sentido, adéquam-se à categoria indivíduos que, mesmo não morando na mesma casa, têm uma relação de afeto.

Eluf (2007), a partir do levantamento de uma organização não governamental, diz que o número de mulheres que matam ainda é bastante inferior à quantidade delas que morrem e aponta que, dentre as mortas no ano de 1998, 2.500 foram vítimas de crimes passionais. Dentro do contexto cearense, Barreira e Almeida (2011) indicam a partir de dados do jornal O Povo, que em 2006, das 104 mulheres assassinadas no Ceará, 46% sofreram homicídios passionais.

Apesar da ausência de números oficiais atuais que expressem com precisão o índice de homicídios passionais, sabe-se que se trata de um crime efetivado com maior frequência por homens, havendo pouca incidência de mulheres assassinas passionais. Neste sentido, a reflexão sobre violência doméstica ou de gênero<sup>9</sup> deve ser pensada como um aspecto intrínseco ao tema. Assim, apesar de não desenvolver um trabalho específico sobre esta temática, considero que algumas reflexões sobre ela devem ser feitas, de

---

<sup>9</sup> O uso da categoria gênero é utilizado seguindo a reflexão proposta por Butler, que rompe com a premissa de que o sexo é natural e que o gênero é um produto da cultura. Nas palavras da autora, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. (BUTLER, 2012, p.25). Assim, estabelecer uma relação dicotômica entre sexo e gênero seria produzir uma diferenciação que, em essência, não existe, já que tratam-se de dois conceitos intrínsecos e uníssonos.

modo a auxiliar a compreensão das falas de meus interlocutores sobre seus relacionamentos afetivos.

Por muito tempo, agressões físicas e psicológicas sofridas por mulheres no seio de suas relações familiares e domésticas foram consideradas assuntos de ordem privada, recebendo pouca ou nenhuma assistência dos órgãos públicos. Mesmo os estudos acadêmicos sobre o tema demoraram a emergir dentro das teorias sociais.

Pensando nesse assunto, Pasinato e Santos (2011) esclarecem que a problematização da violência contra mulheres no contexto brasileiro surge com maior intensidade no cenário teórico sociológico apenas nos anos 80, quando a violência contra as mulheres passa a ser pensada como uma problemática social, que deve ser analisada como um constructo sociocultural. É a partir desta tomada de consciência que surgem no Brasil os primeiros estudos que priorizam a relação familiar como temas centrais de análise. Avaliando os estudos de violência contra a mulher no Brasil ao longo das décadas, as autoras definem três correntes teóricas: a dominação masculina (que defende a linha de análise de que a mulher é subjugada ao poder da dominação masculina, exercendo pouca ou nenhuma autonomia na relação do casal), a dominação patriarcal (a violência contra a mulher é consequência da herança patriarcal, em que o homem é validado historicamente a se sobrepor, limitando a liberdade da mulher) e a relacional (a condição da mulher dentro do cenário de violência sofrida por ela é percebida como um ato de cumplicidade. A mulher seria cúmplice da relação assimétrica por ela vivenciada).

Embora os estudos sobre a violência nos relacionamentos afetivos sigam vertentes diferentes, todos eles possibilitam a reflexão sobre a percepção que é construída do ser homem e do ser mulher, apontando o contexto social como elemento gerador de definições e desnaturalizando a condição masculina e feminina. Veena Das, por exemplo, dirá que “o eu feminino é construído de acordo com os paradigmas culturais dominantes” (2011, p.18), podendo, assim, ser modificado e reincorporado conforme modificações sociais.

Precisamos perguntar não só como a violência étnica ou comunal foi perpetrada por atos de violação específicos de gênero, como o estupro, mas também como as mulheres tomaram esses signos nocivos de violação e o re-ocuparam através do trabalho de domesticação, ritualização e re-narração. (...) No entanto, a própria formação por parte das mulheres, de suas posições de sujeitos, embora atoladas nessas construções, não é completamente determinada por elas. (DAS, p.11, 2011)

(...) o eu feminino é construído de acordo com paradigmas culturais dominantes. Isso é verdade – mas veremos que as representações culturais não são completamente gravadas no eu. Se o contexto social se alterar repentinamente, a própria mulher ou outros no seu mundo social podem evocar uma definição diferente da “necessidade” feminina. Assim, as vidas individuais são definidas pelo contexto, mas são também geradoras de novos contextos. (DAS, p.17, 2011)

Quando paradigmas sociais dominantes passam a ser questionados, os conceitos passam a ter a possibilidade de serem modificados. Um exemplo disso se refere à percepção do racional e do emotivo como elementos opostos, destinados separadamente a homens e mulheres. Se antigamente a mulher era destinada a sentir, ao homem caberia o dever de raciocinar. Deste modo, o ambiente doméstico era da mulher, do mesmo modo que o trabalho era específico do homem. Tal contexto pode ser encontrado nos textos de Ramos (2010) e Moraes (2011). Segundo as autoras,

A ela (mulher) não era dado o direito ao estudo, enfim à vida social, cabendo à mesma aprender desde nova suas reais qualificações, que eram o cuidado da casa, do marido (da honra deste) e dos filhos. Isso acontecia porque a racionalidade não era um atributo que fazia parte do universo feminino, mas sim a sensibilidade. Sem ter o direito à fala e à vida pública, atributos que qualificam o humano, restou à mulher viver anulada e restringida à esfera privada, não tendo o direito de se tornar um sujeito autônomo. (RAMOS, p.24-25, 2010).

O Código de 1916 estabelecia caber ao marido a “chefia”, vale dizer, a administração dos bens, manutenção material da família, direito de fixar residência, enquanto à mulher era outorgada a função de ser a “companheira, consorte e colaboradora” do chefe da família, “cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta”. (MORAES, p.411, 2011).

Para Barreira e Almeida (2011), a violência doméstica é permeada por silêncio e visibilidade, pois, ao mesmo tempo em que a mídia denuncia, muitas mulheres seguem caladas mediante o cotidiano violento por elas vivenciado. Para as autoras, o silêncio é repleto de significados e expressam o medo e a naturalização de uma dominação perpetuada nas diferenças entre os sexos.

(...) o silêncio, antes de ser ausência ou falta de sentido, pode significar muitas coisas. O medo de falar (mais comumente percebido), a naturalidade da dominação presente na muda obediência, ou a falta de linguagem para exprimir o que parece estar no reino das ações consideradas “desumanas”. (...) Superar o silêncio das coisas sentidas, sabidas, mas não ditas, significa observar que as narrativas sobre violência percorrem caminhos com várias entradas. (...) a violência contra as mulheres está também inserida em um tecido social mais amplo, que diz respeito às diferenças entre sexos, às classificações, aos sentidos da dominação masculina e às formas mais sutis ou silenciosas de sofrimento que vão se consolidando e dando feição à brutalidade mais visível que se apresenta nas notícias”. (BARREIRA, ALMEIDA, p. 210, 2011).

Quando este tipo de violência passa a ser visibilizada, exposta, o olhar público pode se voltar para ela, se impondo a partir da sistematização de estratégias e sanções capazes de interferirem efetivamente na realidade. Exemplos disso foram a institucionalização da Lei Maria da Penha e das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), que não apenas possibilitam punições específicas, mas também contribuem para um melhor entendimento sobre as violências que as mulheres são expostas. Foi a partir desse contexto que, por exemplo, pode-se perceber que este tipo específico de violência segue “ações em cadeias. Primeiro as vítimas recebem ameaças, depois passam a sofrer lesões leves. Posteriormente, tornam-se vítimas de espancamentos mais contundentes, até o momento em que correm risco de morte”. (BARREIRA, ALMEIDA, p. 212, 2011).

Para as autoras, as violências realizadas contra as mulheres estão diretamente relacionadas com comportamentos perpetuados dentro de uma sociedade histórica que define uma percepção do ser-homem e do ser-mulher. Meninos e meninas receberiam, assim, responsabilidades e características socialmente atribuídas e exercidas a partir de um poder simbólico.

A mulher foi violentamente sufocada pelo amor romântico e pelo papel feminino de manter a família unida. Ela precisava ser o modelo de responsabilidade e honestidade tendo em vista assegurar o prestígio da família, enobrecendo e enchendo de autoridade o homem. Era o alicerce da imagem pública do marido “bom, correto, cumpridor de seus deveres”. Para realizar tamanha tarefa precisava manter seus sentimentos na intimidade e seus desejos contidos no próprio corpo, anulando-o em favor da alma sã e casta. (BARREIRA, ALMEIDA, p. 220, 2011).

Assim, a tensão entre submissão e luta por liberdade e direitos será uma característica desse processo em que se almeja uma mudança de relações sociais há tanto tempo estabelecidas.

A reflexão sobre a violência de gênero, a partir dos textos selecionados, propicia a possibilidade de perceber não apenas o ser-homem e o ser-mulher como criações sociais, mas também as próprias relações afetivas e as expressões emocionais. É nesse sentido que, mais à frente, esta discussão auxiliará no desenvolvimento de uma reflexão sobre os relacionamentos dos homens e mulheres protagonistas desta pesquisa.

### **2.3 Cultura e emoção: uma associação possível**

Sendo o crime passional carregado por uma aura de sentimentos intensos, faz-se necessário também o desenvolvimento de uma sociologia das emoções. A análise das emoções no seio dos crimes passionais será pautada a partir do pressuposto de que o conflito emocional de um indivíduo também é influenciado pelo contexto sociocultural em que ele está inserido. Assim, faço referência a Breton (2009), que em sua produção intelectual, ao fazer reflexões acerca da emoção, afirma que:

A afetividade parece, em primeiro contato e de acordo com o senso comum, um refúgio da individualidade, um jardim secreto onde se cristaliza a intimidade de onde brota uma indefectível

espontaneidade. Mas, mesmo quando ela é sincera e genuinamente oferecida, a afetividade permanece uma emanção característica de certo ambiente humano e de determinado universo social de valores. (BRETON, 2009, p. 112-113).

O estudo das emoções se fez presente na sociologia como disciplina científica. Entretanto, a categoria emoção era trabalhada como um fundamento social implícito. Para Durkheim, por exemplo, a análise das emoções pode ser observada em obras como *As Regras do Método Sociológico* (1982), em que o autor expõe a emoção como um produto social, submetida e negociada por processos mentais e fisiológicos no percurso particular de vivência do indivíduo. Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1996), o mesmo autor indica que todo e qualquer princípio social é produto da sociedade, sendo a categoria emoção também um constructo social observado nas ações individuais e coletivas.

Weber também se debruçou sobre a análise das emoções. Em sua abordagem, elas podem ser percebidas através da interação social dos indivíduos, sendo observadas como elementos capazes de favorecer a vida social. Para o pesquisador, toda ação do indivíduo é dotada de sentido, produzindo emotividades ou mesmo sendo produto das próprias emoções. A história seria o resultado dos indivíduos em ação, sendo suas subjetividades de fundamental importância para a criação social. (WEBER, 1991).

A percepção das emoções se fez presente na análise sociológica clássica, ainda que de forma discreta ou indireta, exercendo um papel coadjuvante na história da mesma. A sociologia das emoções como campo disciplinar, entretanto, surge na década de 1970, nos Estados Unidos e na Inglaterra, tendo o intuito de uma análise sociológica para além da linearidade e buscando denotar os fenômenos emocionais como fenômenos sociológicos. No Brasil, a emoção era tratada como objeto secundário de análise, sendo trabalhado de forma abstrata. No contexto nacional, tanto a sociologia quanto a antropologia das emoções possuem vidas recentes enquanto campo de análise

acadêmica, havendo uma crescente produção especializada somente a partir da década de 1990. (KOURY, 2009).

Zamboni (2010) disserta acerca das relações amorosas a partir da teoria das ciências sociais, fazendo uso de autores como Georg Simmel, Michel Foucault, Niklas Luhmann, Anthony Giddens e Zygmunt Bauman. A partir deste arcabouço teórico, a autora faz uma retrospectiva do estudo das emoções na história do pensamento teórico social, ao mesmo tempo que vai desenvolvendo uma teoria sobre as relações de confiança nos envoltimentos amorosos.

Segundo Zamboni (2010), “o tema do comportamento sexual e amoroso foi relegado na Sociologia clássica”, uma vez que a teoria sociológica passava por um período em que buscava se afirmar como ciência e se distanciar da perspectiva psicológica. Fato que deixou em segundo plano o desenvolvimento de estudos que tivessem como temática central a relação entre sentimentos, sociedade e sociologia, por um significativo período de tempo.

Rezende e Coelho (2010) também expõem a dificuldade enfrentada pelos estudos das emoções como campo de pesquisa nas ciências sociais e dizem:

A presença dos afetos foi sempre notada como parte da dinâmica da vida social, sem que contudo a eles se dedicasse atenção como objeto autônomo de investigação. Por trás disso estava o *status* dúbio das emoções: embora se tornassem elementos da interação social, eram vistas como fatos “naturais”, realidades psicobiológicas que eram dadas *a priori* e modificadas até certo ponto pela socialização em uma cultura específica. Mais ainda, eram consideradas também fenômenos subjetivos, individuais e particulares, mesmo que as sociedades regulassem sua expressão. Mantinham-se, portanto, assunto prioritariamente da psicologia. (REZENDE; COELHO, 2010, p.13).

No âmbito dos crimes passionais, as emoções serão percebidas como agentes fundamentais enquanto ferramentas viabilizadoras da análise sociológica, sendo tratadas como elementos que serão caracterizados como fruto da interação do indivíduo com a sociedade, a partir de suas experiências individuais e trajetórias de vida, juntamente com a sua relação com o meio em



que está inserido. Koury (2009), ao falar do meio sociocultural como agente capaz de interferir nas emoções, diz que:

A sociologia das emoções parte, deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e a sociedade. Em sua fundamentação analítica vai além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal (...) A percepção da singularidade dos sujeitos, social e historicamente determinados, que embora pertencentes a um mesmo e global processo civilizador e com valores universais da sociabilidade ocidental, mantêm características, princípios e *ethos* particulares da cultura em que está imerso, parece ser uma das tarefas que a sociologia das emoções, se encontra envolvida e se propõe como base analítica. (KOURY, 2009, p.84).

A junção entre sociologia das emoções e o objeto de estudo da pesquisa será realizada através da fundamentação teórica de que os sentimentos que compõem o cenário do crime passional são frutos da subjetividade do indivíduo, ou seja, do *self*, juntamente com a influência do contexto sociocultural vivenciado por ele. Breton (2009) enfatiza a importância do contexto cultural na expressão do sentimento pelo indivíduo em situações como as de traição, por exemplo, dizendo:

O marido traído que matou sua esposa sob um acesso de ciúmes pode encontrar, de acordo como o meio onde se encontra, uma indulgência fundada em regras de honra, ou a condenação a uma severa pena de acordo com as jurisdições locais ou o direito costumeiro. Em outros lugares, ele pode ser banido de sua comunidade ou constrangido a restituir o dote oferecido pela família de sua esposa. (BRETON, 2009, p. 148).

Rezende e Coelho (2010) expõem a importância do estudo das emoções através do estudo científico para que estas possam ser compreendidas em sua complexidade e afirmam:

(...) construir as emoções como um objeto das ciências sociais é inseri-las no rol daquelas dimensões da experiência humana as quais, apesar de concebidas pelo senso comum como “naturais” e “individuais” – a exemplo da sexualidade, do corpo, da saúde e da doença etc -, estão muito longe de serem refratárias à ação da sociedade e da cultura. (REZENDE; COELHO, 2010, p.12).

Para além de discussões voltadas para a análise de emoções isoladas, a antropologia das emoções permite assim pensarmos também na configuração e dinâmica de “complexos” emocionais, tais como os pares amor-ciúme ou humilhação-raiva, abrindo mais um leque de objetos de reflexão. Os sentimentos, tantas vezes definidos como o oposto da racionalidade, podem ser muito, muito bons para pensar. (REZENDE; COELHO, 2010, p.129).

Coelho (2012) também desenvolve uma pesquisa sobre os relatos das emoções em situações de violência, analisando as falas de vítimas de assaltos, buscando perceber o modo como as dimensões micropolíticas das emoções carregam em si “aspectos de nível macro da organização social”. Ela também busca entender qual a representação que as vítimas fazem dos assaltantes e quais os sentimentos que eles foram capazes de despertar a partir de uma “dinâmica entre humilhação/medo/impotência, de um lado, e raiva/desprezo/compaixão, de outro”.

A partir dos relatos dos entrevistados, a autora pode perceber que os assaltantes eram representados a partir de elementos fundamentais como desordem, sujeira, pobreza e ignorância. Coelho percebe o uso da ironia para descrever situações de assalto como também para depreciar o ato violento sofrido, havendo a necessidade de menosprezar o agressor e de demarcar o nível cultural deste como inferior. Em suma, o trabalho de Coelho torna-se interessante por indicar a possibilidade do estudo das emoções enquanto objetos passíveis de serem analisados a partir de um viés socioantropológico, ao mesmo tempo em que contribui para o “estudo de temas nobres e canônicos da agenda das ciências sociais, como a violência urbana.” (COELHO, 2012, p.282).

Diante do exposto, percebe-se que o alicerce teórico da sociologia das emoções é fundamental para que se construa o estudo dos sentimentos que a

pesquisa propõe analisar, fato que viabilizará um entendimento acerca da cultura emotiva pela qual o crime passional é envolto.

### 3 QUANDO A PESQUISA SE INICIA

O barulho recorrente vindo do despertador indicava mais do que um simples horário. Seu alarme não me despertava apenas para mais um dia, mas sim para “o” dia em que eu iria entrar em um presídio pela primeira vez. Após meses de expectativas e de noites regadas por picos de ansiedade, finalmente a burocracia havia sido vencida e minha inserção ao campo de pesquisa estava prestes a se tornar uma realidade. No decorrer daquela manhã, a expectativa de três anos de espera estava por acabar.

Os crimes passionais haviam entrado em minha vida no ano de 2007. Através de notícias de jornais, eles chamaram minha atenção e despertaram em mim a curiosidade de me aproximar de homens e mulheres anunciados pela mídia como assassinos da paixão. A partir de então, estas pessoas tornaram-se um interesse diário e aos poucos este seria o tema escolhido para o desenvolvimento de meu trabalho monográfico do curso de graduação em Ciências Sociais. Apesar de minha típica ansiedade, tive que me contentar com uma aproximação imparcial, materializada apenas através de folhas de jornais e de processos judiciais. Tive que aceitar as únicas verdades que uma aluna de graduação poderia ter: aquelas construídas pela mídia e pelos depoimentos de réus, testemunhas de defesa e de acusação no decorrer do julgamento judicial. Minhas verdades eram as verdades ditas por outros e para outros que não eu. Os sujeitos da minha pesquisa se escondiam de mim através de palavras.

Finalizada minha monografia (Crisóstomo, 2009), restou a sensação de que meu trabalho ainda não tinha sido concluído, que ainda havia muito a ser dito e a ser compreendido sobre os homicidas passionais. Foi esta sensação que me estimulou a escrever um projeto de pesquisa para o curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Após um longo processo de seleção, ao ler meu nome entre os alunos aprovados, tive a certeza de que uma nova etapa de pesquisa e de aprendizado sociológico haviam se iniciado.

Não se tratava apenas de dar continuidade a uma pesquisa já existente, mas de iniciar outra, com novos interlocutores, novas metodologias, novas burocracias, novos ambientes. Papeis e letras seriam fontes secundárias, enquanto que a voz dos meus interlocutores seria a bússola a orientar o desenvolvimento do trabalho.

### **3.1 Estratégias de inserção: expectativas, comportamentos e burocracias.**

O desconhecido me assustava. O medo de não conseguir alcançar meus interlocutores me acompanhou durante todo o processo de inserção ao meu novo campo de pesquisa e toda minha trajetória era repassada constantemente em minha cabeça como um filme. Naquela manhã não era diferente. Logo que o alarme do despertador soou, levantei. Finalmente aquela noite de espera havia terminado. Entre os hábitos do cotidiano, segui com os preparativos daquele dia tão importante.

A roupa tinha sido selecionada no dia anterior, assim como o cabelo e maquiagem. Tudo tinha sido pré-estabelecido: o horário de sair, a forma de me apresentar etc. Minha meta era conseguir ser formal o suficiente para não me destacar negativamente num ambiente tipicamente burocrático e formal, ao mesmo tempo em que objetivava ser informal em meus trejeitos e formas de falar para que não me distanciasse de meus interlocutores. Tinha que ter em mente que deveria ser aceita por todos aqueles que compunham o presídio, desde diretores, assistentes sociais, psicólogas, até policiais militares, faxineiros e internos.

Enquanto me arrumava, repassava todos os meus objetivos mentalmente e ao ficar pronta achei que tinha concluído meu primeiro objetivo, o da formalidade. O espelho refletia a imagem de uma mulher de 23 anos que buscava passar um pouco mais de maturidade e de credibilidade. Os cabelos castanhos estavam devidamente presos em forma de um coque no alto da cabeça e, no rosto, uma maquiagem leve o suficiente para aprimorar o aspecto

natural da pele, retirar o ar de cansaço, esconder as olheiras fruto da noite mal dormida e dar o tom de sobriedade. Base, corretivo, *blush* apenas um tom acima do meu tom natural de pele, rímel e batom cor da pele foram os itens escolhidos.

O figurino também condizia com a ocasião: calça de tecido social cinza, blusa azul de botão e com mangas compridas, sapatilha marrom fechada e com salto baixo. Optei também por não colocar perfume e por não usar nada que ressaltasse excessivamente o meu corpo. Complementando a produção, um brinco minúsculo no formato de uma pedra transparente que imitava um cristal e uma aliança. Tinha decidido, logo no início de minha inserção ao campo, que iria fazer uso de uma aliança na mão esquerda. Apesar de não ser casada, queria passar essa impressão. O objetivo desta ação era evitar possíveis olhares indiscretos ou mesmo flertes por parte de internos e de funcionários. A ideia tinha surgido a partir de leituras de algumas etnógrafas mulheres, como Biondi (2009) e Aquino (2010) que haviam realizado pesquisas em ambientes penitenciários e que indicavam que mulheres casadas eram menos assediadas.

Uma vez pronta, conferi mais uma vez o que via no espelho (uma jovem pesquisadora mulher que iria entrar no presídio pela primeira vez e que tentava abafar suas inseguranças) e o que gostaria que vissem (uma jovem pesquisadora, mulher, segura de seus objetivos e capaz de alcançá-los). Disse para mim mesma que estava pronta, que era hora de ir, mas antes disso, não resisti verificar novamente se carregava comigo tudo que era necessário. Abri minha pasta e chequei item por item. Lá se encontravam o ofício com o logotipo da Universidade e do Laboratório de Estudos da Violência que me apresentava como pesquisadora e pedia ao diretor do presídio para que eu pudesse adentrar àquela instituição, assim como minha agenda, canetas (várias), gravador, óculos e barras de cereais. Na bolsa estava a carteira com documentos, uma quantidade razoável de dinheiro para eventuais necessidades de urgência, como o carro “dar o prego”, o celular e uma palavra-cruzada para caso demorasse a ser atendida. Desta vez não tinha mais

desculpas para atrasar minha partida, estava tudo devidamente pronto e organizado. Era hora de ir.

O destino era Itaitinga, região metropolitana de Fortaleza – Ce, à aproximadamente uma hora de distância de nosso local de partida. Embora não fosse tão longe, o percurso pareceu durar uma eternidade, talvez por ser uma paisagem diferente, poucas vezes vista, ou mesmo por estar dirigindo pela primeira vez. A atenção não se restringia apenas a chegar ao presídio, mas também a dirigir até lá, enfrentando a BR – 116, seu fluxo de carros de pequeno porte, *topic's* (transporte público alternativo) e grandes caminhões que buzonavam atrás de mim exigindo que eu aumentasse a velocidade.

Tentava não me apavorar com a velocidade dos outros carros em comparação à minha lentidão. Buscava dar ouvidos à minha prima, que havia se comprometido em estar ao meu lado nesta primeira experiência ao volante e dizia que eu não deveria me preocupar com os outros e apenas dirigir da maneira que mais me fizesse sentir confortável. Aos poucos, fui me familiarizando com a agitação do trânsito e logo consegui me distrair um pouco conversando com minha passageira e escutando canções aleatórias no rádio. Após algum tempo de viagem, placas de sinalização nos indicaram que o Instituto Presídio Olavo Oliveira II estava se aproximando. A seta nos dizia para dobrar à direita.

Seguimos o caminho indicado e fomos, vagarosamente, nos aproximando, não apenas por receio, mas porque o ambiente exigia. Obstáculos de ferro haviam sido postos na estrada em forma de ziguezague, exigindo que o condutor reduzisse a velocidade. O local era ermo, sendo habitado por vegetações secas que davam o tom de isolamento. Assim, apesar do presídio ser localizado entre duas cidades, Itaitinga e Fortaleza, tínhamos a sensação de que estávamos nos distanciando de qualquer característica que nos remetesse ao caos urbano.

Um pouco mais a diante, visualizamos dois prédios, o manicômio judicial à nossa frente e o IPPOO II à nossa direita. Os muros altos do presídio, com

suas guaritas e cercas de segurança, destoavam do resto da paisagem. Perto dele, a estrutura simples do manicômio parecia frágil e pequena.

Lentamente nos aproximamos da entrada e estacionamos o carro. O local estava deserto e toda a movimentação do presídio parecia estar dentro daqueles muros. A única companhia que notamos foi do guarda da instituição, que nos lançava um olhar curioso, nos observando de longe. Sua inquietação não durou muito. Prontamente nos apresentamos. Tentei lhe mostrar o ofício que trazia comigo e disse que gostaria de falar com o diretor, que se tratava de uma pesquisa para a universidade. Ele lançou um olhar pouco interessado e disse para entramos, pois quem tratava “desse negócio de pesquisa” não era ele, mas as pessoas que estavam na recepção.

Mesmo sabendo que minha meta não tinha sido alcançada, passar por aquelas enormes grades, atravessar o longo estacionamento me fez sentir que não tinha mais volta. Eu estaria a poucos minutos de saber se aquela instituição iria ou não permitir que minha passagem fosse além da porta de entrada.

Após alguns instantes de caminhada, nos deparamos com o local de recepção. Tratava-se de uma sala ampla, com paredes pintadas de uma cor neutra e precariamente decoradas, com bancos de cimento distribuídos em suas laterais, propiciando um local de descanso aos que aguardavam serem atendidos. No centro da sala, logo em frente da porta de entrada, estava situado o balcão de recepção, este era de alvenaria e também pintado de uma cor neutra, mas com ares de sujeira. Nele, dois homens e uma mulher estavam sentados, se revezando no atendimento ao público e fazendo a primeira avaliação dos visitantes que ali chegavam.

Não éramos as únicas no local. Assim que chegamos, vimos duas mulheres de aparência simples (*short jeans* justo, camiseta curta e colada mostrando um pouco da barriga, cabelos repartidos ao meio e presos com um prendedor de plástico), que estavam segurando suas identidades e reclamavam com um dos homens da recepção. Diziam que tinham que fazer o cadastro de visitas. Queriam, ou melhor, “tinham que ver os seus homens”.



O argumento que utilizavam era de que não sabiam que suas fichas de cadastro tinham perdido a validade, que não tinham culpa se não tinham sido avisadas e que podiam até refazê-lo, mas que não iriam esperar quinze dias para retornar suas rotinas de visita, que não podiam deixar de ir porque seus homens podiam pensar que elas tinham deixado de visitá-los por vontade própria, que isso não era justo e que poderia até gerar problemas para seus relacionamentos.

A discussão (polida) seguiu por mais um tempo, se alternando entre as justificativas do rapaz sobre as normas da instituição e suas medidas de segurança e a incompreensão das mulheres. Após algum tempo de desentendimento, o homem da recepção as encaminhou para a realização de um novo cadastro, transferindo o problema para outro setor. As mulheres pareceram se acalmar e logo sumiram de nossas vistas.

Outra figura que chamou atenção foi um homem alto, trajado de terno e gravata. Ele estava suado e parecia atarefado. Tratava-se de um advogado de defesa de um dos internos e que desejava entregar alguns documentos de natureza jurídica. Rapidamente ele teve sua entrada permitida e seguiu para a sala da direção.

Havia chegado a minha vez. Cumprimentei o funcionário com um sorriso acompanhado de um “bom dia”. Mais uma vez tentei apresentar o ofício que trazia comigo, entretanto minhas palavras pareciam chamar mais atenção do que o pedaço de papel. Por isso, busquei falar detalhadamente sobre meus objetivos. Apresentei-me como pesquisadora da Universidade Federal do Ceará - UFC e disse que desejava realizar um trabalho de campo para a minha pesquisa de mestrado em sociologia. Ele olhou pra mim ainda um pouco desconfiado e nesse momento insisti e lhe entreguei o ofício em mãos. Ele deu uma olhada rápida, com certo ar de estranhamento.

Apesar de uma aparente dúvida em relação a mim, ele me surpreendeu e decidiu que eu poderia falar com o diretor. Senti um pouco mais confiança, afinal, meu objetivo do dia estava cada vez mais perto: conhecer e pedir autorização da direção do presídio para a realização de minha pesquisa. Este

era meu único objetivo naquele dia. Não desejava falar com as assistentes sociais, pré-selecionar meus interlocutores ou realizar qualquer outra ação que fosse além de um contato inicial. Entrei naquele presídio com a certeza de que tinha optado por uma abordagem lenta. Arruinar minha inserção no campo por imprudências e aparentes urgências não estava no meu cronograma. Sabia que era uma desconhecida e que teria que agir conforme o ritmo da receptividade dos outros em relação a mim e não o contrário.

Antes de ultrapassar mais um dos enormes portões de ferro daquele local e me dirigir à diretoria, tive que aguardar o comando do guarda. Enquanto isso, fiquei sentada por alguns instantes num dos bancos de cimento aguardando minha chamada, aproveitando para adaptar os olhos àquele ambiente ainda novo para mim. Observava as pessoas, os móveis, a iluminação etc. Antes que percebesse, escutei “moça, pode entrar”. Haviam permitido a minha entrada. A autorização veio por intermédio de outra pessoa, pelo rádio de comunicação interna. Lancei um breve olhar para minha prima, que foi correspondido também com um olhar que traduzi como “boa sorte”.

O grande portão de ferro que separava o *hall* de entrada para a área de administração do presídio, bem como para a área de encarceramento, foi vagarosamente aberto e assim pude dar prosseguimento a mais uma etapa. Pude ver que tinha duas opções: ou subia as escadas a minha esquerda, ou passava por um detector de metais e permaneceria no térreo. Antes que pudesse perguntar qual caminho seguir, o rapaz que havia aberto o portão me orientou e disse para subir as escadas. Enquanto me dirigia à sala do diretor, passava por minha cabeça que eu não havia sido revistada. Não olharam minha bolsa ou minha pasta. Simplesmente me deram a autorização. Havia imaginado que seria mais difícil. Havia me preparado para o mais difícil.

Ao fim da escadaria, entramos num corredor e depois de poucos passos nos encontrávamos em frente à sala do diretor. Era isso que a placa fixada na porta dizia. O homem que me acompanhava abriu a porta da sala e anunciou minha presença. Alguém acenou positivamente para ele e logo depois ele se retirou. Não sabia exatamente para quem olhar, então olhei para todos. Percebi que também estava sendo olhada por algumas pessoas e tratei de retribuir a

curiosidade alheia com um olhar amigável e um sorriso discreto. Não queria aparentar ser antipática, mas também não queria parecer desesperada.

Apesar de estar ali por pouco tempo, fui rapidamente desconstruindo as imagens que julguei que veria. Tratava-se de um ambiente claro, limpo e calmo, tudo aquilo que achei que não iria ver. A sala do diretor era espaçosa, dividida entre uma pequena área de espera, composta por sofás, poltronas e uma mesa de centro, e três escrivaninhas que ficavam em lados opostos, que pertenciam ao diretor, ao vice-diretor do presídio e a uma mulher que parecia ser a secretária de ambos. Poucos objetos decorativos coabitavam o local. Tudo tinha ar de sobriedade. O alto número de papéis, arquivos e computadores também davam um tom de organização e burocracia.

Embora organizado, o ambiente estava permeado por um vai-e-vem de pessoas que solicitavam a atenção do diretor. Lá ainda estava o advogado que havia subido antes de mim. Ele ainda guardava para ser atendido. Nós não nos cumprimentamos, apesar de estarmos sentados próximos. Ele olhava fixamente para os papéis que trazia consigo com um ar de seriedade e continuou a mexer em sua pasta até ser chamado pelo diretor. Parecia que nada, além do assunto que o levava àquele lugar, lhe chamava a atenção. Não demorou muito, sua expressão mudou. Ele abriu um amplo sorriso, levantou da cadeira e foi ao encontro do diretor, cumprimentando-o com cordialidade. Não chegaram a conversar por muito tempo, pois minutos depois tornaram a apertar as mãos e o homem de terno e gravata saiu apressadamente do escritório, mais uma vez aparentando não se importar com nada além de seu tempo e de seus compromissos.

Com a rápida partida do advogado, havia ficado sozinha nos bancos de espera. Todas as outras pessoas pareciam se encaixar perfeitamente à movimentação daquela sala. Apenas eu olhava inquietamente para tudo e para todos. Eu sabia que seria a próxima, então tratei de me organizar. Posicionei minha bolsa, tornei a segurar minha pasta e fiquei prestes a me levantar, esperando o mais sutil chamado.

Quando o homem que estava por detrás da mesa assinalada com a placa de diretor olhou para mim, quase me levantei. Mas coincidentemente, um homem fardado abriu a porta e foi falando com o diretor. Tive que conter meu suspiro e meu olhar de frustração. Estava ansiosa, estava inquieta, muito embora não demonstrasse externamente nenhuma dessas características.

Felizmente, a conversa entre os dois senhores não demorou muito e pouco tempo depois o diretor estava sozinho. Ele pareceu verificar alguns documentos e checar algo em seu computador. Enquanto isso, eu seguia olhando-o, aguardando um sinal. Finalmente ele retribuiu o meu olhar e rapidamente me levantei e fui ao seu encontro. Ele tinha um aspecto jovial, apesar da seriedade de sua feição e da rigidez de sua postura. Tive a impressão de que se tratava de um militar. Assim que cheguei perto de seu gabinete, ele me indicou gestualmente que eu poderia me acomodar. Obedeci. Sentei-me na grande e pesada cadeira e vi que ele me lançava um pequeno sorriso. Este foi acompanhado da frase: “Então, o que traz a *senhora* aqui?”. Por trás daquela pergunta, que foi acompanhada de um olhar quase irônico, senti que estava sendo julgada pela minha pouca idade.

Apesar da intenção de neutralidade da minha aparência, não podia fingir ser mais velha do que era. Tratei de me posicionar da maneira que pensava transparecer maior seriedade. Meus ombros estavam arqueados, minha cabeça estava alta, meus olhos o encaravam diretamente e projetava minha voz com firmeza, porém com certo tom de afabilidade. Mais uma vez, me apresentei. Disse que se tratava de uma pesquisa para o desenvolvimento do meu trabalho de dissertação no curso de Mestrado em Sociologia da UFC. Falei também que fazia parte do núcleo de pesquisadores do Laboratório de Estudos da Violência - LEV e que minha pesquisa tinha o objetivo de estudar homens e mulheres que haviam cometido crimes passionais. Segui falando que vinha estudando este tema desde minha monografia, mas que somente agora estava seguindo o plano metodológico de realização de entrevistas com meus interlocutores.

Após a explicação detalhada sobre mim e meus objetivos, lhe entreguei o ofício, o qual ele leu com atenção. Ao terminar de examinar o documento, me

olhou com curiosidade e só então pareceu perceber que eu era integrante do LEV. “Quer dizer que você é pesquisadora do Laboratório da Violência?”. Respondi que sim, que fazia parte do laboratório desde a graduação, através de bolsa de iniciação científica, que recentemente havia oficialmente me tornado pesquisadora e que tinha por orientador o professor César Barreira. Ele sorriu e disse: “Ah, então a senhora deve conhecer a professora Celina Amália! Ela já fez muita pesquisa aqui! Também foi minha professora num curso de especialização.” Sentindo que minha referência ao LEV tinha sido positivamente aceita, respondi alegremente que conhecia a professora Celina, que seus estudos sobre as instituições carcerárias cearenses eram uma inspiração.

O diretor seguiu falando um pouco de suas memórias sobre o LEV e recordou também do professor César, sempre se referindo ao assunto com um tom leve e sorriso no rosto. Sua reação me fez sentir tranquila, senti que meu vínculo tinha aberto uma maior possibilidade de aceitação. Passado o momento de recordação, ele tornou a assumir uma postura mais séria e perguntou “quais eram mesmo os meus objetivos”. Disse que objetivava entrevistar “presos” que estavam cumprindo pena por terem realizado crimes passionais. Ele me respondeu que sabia que tinha pelo menos um “interno” que se encaixava nos meus objetivos, mas que eu teria que pesquisar, juntamente com a assistente social, para averiguar se havia mais alguns internos que tivessem cometido o tipo específico de delito que eu estava procurando. O diretor também me alertou de que ele iria permitir meu acesso, mas que não poderia garantir que alguém iria querer falar comigo.

A possibilidade de que meus interlocutores se recusassem a falar comigo já era uma velha conhecida. Sabia que se tratava de um assunto delicado e que eles poderiam simplesmente se indispor e me negarem a opção de conhecer suas histórias, seus relatos. Expliquei isso ao diretor, mas afirmei que gostaria de tentar, pois do mesmo modo que existia a probabilidade de receber um “não”, também existia a probabilidade de escutar um “sim”. Ele pareceu concordar e perguntou se gostaria de iniciar a pesquisa naquela mesma hora. Respondi que esta não era a intenção, pois sabia que minha

visita não tinha sido programada e que preferia voltar em outro dia previamente agendado. Ele concordou e disse que assim era melhor.

Antes de nos despedirmos, o diretor pediu para que um dos homens que observavam a conversa de longe me apresentasse à assistente social assim que saísse de sua sala. Segundo ele, era ela que iria me guiar na inserção ao campo, ajudando a pré-selecionar os casos e, posteriormente, intermediando meu primeiro contato com os entrevistados. Agradei sua cordialidade e quando estava de saída, ele olhou para mim e disse: “Ah, mas você já é maior de idade, né? Porque você sabe, só pode entrar no presídio se já tiver mais que 18 anos”. Tive que me controlar para não rir. Naquele momento, todo meu esforço para parecer uma pesquisadora séria, madura, experiente, parecia ter sido em vão. Dei um sorriso contido e respondi dizendo que sim, que tinha 23 anos e que era inclusive aluna de mestrado. Rimos mutuamente e só então nos despedimos.

Saí de sua sala com a sensação de que finalmente meu sonho de pesquisadora estava se concretizando. Eu tinha um campo de pesquisa! Apesar do entusiasmo, ainda não podia extravasar meu contentamento. O trabalho ainda não tinha chegado ao fim, pois logo em seguida fui apresentada à assistente social da instituição. Tratava-se de uma “jovem senhora”, que aparentava ter por volta de 45 anos de idade. Seu aspecto era de natureza magra, estatura mediana e pele parda. Minha primeira impressão era de que se tratava de uma mulher ágil, prática e prestativa. Sua forma de falar e de me cumprimentar indicava uma pessoa que não tinha muita habilidade para ficar parada. Parecia mais de seu feitio objetivar ações, realizar comandos, pois assim que lhe expliquei minha situação, bem como as orientações que tinha acabado de receber, ela não só disse que iria me ajudar como já agendou nosso próximo encontro.

Marcamos o dia e o horário que eu retornaria e ela fez questão que eu anotasse o número de seus telefones celulares, bem como o de sua sala. Ela também teve o cuidado de informar seu cronograma de trabalho para que eu pudesse saber quais os melhores horários para lhe telefonar, uma vez que seu celular ficava muito tempo desligado, já que ao “descer” para o presídio não era

permitido o uso de aparelho telefônico. Solícita e prestativa. Foi o que pensei naquele momento e o que vim a confirmar posteriormente.

Despedi-me com a certeza de que nos encontraríamos na semana seguinte para darmos prosseguimento à nossa busca, à minha busca. Cumprimentei-a com um largo sorriso no rosto, estava ficando difícil esconder minha alegria. Havia me preparado para tantas dificuldades que, ao ver que tudo tinha corrido bem, fui tomada por um sentimento de satisfação quase que incontrolável. Minha meta tinha sido alcançada e com êxito. Segui pelo corredor e descí as escadas sempre me policiando para não deixar transparecer meu contentamento.

Ao retornar para a recepção, reencontrei minha prima. Logo que me viu, ela quis saber como tudo tinha ocorrido. Antes de lhe responder, olhei para os dois homens que seguiam no balcão, agradei a hospitalidade e disse que agora iria voltar uma vez por semana. Eles sorriram e disseram que me aguardavam em breve. Tornei a voltar a atenção para minha prima e lhe disse que falaríamos melhor sobre tudo que havia acontecido no caminho de volta, afinal tínhamos mais de uma hora de viagem pela frente.

Retornamos para casa tranquilas. Eu por ter tido uma recepção de boas vindas positiva e minha prima por ter entrado e saído de um presídio sem grandes tensões. Apesar de não ter me dito antes, ela confessou que tinha ficado um pouco tensa, pois nunca tinha ido a um presídio e a imagem que tinha era de que se tratava de um lugar de conflitos e de rebeliões, tal como a mídia expõe.

Enquanto dirigia, ia lhe falando sobre como havia sido minha experiência, lhe contando os detalhes daquela manhã e transmitindo minhas impressões sobre o lugar e as pessoas. Para minha surpresa, ela também começou a relatar sua espera. Disse que, apesar de ter levado palavras-cruzadas para se distrair, tinha ficado curiosa com aquele ambiente desconhecido, então ficou atenta aos acontecimentos ao seu redor. Entre eles, mais uma mulher que reclamava estar proibida de ver seu marido por não ter cadastro para realizar a visita íntima. Dizia que não podia deixar de ir em dia

visita, que já era pouco tempo que tinha para vê-lo e que não podia deixar passar uma semana ou duas até o cadastro estar pronto e sua situação regularizada. Quanto mais a funcionária dizia que não podia quebrar as regras, mais ela ficava com raiva. O ápice da discussão chegou quando a mulher disse que não iria deixar a situação assim, que falaria com seu marido, que ia *ligar* para ele. Assim que ela disse que iria ligar para seu marido, pairou no ar um momento de tensão. O funcionário logo quis saber como ela iria fazer isso e disse “ah, você vai ligar pra ele?! Posso saber como?” No mesmo instante a mulher percebeu o que tinha dito e tratou logo de se retratar dizendo “ eu vou escrever pra ele! Escrever.” O funcionário foi dando um riso um tanto irônico e falou “ah tá! Porque ligar é difícil, já que ele não pode ter um celular, né?!” O aparente deslize da mulher pareceu ser o calmante capaz de abrandar o ânimo da situação e aos poucos a mulher foi se acalmando. Essa foi umas das histórias que minha prima contou no trajeto de volta. Este, por sinal, foi bem mais tranquilo. Não pelo o trânsito estar mais calmo, mas por eu estar.

Cheguei ao IPPOOII aproximadamente as 08:30h da manhã e sai de lá por volta de 12:00h. Entre procedimentos burocráticos, espera e atendimento, passei menos de quatro horas no presídio. Ao voltar para casa, estava cansada. Apesar do pouco tempo, o sol forte, a agitação da estrada, a ansiedade de iniciar a pesquisa e o ambiente agitado e intenso do cárcere me fez sentir cansada. Parecia que minhas forças tinham se esvaído ao mesmo tempo em que a euforia. Entretanto, sabia que não poderia me dar o direito de descansar por muito tempo. Tinha que organizar os dados colhidos e programar a minha próxima incursão ao campo. Planejava ir ao Instituto Penal Feminino Auri Costa no dia seguinte, assim, teria que novamente organizar meus planos de ação.

Embora tivesse ficado satisfeita com a abertura e receptividade que encontrei no IPPOOII, não tinha certeza se obteria o mesmo êxito no presídio feminino. Passei o restante do dia tentando dominar minha confiança, não queria pressupor um campo pelo outro, afinal, seriam outras pessoas, um novo ambiente e isso não me deixava segura.



Já havia providenciado um modelo de ofício semelhante ao que eu tinha entregado na instituição anterior, sabia que deveria utilizar o termo interno, ao invés de preso e que deveria tratar todos os profissionais e administradores do presídio por doutor (a) e/ou senhor (a). Aos poucos começava a compreender os usos e desusos de palavras e ações de acordo com as “normas de etiqueta” daquele ambiente burocrático e formal.

No dia seguinte repeti o mesmo ritual de preparação. Arrumei-me novamente com trajes sóbrios, cabelos presos, ofício em mãos. Tudo estava pronto. Saí de casa novamente acompanhada pela minha prima. O objetivo era chegar ao IPF, localizado no município de Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza. Embora soubesse aproximadamente a sua localização, não sabia com exatidão qual o trajeto a ser seguido. O único dado que tinha era que o presídio feminino também ficava as margens da BR-116, mas depois de Itaitinga. Por isso resolvi fazer o mesmo trajeto do dia anterior, mas ao invés de dobrar à direita próximo ao IPPOOII, segui em frente. Mais de quinze minutos haviam se passado e nenhuma estrutura arquitetônica que se assemelhasse ao presídio havia sido vista.

Quando já estava ficando preocupada, observei uma entrada do lado direito da pista que apontava para um enorme portão de metal com uma guarita, onde se localizava um guarda. Julguei que tinha chegado ao meu destino final e me aproximei com o carro. Entretanto, ao pedir informação, fui avisada de que ali se tratava da Casa de Privação Provisória de Liberdade II – CPPLII. Gentilmente o guarda me deu todas as instruções para que eu pudesse chegar ao IPF. Estávamos em sua proximidade, só tínhamos que efetivar um retorno e dirigir pouco menos de 1km.

Seguindo as informações dadas, logo pudemos finalmente chegar ao IPF. Tratava-se de um local mais isolado e distante do que o IPPOO II. Recuada da estrada estava uma guarita com um imenso portão verde fechado. Uma vez que a entrada ficava na estrada e não comportava estacionamento, me aproximei do guarda e lhe dei bom dia. Expliquei minha situação e perguntei se poderia entrar de carro. Ele me disse este pedido apenas era concedido para funcionários e advogados. Disse que compreendia sua

posição, mas pedi que ele compreendesse minha situação. Como recurso, lhe mostrei o ofício e afirmei que iria falar com a diretora sobre o desenvolvimento de minha pesquisa. Após meu segundo pedido, ele demonstrou alguma empatia e mesmo sem demonstrar muita satisfação, findou por consentir minha entrada. Olhei-o nos olhos e disse que lhe agradecia muito a gentileza. Por fim, ele abriu o portão.

O motivo de minha resistência em ir a pé se dava pela grande distância entre a entrada e o prédio do presídio. Calculo que seria uma distância de aproximadamente 2km. Além disso, estava trajada socialmente e de salto, enquanto o terreno a ser percorrido era de calçamento e o sol estava escaldante. Apesar de ser 9:00h da manhã, o clima estava desértico, fato confirmado pela paisagem habitada por plantas secas que clamavam por um pouco de água.

Enquanto me aproximava do prédio indicado, fui apreciando aquele cenário. Seguindo pela estrada de terra, observei que haviam duas grandes e distintas estruturas naquele imenso terreno. A que mais me chamava atenção estava situada ao final da estrada, no topo de uma colina. Tratava-se de um prédio com estrutura defasada, com a pintura por fazer em nuances de cinza e uma cor que algum dia foi branco. O muro alto que cercava o prédio, juntamente com as enormes árvores (que mais pareciam esqueletos marrons) e os pássaros que sobrevoavam o entorno do lugar num céu claro e azul, faziam daquele ambiente algo similar a um filme bucólico e de época.

Apesar de me intrigar, aquele não era o meu destino, então aos poucos fui seguindo para o caminho que me levava ao presídio feminino. Este era um prédio bem menor e com um aspecto bem menos sombrio. Ao entrar no estacionamento podia-se perceber à direita uma instalação pintada na cor lilás que indicava ser a creche daquele local. Por ser um ambiente preparado para receber crianças, era propositalmente menos intenso, diluindo o aspecto tenso característico de institutos prisionais.

Estacionei o carro e me dirigi para a recepção. Esta era um pouco diferente da realidade do dia anterior, os guardas na recepção ficavam alojados

numa sala à parte, se comunicando com os visitantes através de uma janela de vidro. Também não havia uma sala de espera, contávamos apenas com uma estrutura de um corredor com três cadeiras, que aparentavam ser concorridas entre funcionários e visitantes. Ao chegar, percebi que aquele ambiente demonstrava ser mais formal e menos receptivo do que o IPPOO II, não haviam muitos sorrisos nas expressões de bom dia ou cordialidade nos diálogos, apenas uma educação burocrática. Minha simpatia pareceu não importar muito na minha apresentação. Percebendo isso, tratei de agir conforme a entonação que me era dada, enfatizando o ofício que trazia comigo e o objetivo de minha pesquisa. A julgar por esta primeira impressão, comecei a me preparar para o pior e antes de ouvir qualquer resposta, presumia silenciosamente que teria minha entrada barrada. Contrariando minhas expectativas, escutei que poderia me reunir com a diretora, contanto que eu a aguardasse, pois ainda não havia chegado. Agradei a autorização concedida e disse que aguardaria o tempo necessário.

Era exatamente 9 horas da manhã e o movimento do presídio tinha um aspecto tranquilo, quase que familiar. Podiam-se ver algumas internas que trabalhavam na cozinha descarregando alimentos, algumas mulheres falando de crianças e brinquedos e alguns policiais a observarem calmamente o ritmo do lugar. Havia escolhido a abordagem correta ao pressupor que aquele lugar seria singular, que se tratava de outro campo.

Havia passado 45 minutos desde que recebi as ordens para esperar a diretor, já estava ficando impaciente quando vejo uma mulher elegante e com ares de atrasada chegar. Ela adentrou ao recinto retirando seus óculos escuros e anunciando sua presença com o barulho de seu salto alto. Ela sorria para conhecidos e desconhecidos e todos a cumprimentavam como Doutora. Mesmo sem uma confirmação oficial, soube que se tratava da diretora e a expectativa de encontrá-la aumentou abruptamente. Não pude observá-la por muito tempo, pois logo seus passos largos a fizeram desaparecer no alto de uma escada. Restava apenas a movimentação que ela havia deixado. Logo que ela sumiu o guarda da recepção chamou minha atenção e confirmou que se tratava da diretora. Disse que em alguns minutos iria anunciar minha

presença e pediu para que aguardasse um pouco mais. Esperei mais 20 minutos até que escutei que poderia subir, pois estava sendo aguardada. Estava prestes a subir a escada quando um policial me abordou e disse que eu não poderia entrar com minha bolsa. Disse que não tinha problemas e perguntei se poderia levar uma agenda, uma caneta e o ofício. Ele concordou com minhas observações e guardou o resto dos pertences num armário.

Assim como no IPPOO II, haviam duas possibilidades de passagem, uma através da escada, que dava acesso às salas administrativas e outra no térreo, onde a entrada era vistoriada através de um equipamento detector de metal e que efetivamente dava acesso às alas internas do cárcere. Segui o caminho na primeira opção e ao término dos degraus fui informada por uma moça que passava que a sala da diretoria era a segunda à direita. A porta estava aberta e logo que me aproximei tive minha presença observada. Estavam na sala um homem e quatro mulheres. Embora eles parecessem estar realizando uma breve reunião, fui convidada a entrar. Cumprimentei a todos educadamente e me sentei no local que foi indicado gestualmente.

Não se passou muito tempo até que a reunião acabasse e logo me vi sozinha na sala com a vice-diretora do presídio e o assistente social. Agradei a atenção que me estava sendo dada e pedi desculpas por aparecer sem um agendamento prévio. Eles me receberam com cordialidade e disseram que minha presença não era incômoda. Sabia que a atenção da diretoria era constantemente requisitada, por isso mesmo tratei de apresentar rapidamente a mim e aos meus objetivos de pesquisa. Disse que gostaria de realizar entrevistas com internas que tivessem sido acusadas de matar seus companheiros sobre a alegação de crime passional. Falei também que já tinha conseguido autorização para realizar a mesma pesquisa no IPPOOII. Julguei que esta seria uma informação útil, que poderia me ajudar a passar credibilidade e senso de comprometimento, indicando que eu estava engajada no desenvolvimento de meu trabalho de campo.

A diretora demonstrou interesse pela pesquisa e disse que o presídio estava aberto para mim. Ela designou que o assistente social iria me ajudar a selecionar as internas que se enquadrassem na minha descrição e afirmou que

a presença da universidade dentro da instituição era bem-vinda, pois era uma oportunidade de fazer com que a imagem do presídio fosse transparecida de uma forma menos estereotipada e trazendo ao conhecimento do público a realidade não exposta pelos meios de comunicação. Concordei com ela e disse que também seria uma oportunidade única para mim, pois até aquele momento, também era uma das pessoas que desconhecia por completo o funcionamento de uma instituição carcerária.

Agendamos o meu retorno para a terça-feira da semana seguinte, quando iríamos iniciar o processo de busca pelas minhas possíveis entrevistadas. Tomei nota do telefone do assistente social e agradei imensamente a oportunidade que me estava sendo concedida. A conversa foi naturalmente sendo encerrada quando a diretora começou a olhar discretamente para o seu relógio e para alguns arquivos que estavam dispostos em sua mesa de trabalho. Notei que esta era a “deixa” para que eu me retirasse.

Saí de lá com a sensação de que minha “dívida” com os crimes passionais estava começando a ser paga. Eu havia iniciado minhas atividades e em pouco tempo teria rostos, nomes e vozes que me contariam suas versões e me aproximariam de suas perspectivas dos crimes efetivados.

### **3.2 Quando a pesquisa se realiza**

Havia passado uma semana desde que eu tinha iniciado meu trabalho de campo. A receptividade encontrada nas primeiras incursões trouxe uma sensação de segurança e fez com que os medos impostos a mim fossem, pouco a pouco, se desfazendo. Não eram poucas as pessoas que questionavam a viabilidade da minha pesquisa. Pesquisadores, professores e mesmo familiares questionavam se eu teria acesso aos presídios e colocavam em xeque a disposição dos presos para me concederem entrevistas. Eles argumentavam a minha idade, o fato de eu ser uma mulher num ambiente essencialmente masculino (no caso do IPPOOII) e a possibilidade de eu ser

percebida por meus entrevistados como jornalista ou advogada/promotora como possíveis elementos capazes de afetar minha inserção ao campo.

Até aquele momento, tinha conseguido superar a primeira dúvida que me impunham: o acesso ao campo. Contudo, ainda havia muito a ser feito. Eu poderia até localizar homens e mulheres homicidas passionais, mas conseguir entrevistá-los não era nenhuma certeza. Eles aceitariam minha entrevista?

Conforme tinha feito anteriormente, optei por retornar primeiro ao IPPOOII. Havia estabelecido que minhas visitas ao campo iriam ocorrer às segundas-feiras ao IPPOOII e às terças-feiras ao IPF, sempre às 09:00h. Julguei que estas seriam as melhores opções, uma vez que eram dias de movimentação padrão em ambas as instituições, sem coincidirem com os dias de visita e de intensa movimentação (quartas-feiras e sábados) ou com o dia menos indicado pelos funcionários (sexta-feira). A escolha do horário se deu a partir de minha vontade de tentar ser o mais conveniente possível, uma vez que se tratava de um horário que não era nem muito cedo e nem muito tarde.

Como já tinha me apresentado e recebido autorização, meu acesso foi bem menos burocrático. Ao me apresentar na recepção, logo fui encaminhada à sala do vice-diretor. O diretor tinha se ausentado, estava de licença médica. Mais uma vez tive que seguir o ritual de apresentação. Mas desta vez não me senti tensa, já havia me acostumado com este processo de interação inicial e sabia que minha presença já tinha sido estabelecida. Aquela apresentação mais parecia um protocolo de etiqueta. Os funcionários não queriam que minha presença fosse uma surpresa aos olhos do vice-diretor.

Foi um diálogo rápido, não durou mais do que dois minutos. Falei meu nome e objetivos e logo o vice-diretor foi me desejando um bom trabalho e indicando que eu poderia iniciar minhas ações. Saí de sua sala e fui ao encontro da assistente social. Como da vez anterior, ela foi receptiva e objetiva. Assim que me viu, já foi me levando para conhecer a advogada. Segundo ela, era a melhor forma de pré-selecionar os casos, já que a advogada poderia consultar os processos *online* dos internos, separando-os por artigos.

A advogada me recebeu com bastante entusiasmo, dizendo que poderíamos iniciar o processo de busca naquele exato momento. Era uma mulher jovem e de aparência bem cuidada. Apesar de estar usando uma roupa formal, pude perceber que ela fazia uso de acessórios como brincos, colares, pulseiras e anéis. Reparando melhor, pude perceber que muitas funcionárias adotavam um estilo de vestimenta que mesclava elementos formais com peças femininas e não tão discretas. Se eu optava por roupas que não ressaltassem meu corpo, havia outras mulheres que usavam calças *jeans* justas, saltos altos e acessórios dourados. Minha nova percepção sobre a vestimenta daquelas mulheres trouxe um novo significado sobre minha indumentária. Ser, parecer com elas era um modo de me aproximar, de não destoar dentro daquele ambiente. Estas observações, apesar de não parecerem relevantes num primeiro momento, eram de grande valor, uma vez que notava que minha figura era constantemente observada e, conseqüentemente, avaliada. Minha aparência tinha que passar um misto de credibilidade, empatia e simplicidade, tanto para a direção, como para os funcionários e internos. Minha pesquisa dependia dessas três esferas e não podia subestimar nenhuma.

Antes de começarmos a buscas processuais, a advogada me comunicou que achava difícil localizar muitos homicidas passionais. Segundo ela, a maioria dos internos que ali se encontravam haviam sido presos e julgados por tráfico de drogas, assaltos e sequestros, não havendo muitos casos de homicídios realizados em contexto de violência familiar. Disse-lhe que havia imaginado esta realidade, mas que agradeceria se ela se dispusesse a me ajudar. Falei que mesmo que existisse apenas um caso, já seria válido. A fim de ampliar as buscas, lhe informei que estava atrás de casos que envolvessem marido e mulher, namorados e também casos homoafetivos. Tão logo fiz referência aos casos homoafetivos, a assistente social foi logo argumentando que achava difícil encontrar um caso com essas características, uma vez que, segundo ela, os presos dali eram muito “machinhos”, havendo poucos envolvimento entre pessoas do mesmo sexo.

Ressalvas feitas, iniciamos o processo de busca. Tal processo se deu a partir de uma plataforma virtual onde a advogada podia selecionar os processos digitais dos internos do IPPOO II. Ela restringiu a busca por homens que estivessem cumprindo pena pelo artigo 121 do Código Penal Brasileiro, que se refere ao homicídio. Apesar de reduzir significativamente o número de processos, a lista ainda apresentava uma vasta variedade de casos. O passo seguinte foi selecionar processos em que os envolvidos tivessem laços por parentesco e/ou afetivo.

Foi um trabalho desgastante, tínhamos que abrir processo por processo buscando os “atores principais” de tantas histórias. Minha falta de proximidade com aquele tipo de trabalho, associada à curiosidade, fazia com que me interessasse por cada história que era deixada pela metade. A advogada, contudo, abria, vistoriava e fechava processos com uma objetividade que me impressionava. Ela parecia não mais se importar com as realidades que eram estampadas na tela daquele computador. Não pude deixar de transparecer minha inquietação e sutilmente iniciei uma conversa despreziosa. Expressei a advogada meu espanto com tantos casos, deixando escapular a frase “são tantos casos, né?”. Ela assentiu com a cabeça, e foi me contando um pouco de sua vida profissional. Ela me dizia que fazia algum tempo que havia perdido o interesse ou a curiosidade pelos processos dos presidiários. Segundo ela, depois de alguns anos de trabalho, ficava difícil manter o interesse pelas motivações, circunstâncias e autores de tantos crimes, e que logo crimes eram apenas artigos e histórias de vida eram apenas processos. Para ela, a objetividade exigida em seu trabalho não era compatível com reflexões subjetivas.

Ainda que não transparecesse, me sensibilizei com a breve história daquela mulher, com a perda de sua empatia pela história de homens que faziam parte de sua vida cotidiana. Naquele momento, desejei que isso jamais acontecesse comigo, desejei nunca tratar pessoas meramente como informantes e suas histórias apenas como casos de pesquisa. Apesar da reflexão que aquela breve situação tinha gerado em mim, não havia tempo



para devaneios e a objetividade da advogada me fez retornar para a ação que estava sendo por nós efetivada. Processo atrás de processo ia sendo rapidamente avaliado e recebendo “sim”, “não” e “talvez”. Alguns arquivos pareciam inquietar a advogada, que reclamava pela ausência de dados concretos logo nas primeiras páginas do inquérito. Este processo de pesquisa durou aproximadamente uma hora e meia. Ao final, tínhamos transformado uma lista de centenas de casos em apenas onze nomes.

O resultado definitivo ainda estava por vir. Após quase duas horas de busca, havíamos pré-selecionado casos de homens que haviam cometido homicídio de mulheres. Como se tratava de uma amostragem bem menor, passamos a ler mais detalhadamente o laudo processual, para compreendermos melhor quais as circunstâncias em que o crime havia sido efetivado. A análise mais aprofundada dos processos foi reduzindo cada vez mais a lista. Nome por nome ia sendo riscado da agenda. Eram casos em que os assassinatos tinham ocorrido em situações mais impessoais como assaltos, tráfico de droga, desentendimentos em bares etc. Cada “x” que eu assinalava ao lado de um dos nomes selecionados gerava em mim o medo de não encontrar nenhuma história que pudesse ser percebida como crime passional. Felizmente, minha desconfiança não se concretizou. Após a leitura mais detalhada do processo virtual, percebi que haviam dois casos que se enquadravam nas variáveis que buscava. Tratava-se de dois homens que tinham eliminado fisicamente suas namoradas grávidas dentro de um contexto de briga do casal.

Não pude deixar de me sentir um pouco frustrada. Centenas de processos vistoriados e apenas dois selecionados. Apesar de momentânea insatisfação, racionalizei meus pensamentos e percebi que possivelmente teria duas entrevistas. Isso era bem mais do que jamais havia tido e deveria ser um motivo de satisfação.

Finalizada a busca, pude perceber que o relógio indicava meio-dia. Apesar de ter realizado um trabalho de natureza burocrática, havia ficado cansada, assim como a advogada e a assistente social, que logo deram

indícios de que gostariam de se retirar para o almoço. Senti que tinha tomado muito de seus tempos e esforços e por isso pedi desculpas. Elas indicavam não se incomodar, mas senti que aquele era o momento que deveria ir embora. Antes que eu partisse, a assistente social disse que conhecia os dois internos que havíamos selecionado e que aproveitaria o decorrer da semana para conversar com eles e se informar se gostariam de me conceder uma entrevista ou mesmo me conhecer. Tal medida era para assegurar uma aproximação mais lenta e gradual, onde uma figura já conhecida deles iria intermediar nosso contato inicial.

Avisei em tom de brincadeira para a assistente social que a “minha vida estava em suas mãos”. Pedi que ela explicasse meus objetivos e fizesse o possível para eles concordarem ao menos em me ver. Falei o quanto seus consentimentos eram importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa e enfatizei que ela me apresentasse como socióloga e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará. A última coisa que queria era ser associada com jornalista ou advogada, isso poderia minar meu acesso inicial. Ela sorriu para e disse que eu não me preocupasse, pois faria o melhor.

Agradei mais uma vez a paciência e o trabalho que eu tinha ocasionado e disse para a assistente social que ligaria no final da semana para saber qual tinha sido o veredito dos internos, se aceitariam ou não minha visita. Saí de lá sabendo que havia perdido momentaneamente o destino da pesquisa. Naquele momento, não se tratava de minha eficiência, vontade ou determinação, mas da disposição de meus interlocutores em quererem me ver. Seria uma semana de expectativa.

No dia seguinte, parti para realizar a segunda etapa de minha pesquisa por interlocutores, desta vez no IPF. Como programado, cheguei às 09:00h. Desta vez pude entrar de carro com mais facilidade e mesmo os funcionários pareciam estar mais agradáveis. Aos poucos alguns sorrisos tímidos e desejos de “bom dia” iam se pronunciando. Assim que cheguei, pedi para que o guarda anunciasse minha presença ao assistente social e vice-diretora. Diferentemente da visita anterior, não tive que esperar muito tempo até ser

atendida. Em poucos minutos eu estava subindo a escada e indo ao encontro deles.

Nosso reencontro foi bastante objetivo. Depois de nos cumprimentarmos, já iniciamos o processo de busca. Expliquei quais eram os perfis dos casos que gostaria de selecionar (mulheres que tivessem eliminado fisicamente seus namorados/maridos/amásios em situações que caracterizassem crime passional). Após meu comentário, o assistente social disse que tinha analisado alguns processos ao longo da semana e localizado três mulheres que correspondiam à minha descrição. Segundo ele, como o universo de presas mulheres era bem menor se comparado aos índices dos presídios masculinos, era mais fácil conhecer as detentas e suas histórias. Envolvimento com tráfico de drogas era, segundo ele, a maior causa de reclusão das internas dali, seguido de casos de assalto. Assim, casos como os de crime passionais se destacavam com mais facilidade, chamavam a atenção.

Quando perguntei sobre as três histórias, ele me disse de antemão que já tinha conversado com as internas sobre a minha pesquisa e que uma das internas já havia se negado a falar comigo. Ele disse ainda que já era uma atitude esperada, já que a referida interna tinha comportamento agressivo e que se recusava a falar até com os profissionais do presídio, só interagindo em ocasiões formais, como em audiências referentes ao seu processo. O assistente social também falou que, ao consultá-la, ela demonstrou firmeza em negar e disse que se fosse contrariada iria “surtar”.

Dadas as circunstâncias, restavam apenas dois casos. Fiquei aguardando ansiosa pelos próximos vereditos. Será que as outras duas internas também teriam a mesma postura? Ainda estava nesse processo de dúvida quando ele foi me informando que sua conversa com as outras detentas tinha tido um final mais positivo e que elas haviam concordado em me ver. Fiquei mais aliviada. Dependendo da resposta que teria da assistente social do IPPOOII, teria a possibilidade de entrevistar dois homens e duas mulheres.

Estava surpresa. Não esperava ter o resultado sobre os processos femininos no mesmo dia. Achava que seria uma atividade similar à realizada no presídio masculino em tempo e trabalho. Apesar do impacto, não podia deixar de estar animada, pois se o dia anterior tinha me reservado duas possibilidades, agora tinha me anunciado duas certezas.

O assistente social falou rapidamente sobre as histórias das duas internas. Era uma senhora de meia idade que tinha matado seu marido e jogado seu corpo na fossa de casa após uma intensa briga de casal e uma mulher de aproximadamente 40 anos que matou sua companheira à pauladas após suspeita de traição. O breve resumo de seus crimes foi suficiente para despertar minha curiosidade. Queria saber mais sobre aquelas mulheres, tinha que saber mais sobre suas vidas. Expressei meu interesse em entrevistá-las e programamos meu retorno. Ficou acordado que eu voltaria na semana seguinte, desta vez no horário da tarde (chegaria às 13:00h), e traria comigo um termo escrito de consentimento de entrevista, documento onde esclareceria os objetivos da pesquisa e pedia a autorização da entrevistada por meio de assinatura. Disse que estava ansiosa para a próxima semana e que eles não se preocupassem, pois eu iria agir conforme o combinado.

Em pouco menos de meia hora já estava pegando a estrada e voltando para casa. Aquela manhã tinha me reservado uma agradável surpresa e aquele seria o momento de me concentrar na minha apresentação e na preparação para a realização das entrevistas. Tinha muito que pensar e organizar.

No decorrer da semana, enquanto resolvia ações de ordem prática (compra de novas pilhas para o gravador, redação do termo de concessão de entrevistas, escolha da estratégia de apresentação etc) recebi uma ligação inesperada. Era a assistente social do IPPOOII. Tínhamos combinado que eu lhe telefonaria na sexta-feira para sondar o resultado de sua averiguação. O som de sua voz despertou minha ansiedade e enquanto seguíamos o protocolo de etiqueta de perguntar se estava tudo bem, como tinha sido a semana, aguardava impaciente. O que realmente me interessava era saber se minhas entrevistas tinham sido aprovadas.

Após o término de alguns segundos, que mais pareceram uma eternidade, ela tocou no ponto tão aguardado. Ela me dizia que durante a semana, numa das vezes que “desceu” ao presídio, tinha aproveitado para falar com os dois internos que havíamos pré-selecionado. Enquanto ela ia pronunciando as palavras, meu coração acelerava e meus ouvidos ficavam cada vez mais atentos. Ela seguiu a conversa e afirmou que tinha explicado o objetivo da minha pesquisa do modo como tínhamos combinado e que os dois tinham aceitado ser entrevistados por mim. Gostaria de ter expressado uma felicidade maior, mas me contive e mantive uma postura mais profissional. Mesmo não podendo agir com fidelidade aos meus sentimentos, agradei enormemente sua ajuda e disse que voltaria ao IPPOOII na semana seguinte para dar início às entrevistas. Assim como no IPF, pedi que minhas visitas passassem a acontecer no período da tarde. O motivo de minha escolha se dava pelo fato de que o período da manhã parecia curto para minhas intenções, uma vez que os funcionários com quem tratava chegavam apenas no horário de 09:00h e que meio dia éramos interrompidos pelo horário de almoço. Julguei que de tarde eu teria mais tempo disponível e que seria melhor, pois desejava realizar as duas entrevistas no mesmo dia. Ela concordou com os meus argumentos e disse achar ainda melhor. Desligamos o telefone e tive a sensação de que o grande momento de meu esforço estava prestes a se realizar. Mal podia esperar para que os dias passassem, afinal esperava por aquele momento há anos.

Ao fim do processo de busca, restavam apenas quatro processos, quatro homicídios passionais: dois homens, duas mulheres<sup>10</sup>. Dos casos femininos, Flor (41 anos, analfabeta e doméstica/assaltante) foi julgada por assassinar a golpes de pau sua namorada por suspeitar de traição ao encontrá-la consumindo drogas só de calcinha e sutiã com um homem. Elis (52 anos, analfabeta e vendedora ambulante) condenada por matar seu marido após este se recusar levar sua filha que tinha quebrado o braço ao hospital e

---

<sup>10</sup> Para não revelar as identidades dos entrevistados, irei identificá-los por nomes fictícios. A minha discrição enquanto pesquisadora foi um dos termos exigidos pelas direções dos presídios e pelos meus informantes para que eu realizasse a pesquisa.

demonstrar interesse apenas pelo dinheiro de sua esposa. Já nos casos masculinos, Chico (33 anos, ensino fundamental completo e montador) eliminou fisicamente sua amante grávida, por meio de asfixia, após uma série de discussões sobre uma possível reconciliação do casal a partir da separação de Chico e sua esposa. No outro caso masculino, Antônio (28 anos, ensino superior incompleto e guarda municipal) assassinou com golpes de cassetete sua namorada grávida ao desconfiar da paternidade da criança.

Até este momento, estes eram os únicos dados que eu tinha, mas ao final da semana seguinte, tinha a certeza de que saberia muito mais. Meu campo tinha se iniciado.

## **4 APRESENTANDO HISTÓRIAS, CONHECENDO CRIMES.**

Este capítulo tem como finalidade fazer o leitor ter clareza do processo de aproximação utilizado com cada um de meus interlocutores, expondo as especificidades individuais exigidas para que relatos sobre o contexto em que os crimes foram deflagrados fossem obtidos, além de descrever ambientes, dificuldades, facilidades e sensações demandadas no decorrer da pesquisa.

No primeiro momento serão privilegiadas as estratégias de apresentação, onde descrevo detalhadamente como foram realizadas as entrevistas, expondo as impressões sobre cada um dos entrevistados, assim como as deles sobre mim, descrevendo as opções que tive que tomar para gerar uma sensação de familiaridade dos internos comigo e fazer da entrevista um espaço de confidências espontâneas e não de confissões formais, como aquelas dadas nas presenças de juízes e delegados.

Posteriormente, serão reveladas as informações colhidas no decorrer das entrevistas. Estas foram compiladas em forma de um texto narrativo e apresentam conteúdos que não se restringem apenas ao contexto do crime, mas também sendo contemplados dados referentes à infância, relações familiares, afetivas, profissionais. Além disso, citações das entrevistas são acrescentadas ao texto como uma forma de aproximar o leitor às falas dos interlocutores, trazendo sua maneira de falar e se expressar para dentro do texto.

### **4.1 Estratégias de apresentação**

Desde o momento em que soube que conseguiria entrevistar homens e mulheres homicidas passionais, estabeleci como prioridade elaborar uma estratégia de aproximação para meus interlocutores. Logo de início, ponderei algumas possíveis dificuldades, como a recusa em me verem ou o uso de

discursos já “decorados” e “ensaiados” no decorrer de audiências, entrevistas e de conversas com psicólogos e assistentes sociais.

Tendo consciência desta primeira dificuldade, tracei um plano de entrevista que teria como elemento chave a construção de um ambiente em que pesquisador e entrevistados tivessem a sensação de que nosso convívio era estabelecido em tom de conversas informais, com ritmo de “bate-papo”. Obvio que esta escolha trazia consigo um grande desafio: como fazer isso sem que parecesse forçoso demais? Como evitar que minha abordagem caísse na teia de desconfiança deles? Meu desafio estava claro. Tinha que me aproximar amigavelmente, mas sem cair no cinismo de uma amizade genuína, espontânea, afinal, estávamos num ambiente que por si só anulava a espontaneidade e a liberdade.

Após algum tempo de espera, que incluiu apresentação formal aos diretores dos presídios, conversas com os assistentes sociais responsáveis, leitura de processos e seleção dos entrevistados, finalmente havia chegado o dia em que iria realizar o primeiro contato com os meus interlocutores. Iniciei este processo com as duas únicas internas do IPF que, pelos dados contidos nos processos, haviam cometido crimes que se “enquadravam” nas características de homicidas passionais.

Cheguei ao presídio às 13:00h, logo após o período de almoço. Estava preparada para dar o primeiro passo rumo ao contato inicial com minhas entrevistadas. Já sabia como iria me apresentar, o gravador estava carregado, tinha levado pilhas extras, estava com o termo de consentimento de entrevistas em mãos. Tudo estava pronto. Assim que me viu, o guarda da recepção comunicou que eu aguardasse um pouco, pois o assistente social estava à minha espera. Não demorou muito e ele veio me receber. Ele sabia que naquele dia eu iria entrar efetivamente no ambiente carcerário e por isso foi me apresentar aos demais policiais e agentes penitenciários. Antes de entrar, fui avisada que deveria deixar meus pertences guardados nos armários da recepção. Perguntei se poderia entrar com gravador, caneta e agenda, afinal, iria fazer uma entrevista. Ele inspecionou os objetos e deixou que eu entrasse com eles. Fiquei bastante aliviada. Fazer uma entrevista com papel e caneta



não estava nos meus planos. Eles deveriam servir apenas como material de apoio para eventuais informações em destaque.

Passado este momento, segui para a outra etapa de segurança, o detector de metais. Ao me aproximar do funcionário encarregado, ele me examinou com os olhos, verificando novamente meus pertences e avaliando possíveis objetos de metal. Depois disso, ele pediu que eu passasse pela estrutura do detector de metais, que correspondia aos aparelhos encontrados em aeroportos. Assim, não houve nenhum tipo de toque ou de aproximação por parte do policial. Foi uma ação rápida e impessoal. Sabia que o relato desta experiência “desapontaria” muitas pessoas. Todos que sabiam que eu estava desenvolvendo minha pesquisa em presídios me questionavam sobre o processo de revista. Eles queriam saber se eu teria de passar pelo mesmo procedimento pelo qual mulheres e visitas de presidiários são submetidas e que envolve nudez, abaixamentos e avaliação ocular de genitálias. Felizmente não tive que passar por essa experiência, vivenciando um procedimento bem menos dramático.

O detector de metais não disparou nenhum sinal de que estivesse portando objetos metálicos e logo recebi a autorização para entrar no interior do presídio. O policial acionou um botão e o grande e maciço portão de metal foi aberto. O assistente social pediu que um dos homens encarregados pela segurança avisasse via rádio que eu estava entrando. Até ali, eu pensava que ele iria me acompanhar até o local onde seriam realizadas as entrevistas. Entretanto, ele avisou que eu iria sozinha. Disse para eu me informar lá dentro e buscar pelo parlatório. Ao que parecia, este era o local designado ao encontro de internos e advogados, bem como demais visitas impessoais.

A imagem encoberta pelo grande portão se mostrou para mim como um enorme corredor gradeado nas laterais. Assim que ultrapassei os limites do portão, escutei um ruído forte que indicava que a porta tinha sido fechada atrás de mim. Apesar de me sentir segura, instintivamente me senti desconfortável com aquela experiência. As trancas, juntamente com as grades e os constantes olhares de vigilância geravam em mim uma sensação de estranhamento e angústia. Tentei não demonstrar meu desconhecimento ou

curiosidade e dizia para mim mesma que deveria andar como se soubesse para onde estava indo.

Caminhei sozinha pelo grande corredor que dava acesso ao parlatório e às celas. Olhava pelas grades e via um enorme pátio do lado de fora, juntamente com guaritas de segurança que comportavam homens armados. Antes de vivenciar esta experiência, achava que o que mais iria me incomodar naquele ambiente seriam as armas dos policiais e dos agentes penitenciários. Estava surpresa em perceber que o que mais estava me inquietando era a sensação de estar presa, de não poder ir ou vir sem a permissão de outras pessoas.

Tentava assimilar o que estava sentindo na medida em que me aproximava de um grupo de funcionárias que se encontravam ao final do corredor. Chegando até delas, disse que procurava pelo parlatório. Uma das mulheres foi logo dizendo “ah, você que é a pesquisadora, né?” Confirmei a informação e disse que estava indo realizar uma entrevista. Ela gentilmente me indicou o local desejado e foi me acompanhando. Entramos noutra corredor que ficava à nossa esquerda. Desta vez, não havia grades, mas paredes e salas que deduzi que serviam como pontos de atendimento de médicos, psicólogos e assistentes sociais. A ausência de janelas e luz natural fazia aquele ambiente escuro e abafado, aumentando a sensação de que estava presa.

Após alguns passos, a moça anunciou que havíamos chegado ao parlatório. Era uma sala com estrutura de grades, onde todos que passassem no corredor podiam ver e ouvir as pessoas que ali estivessem. No centro da sala, uma mesa de alvenaria que alcançava toda a sua extensão. Ao longo dela, uma enorme grade que chegava até o teto. A extensão da mesa era dividida por parciais estruturas de madeira que delimitavam pequenos ambientes, dando a sensação de privacidade. Por fim, havia cadeiras dos dois lados da mesa, onde internos e visitas podiam se sentar e conversar sem que houvesse a possibilidade de contato físico.

Assim que entrei no parlatório, escolhi uma das “cabines” disponíveis. Não havia mais ninguém no local, apenas eu. Não seria assim por muito tempo.

## **4.2 Primeiras impressões e aproximação – Presídio Feminino**

- **FLOR**

Logo após minha chegada ao parlatório, uma das internas que tinha sido selecionada apareceu, era a Flor. Tratava-se de uma mulher morena, de cabelos curtos e cacheados, olhos pretos e que aparentava ter quarenta anos. Ela trajava o uniforme designado pela instituição: blusa branca, bermuda laranja e chinelos de borracha na cor verde. Seu olhar sério e intenso veio me acompanhando gradativamente por entre a grade, até estar diante de mim. Tentei ser simpática de um jeito natural e lhe cumprimentei. Antes de iniciar minha apresentação, perguntei se ela não gostaria de se sentar. Queria poder olhá-la nos olhos e evitar uma situação ainda mais desigual. Entretanto, ela me respondeu: “não. Tô bem assim.”. Seu tom de voz era grave e o modo como ela me falava passava a impressão de que estava com raiva. Aceitei sua decisão, mas disse que, se ela quisesse, poderia sentar.

Ela continuou em pé, apenas apoiando um de seus braços na mesa, deixando sua postura um pouco curvada. Flor lançava um olhar fixo nos meus olhos. Sentia que ela estava tentando, ao seu modo, dominar a situação, me intimidar. Por isso mesmo, tratei de corresponder seus olhares. Não queria que ela sentisse que estava me assustando. Ao olhar para Flor, queria que ela sentisse que eu a estava vendo apenas como uma mulher, sem quaisquer outras pré-suposições.

Apresentei-me como pesquisadora e disse que estava realizando entrevistas com pessoas que estavam cumprindo pena por terem efetivado

crime passional. Continuei falando e afirmei que sua história era uma das que tinham sido selecionadas. Expliquei detalhadamente minha pesquisa. Disse-lhe que era estudante de sociologia e que as entrevistas iriam me ajudar no meu trabalho da faculdade. Ela me escutava sem pronunciar uma palavra. Apenas balançava a cabeça, demonstrando que estava me entendendo. O semblante sisudo e seu olhar agressivo me indicavam que eu estava sendo avaliada e julgada como uma possível ameaça.

Realizei este primeiro momento sem efetivar o uso do gravador. Queria que todas as etapas fossem anunciadas e consentidas, para evitar quaisquer constrangimentos. Disse que iria preservar sua identidade e que respeitaria os limites que ela se sentisse confortável. Aproveitei a oportunidade para dizer que também queria saber de sua vida anterior ao crime, sua infância, seus sonhos e que eu não tinha pressa. Comparei meu trabalho como o de uma “formiguinha”, que iria ser aos poucos, afinal, eu era uma estranha para ela e levaria algum tempo até nos familiarizarmos. Ela pareceu gostar da minha sinceridade.

Busquei deixar claro que ela tinha liberdade para não responder assuntos indesejáveis, para “pular” uma pauta e responder uma pergunta apenas quando julgasse necessário ou pertinente. Mais do que conseguir uma narrativa, queria que meus entrevistados fossem relatando suas histórias e memórias de acordo com suas associações. Ou seja, minhas perguntas eram sugestões, não obrigações.

Antes de continuar, perguntei mais uma vez se ela não estava cansada de ficar em pé. Ela reafirmou que estava bem e eu segui com minha apresentação. Li para ela o termo de concessão de entrevistas que eu havia providenciado, lhe explicando tópico por tópico. Por fim, perguntei se ela autorizava a gravação de nossas conversas. Argumentei que seria melhor para mim, pois assim poderia prestar atenção completa nela, sem ter que me preocupar em escrever. Apesar de sentir que ainda estava sendo vítima de sua desconfiança, consegui realizar meu primeiro desejo. Ela permitiu o uso do gravador.

Permissão concedida e apresentação realizada, iniciei efetivamente nossa conversa. Como não queria passar a sensação de que se tratava de um interrogatório, pedi que me contasse um pouco de sua vida. Deixei-a livre para escolher que aspecto de sua história gostaria de ressaltar. Naquele momento, não tinha a intenção de pressioná-la e apesar de lhe transmitir autoconfiança, deixei que ela sentisse que dominava a situação.

Flor escolheu começar sua história dizendo que era usuária de crack há mais de dez anos e que não se relacionava com homens, apenas com mulheres. Em seguida, afirmou que era violenta e ciumenta. Enquanto se dizia agressiva, batia na mesa e fazia gestos bruscos. Quanto mais ela transparecia agressividade, mais eu buscava aparentar tranquilidade. Assentia com minha cabeça a cada informação nova que me era dada e permiti que ela falasse o quanto se sentisse à vontade.

Ela falou por aproximadamente cinco minutos sobre o relacionamento que tinha com a moça que tinha assassinado. Ela me contava de como a relação passou por uma grande fase de felicidade, até que crises de ciúme começaram a desestabilizar a relação. Ao longo de aproximadamente 20 minutos de conversa, ela tinha falado um pequeno resumo desordenado de sua vida, desde sua infância e sonhos de criança até a sua chegada ao IPF. Não havia ordem cronológica, os fatos e acontecimentos de sua vida iam surgindo de acordo com suas memórias e associações. Minha curiosidade era expressa através de dúvidas. Como sua fala estava sendo pouco orientada, algumas informações ficavam sem sentido e eu pedia que ela me explicasse melhor. Numa dessas vezes, ele brincou comigo dizendo: “olha, ela quer saber!”. Seu repentino bom humor me pegou de surpresa. Aquela mulher risonha não parecia ser a mesma do início. Também em tom de brincadeira, disse que era muito curiosa e que se ela deixasse, eu ainda iria querer saber de muito mais coisa. Nesse momento da conversa, ela já me chamava de “mulher”, “fia<sup>11</sup>”, termos que eu sabia que traziam informalidade e proximidade. Eu já não era a “doutora que queria pesquisar”.

---

<sup>11</sup> Expressão abreviada da palavra filha.

Terminei o nosso primeiro encontro sentindo que um enorme progresso tinha se realizado. O tom inicial da nossa conversa tinha me feito duvidar que Flor fosse permitir que eu interagisse com ela. As duas semanas seguintes confirmaram a nossa aproximação. A Flor me recebia com um sorriso no rosto e passou a conversar comigo sentada. O tom ameaçador e as afirmações sobre ser violenta foram trocados por diálogos como “Mulher, como foi a semana? Algum babado pra contar?”. Em alguns momentos, Flor chegava a contar mais detalhes de sua vida do que imaginava que ela se sentiria à vontade. Das três entrevistas que realizei com ela, a primeira foi a mais curta. As outras duas duraram em média 60 minutos.

No nosso último encontro, Flor e eu sentimos que tínhamos conseguido chegar ao limite de informações trocadas. Havíamos falado de sua vida, seus amores, sua família, seus sonhos e desilusões. Percebi também que Flor estava cansando de falar e julguei que era o momento certo de parar. Finalizei nosso contato dizendo o quanto eu agradecia sua disponibilidade. Disse que ela tinha me ajudado muito e que sem ela e suas colaborações, meu trabalho não seria o mesmo e, de fato, não seria.

Ao longo de três semanas de entrevistas, Flor tinha demonstrado ser uma mulher intensa, observadora e temperamental. Seu humor era bem instável. Se no nosso primeiro encontro ela tinha inicialmente demonstrado agressividade e terminado sorrindo, na nossa última entrevista ela havia chegado transparecendo simpatia e ao nos despedirmos ela parecia estar entediada. Flor exigia de mim uma concentração intensa. Era necessário que estivesse atenta a qualquer indício de alteração de humor. Se em alguns momentos ela tinha facilidade em falar e desenvolver os assuntos, às vezes se fechava num mar de frases curtas.

Outra característica era seu senso de observação. Ela avaliava meus gestos, percebia se meu olhar mudava de direção e ficava atenta se tentasse anotar alguma coisa em minha agenda. Em nosso primeiro encontro, havia levado, além do gravador, papel e caneta. Gostaria de anotar alguns detalhes que iriam além da fala, como a estética do ambiente, as cores dos uniformes, traços da aparência da entrevistada etc. Meu método foi frustrado logo no

primeiro movimento, assim que coloquei a caneta em punhos para fazer uma breve anotação, o olhar de Flor rapidamente seguiu minha ação. Ela franzia a sobancelha e lançava um olhar curioso para minha agenda. Ela queria saber o que eu tinha anotado. Tinha sido a primeira e última vez que havia tentado escrever alguma coisa em sua presença. Apesar de não saber se a reação dos outros seria a mesma, optei por não mais fazer anotações de qualquer tipo no decorrer de minhas entrevistas. Ao invés disso, escrevia ao término de nossas sessões, assim que saísse da sala, ainda na recepção dos presídios.

Além de sua curiosidade em relação a minha escrita, Flor também observou rapidamente minha aliança. Embora não tivesse falado, logo nos primeiros segundos de apresentação ela me avaliou por completo e reparei que ela tinha apurado seu olhar em minha mão esquerda. Minha percepção foi confirmada quando, no decorrer da entrevista, ela olhou para, mim disse: “você tem seu marido, você ia gostar de chegar num canto e seu marido tá com um bocado de mulher? Você não vai ficar irritada não? Que ele só vai onde tem um bocado de mulher?” Ela seguiu falando sobre o ciúme que tinha por sua ex-namorada e acabou não me deixando responder qualquer coisa, mas tinha afirmado que meu pequeno acessório tinha lhe chamado atenção.

As situações que tinha vivenciado com aquela primeira experiência me antecipou a certeza de que eu também seria estudada e avaliada por meus interlocutores. Fato que me fez ficar ainda mais atenta ao meu comportamento e ações. Assim, além de estar fazendo um trabalho de observação do outro, tinha que realizar uma análise sobre mim mesma.

- **ELIS**

No mesmo dia em que entrevistei Flor pela primeira vez, também conheci Elis. Ela já havia sido chamada e estava esperando Flor sair para poder entrar no parlatório. Assim como na entrevista anterior, não sabia o que esperar dessa nova mulher. Apesar de ter estabelecido que faria uso de outras fontes investigativas, como jornais e prontuários de identificação dos internos, tinha decidido não buscar essas informações antes de conhecê-los efetivamente. Não queria trazer comigo outras verdades que não as deles. Meu olhar tinha que estar neutro, a imagem que eu teria deles ainda teria de ser construída, pois não queria que eles sentissem em mim qualquer tipo de julgamento ou de reprodução do discurso midiático.

A experiência anterior tinha sido forte. A desconfiança e tom agressivo de Flor me fez aguardar ansiosamente por minha próxima entrevistada. O que ela me reservaria? Momentos depois da saída de Flor entrou no recinto uma senhora que aparentava ter por volta de 50 anos. Ela tinha estatura baixa e também estava vestindo o traje institucionalizado ali. Seus olhos pequenos se destacavam naquele rosto arredondado e seus cabelos mesclados de branco estavam presos num coque no alto da cabeça. A primeira sensação que tive foi de que ela poderia ser a tia de qualquer pessoa.

Seu olhar era calmo e seus movimentos eram leves. Tratava-se de uma experiência completamente diferente. Ela chegou acanhada e foi logo se sentando. Quando lhe dei um sorriso de “boa tarde”, recebi outro em troca. Aquela senhora que transmitia a sensação de tranquilidade e de acanhamento era Elis. Ao sentar-se na cadeira, ela assumiu uma postura que transmitia insegurança, estava curvada e suas mãos estavam dispostas na frente de seu corpo, acomodadas em suas pernas.

Assim que Elis chegou, iniciei o processo de apresentação. Como de costume, expliquei os objetivos da pesquisa e falei um pouco sobre mim. Tal como planejado, li o termo de concessão de entrevista para ela, esclarecendo que preservaria sua identidade e que ela só precisaria falar o que se sentisse confortável e quando estivesse à vontade. Para começar, pedi que ela contasse um pouco de sua história, queria saber de sua vida antes do crime.



Embora expressasse um jeito tímido, Elis não se acanhou em falar. Ela me contava de sua infância, de sua relação com os pais e irmãos, de seus casamentos e filhos e, posteriormente, sobre o crime. O que me chamou atenção foi o fato de Elis descrever sua vida em forma de narrativa. Se com Flor eu tinha que ficar alimentando a conversa, com ela, minhas interferências eram bem mais espaçadas.

Enquanto escutava seus relatos, tentava compreender como aquela senhora de aparência simples e amigável tinha sido capaz de tirar a vida de seu marido. Entretanto, se sua facilidade de se comunicar despertava o alívio de não ter que enfrentar seu silêncio, a forma quase mecânica como ela me falava de sua vida me gerava uma enorme desconfiança. Supus que ela já havia feito aquele relato diversas vezes. Como eu estava entrevistando pessoas que já tinham sido julgadas, elas já tinham passado por todo o processo de acusação criminal, conversas com psicólogos, assistentes sociais, juízes, advogados.

A consciência de que uma de minhas dificuldades seria conseguir um discurso que se diferenciasse dos tantos que eles já tinham dado no processo de julgamento me fez não desanimar. Aquele era o nosso primeiro contato e eu não podia esperar algo além daquilo. Teríamos outras oportunidades para aprofundamos e darmos significados às suas falas.

Em nosso primeiro encontro, ficamos conversando por aproximadamente meia hora. Ao longo da entrevista, fui sendo tomada por um cansaço gradativo. O ambiente escuro pela ausência de luz natural, juntamente com o trançado da grade no formato de pequenos quadrados, faziam com que meus olhos fossem constantemente forçados. Para conseguir atentar aos gestos, comportamento e fala de Elis e Flor, tinha que tentar observá-las como um todo. Se fixasse meu olhar em um ponto específico, como a boca, por exemplo, o obstáculo imposto pela grade fazia a imagem do outro lado ficar turva e meus olhos doerem. Ademais, a ausência de uma circulação de ar tornava aquele espaço abafado e quente. Como as entrevistas eram realizadas no período da tarde, o calor se tornava mais intenso e a roupa social e de mangas cumpridas não ajudava. Percebi que não era apenas eu que estava

sendo atingida pelo contexto. Elis demonstrava sentir calor. Sua tez estava oleosa, assim como seu cabelo. A situação experimentada por nós me fez questionar como seria a realidade diária dos internos daquele lugar. Estava há uma hora naquele ambiente e parecia muito mais tempo. Além disso, as histórias de violência que aos poucos me iam sendo confidenciadas agravavam a sensação de um “clima pesado”.

Nas semanas que se seguiam, o mal-estar ia se intensificando do mesmo modo que os conteúdos das entrevistas. Elis ia me contando os detalhes de sua vida, assim como os do crime que tinha realizado. As duas entrevistas seguintes tiveram duração de quase uma hora e aos poucos consegui com que ela conversasse menos mecanicamente. Ela já se demonstrava menos tímida, falando com mais naturalidade e dando entonações diferentes às suas histórias. Elis foi “ganhando vida” a cada novo encontro e em nossa última entrevista conversamos por mais de uma hora em tom de bate-papo. Ela me falou sobre sua vontade de reencontrar as filhas e chegou a se emocionar ao mencionar o sonho de participar do programa do Gugu (em suas palavras, um santo) para que ele localizasse suas filhas.

Enquanto as lágrimas banhavam o rosto de Elis, ela suspirava e dizia viver para esperar o dia de sair da prisão, mas que enquanto isso não acontecia, ela ia “vivendo a vida como Deus manda”. Eu havia escutado Elis me falar de sua infância, de suas expectativas para a vida na juventude, de suas decepções amorosas, viagens, casamentos, brigas e crime.

Ao deixá-la, senti que, ao longo de nossas três conversas, tinha conseguido alcançar minhas expectativas. A Elis da qual eu me despedi era uma mulher completamente diferente da que eu havia encontrado pela primeira vez. Ela ria, chorava, se lamentava, tinha sonhos e memórias. Muito mais do que uma história decorada e repetida tantas vezes.

Despedi-me de Elis e agradeci por ela ter aceitado falar comigo. Falei da importância que sua história teria no desenvolvimento da pesquisa e disse que esperava que ela conseguisse realizar seus sonhos. Antes de sair do parlatório, entretanto, disse que, caso precisasse, voltaria para que ela

pudesse “lembrar do meu rosto”. Aquela tinha sido a última vez que veria Flor ou Elis. Saía daquele ambiente, daquela prisão e sabia que elas retornariam para suas celas, para as mesmas grades que permeavam suas vidas cotidianas. Estava dando adeus para aquele lugar, mas não para seus rostos, suas histórias. Deixei o presídio sabendo que aquela experiência não acabava ali. Caberia a mim repassar as informações que me foram transmitidas e perpetuá-las em tinta e papel. Ainda havia muito trabalho a ser feito.

### **4.3 Primeiras impressões e aproximação – Presídio Masculino**

Iniciei o desenvolvimento das entrevistas com os internos do IPPOOII no dia posterior ao meu primeiro contato com Flor e Elis. Cheguei ao presídio logo após o horário de almoço. Meu rosto já estava se tornando familiar, tornando minha presença menos estranha a cada visita. Apresentei-me na recepção e informei que tinha agendado o início dos encontros com meus interlocutores. O guarda foi simpático, mas antes que autorizasse meu acesso, pediu que eu aguardasse um momento. Ele estava atendendo uma mulher loira e de aparência vaidosa. Ela tinha os cabelos longos, estava maquiada e usava uma roupa que denotava as curvas de seu corpo. A mulher dizia querer visitar seu marido, apesar de não ser dia de visita e dela não ter a ficha de cadastro da instituição. O guarda indicava os procedimentos necessários para que o seu desejo se realizasse, mas a mulher parecia não aceitar as resoluções. Ela lançou um olhar para o guarda, mas que se estendeu para todos que ali se encontravam e disse, com um tom irônico, que até receber a autorização, seu marido já teria sido libertado. O guarda riu e disse que não havia outro jeito. A mulher, mesmo não aparentando estar convencida, disse que voltaria outro dia para tentar resolver sua situação e saiu balançando seus quadris e cabelos.

Após a saída daquela mulher, o guarda fez um sinal para que eu o seguisse. Parti em sua direção e perguntei para onde estávamos indo. Ele disse que estava me levando para fazer um crachá de estagiária, pois assim minha entrada seria menos burocrática e eu não teria que ficar pedindo

autorização sempre que encontrasse funcionários diferentes. Enquanto nos dirigíamos à sala de identificação, ele aproveitava para me falar um pouco de seu trabalho. Segundo ele, a parte mais delicada de seu dia a dia era ter que lidar com diferentes tipos de pessoas mantendo a cordialidade. Em suas palavras, “não sei com quem estou falando. Passa todo tipo de gente por aqui. Quem é bandido, quem não é? Se destrato uma pessoa, posso nem aparecer aqui amanhã. Vai saber, né?” Ele ia me contando algumas histórias e dizendo o quanto era difícil contornar algumas situações, principalmente quando algumas pessoas não queriam obedecer as regras. “Não posso favorecer um e outro, meu trabalho tem que ser um só, mas o tratamento tem que ser diferenciado. Cada pessoa tem um jeito de lidar. Com uma tenho que ser mais sério, com outras tenho que ser mais simpático, principalmente com as mulheres. Tente destratar a mulher de um preso e você vai sentir as consequências. Dependendo do preso...<sup>12</sup>”.

Ele indicava um risco que até então eu não tinha percebido. A habilidade que ele demonstrava ter com o público camuflava qualquer dificuldade que ele poderia ter. Mas ao escutar sua fala, lembrei que cheguei a escutar algumas mulheres falarem, com um tom que sugeria uma ameaça velada, que “iriam falar com seus maridos”, sugerindo que se ele não agisse conforme elas queriam, haveria problemas.

Enquanto ele falava, foi me levando para a sala onde eram realizadas as fotos para as carteiras de visitas. Podia-se ver uma câmera fotográfica, computador, restos de papéis jogados no lixo e crachás que ainda aguardavam para serem entregues. Ele perguntou qual minha área de estudos, nome completo, número da identidade. Respondi devidamente todas as perguntas e, então, avisou que eu receberia um crachá de estagiária em sociologia. Posicionei-me em frente a uma das paredes brancas do local e ele tirou a minha foto. O procedimento todo foi bem rápido. Em pouco tempo, ele passou a foto para o computador, imprimiu, plastificou e entregou minha nova

---

<sup>12</sup> Esta citação refere-se a um registro posterior de observações do trabalho de campo. Trata-se de uma reprodução de fala a partir de minha memória, já que não portava nenhum material de gravação neste momento.

identificação. “Agora tudo vai ficar mais fácil. Você já coloca o crachá no carro, que é pra ser identificada desde a entrada. Ter o crachá também é bom, porque se você também for parada numa blitz eles te liberam mais rápido”. Brinquei dizendo que não sabia que estava “ganhando tanto poder, mas que pretendia usar o crachá apenas para realizar as entrevistas”. Ele foi logo se retratando e dizendo: “sim, claro. É só que trabalhar aqui no presídio indica que a pessoa é direita”. Preferi não argumentar. Contrariá-lo não parecia ser uma boa opção. Então apenas agradei suas instruções e disse que começaria a usar minha nova identificação naquele momento.

Enquanto colocava o crachá, saíamos da sala. Fomos caminhando em direção à recepção. Lá chegando, pedi que comunicassem à assistente social a minha presença. Ela havia me ajudado em todo o processo de busca e intermediado os primeiros contatos com os internos. Gostaria que ela estivesse presente no dia de meu retorno. Fiquei aguardando por algum tempo até que ela apareceu. A receptividade era a de sempre: sorrisos acompanhados de objetividade. Tão logo me viu, já foi me encaminhando para o detector de metais. Disse que já tinha pedido para que os internos selecionados fossem liberados de suas atividades e direcionados para o parlatório.

Seguimos juntas até a porta de acesso ao interior do presídio. Assim como no IPF, tive que passar pelo detector de metais. O policial encarregado da vistoria analisou os objetos que tinha em mão (gravador, termo de consentimento de entrevistas e caneta) e pediu que eu me submetesse ao detector de metais. Antes de iniciar o exame, tiramos brincos, relógios, alianças e quaisquer objetos possíveis de serem detectados. Para minha surpresa, o aparelho identificou algo e acionou uma luz vermelha na altura de minha cabeça. Imediatamente o policial se aproximou para verificar a situação. O som disparado pela máquina fez com que eu ficasse em estado de alerta e rapidamente comecei a imaginar qual teria sido o motivo para que o alarme fosse acionado. Sabia que não estava portando nenhuma arma, mas o olhar de curiosidade do policial foi percebido por mim como uma suspeita e questioneei minha memória. Foi quando elevei minhas mãos para a minha cabeça e só

então percebi que estava fazendo uso de um arco de metal. Retirei-o e mostrei ao policial. Disse que havia esquecido que estava usando aquele acessório. Ele examinou o objeto com certo ar de estranheza e eu fui dizendo que se precisasse eu entraria sem, que só o estava utilizando para manter alguns fios de cabelo em ordem.

Após sua breve análise, o policial deixou que eu entrasse com o acessório. Agradei e pedi desculpas pelo meu esquecimento. Terminado este processo, pude recolocar todos os objetos que havia retirado. Só então pudemos entrar efetivamente no interior do presídio. A experiência anterior tinha me feito ficar menos apreensiva com o ambiente. A arquitetura similar à observada por mim no IPF também reduzia o impacto visual. Seguimos andando por um extenso corredor envolto por grades. No caminho, pude observar que alguns internos circulavam “livremente” pelo lugar. “Eles trabalham aqui no presídio”, disse a assistente social percebendo meus olhares. Incentivei a conversa e ela me informou que os internos que fossem avaliados com bom comportamento poderiam trabalhar na realização de algumas atividades do local, tais como faxina, padaria, biblioteca, oficina de violão. Enquanto ela me falava sobre alguns pontos do funcionamento do presídio, seguimos caminhando pelo grande corredor. Fui informada de que as entrevistas também seriam efetivadas no parlatório. A julgar pela visão inicial, imaginei que também encontraria semelhanças com a instituição anterior. Não estava errada.

A localização era a mesma e a estrutura era muito similar. Salas para atendimentos psicológicos, médicos e de assistência social à direita e parlatório à esquerda. Assim como no IPF, tratava-se de um local escuro, pouco arejado e com paredes em formas de grades. A movimentação, entretanto, parecia mais intensa. Ruídos altos podiam ser percebidos por toda a extensão daquele local. As vozes e falas, entretanto, não podiam ser identificadas. Tratava-se de uma grande e desordenada sonoridade. A sensação que tinha era a de que estava num ambiente tumultuado, tal como uma feira, apesar da aparente rigidez exigida através de normas e sistema de vigilância. Aquele barulho me desconcertava, esperava um ambiente mais silencioso e disciplinado.

A assistente social me apresentou o parlatório e avisou que dentro de alguns instantes, um de meus entrevistados chegaria. Ela então me desejou boa sorte e partiu para suas atividades diárias. Fiquei alguns breves segundos sozinha. Mal havia me acomodado numa cadeira, posto o termo de concessão de entrevistas na mesa e posicionado o gravador, chegou Chico.

- **CHICO**

Ele me olhava de longe, esperando algum sinal de que poderia se aproximar. Levantei-me da cadeira em sinal de respeito e lhe cumprimentei com um “oi”. Nesse momento, percebemos que em seu lado do parlatório não tinham cadeiras. Por isso, assim que lhe desejei “boa tarde”, exclamei uma observação sobre a ausência de lugares para que ele sentasse. Ele foi logo dizendo que não se incomodava de ficar em pé. Rebatí afirmando que eu me importava. A possibilidade de sujeitá-lo a uma entrevista desconfortável me deixava inquieta. Afinal, a presença de uma grade nos separando, bem como a desigualdade de condição que nos distinguia (preso e não presa) já propiciava uma situação assimétrica. Agravar esse contexto não era uma opção. Pedi que ele aguardasse um pouco e fui ver com um funcionário que estava próximo a possibilidade de ajuda. Expliquei-lhe a situação e logo depois Chico surgiu trazendo uma cadeira de plástico. Ele se posicionou bem a minha frente e agradeceu. Disse que não precisava, que ele que estava me ajudando.

Chico tinha estatura mediana, olhos de cor castanhos, pele alva, cabelo curto e liso. Ele estava usando o traje estipulado pela direção: blusa branca, bermuda verde e chinelos do tipo havaiano na cor branca. Seu olhar transmitia certa timidez e insegurança. Sua feição não era delicada, mas passava a ideia de um homem pacato. Claro que estas eram minhas primeiras observações.

Iniciei o nosso contato falando um pouco de mim e de minha pesquisa. Expliquei que estava desenvolvendo um trabalho com homens e mulheres que estavam cumprindo pena por terem efetivado crimes passionais, mas também

disse que me interessaria em saber mais sobre aspectos de sua vida anteriores ao crime: infância, família, trabalho, amor. Meu objetivo era que ele me desse o “caminho a seguir”, mostrando os assuntos com que se sentia confortável em falar. Naquele processo de conhecimento do outro e familiarização era fundamental que eu não começasse realizando perguntas ou tocando em assuntos que bloqueassem nosso processo de aproximação e nos distanciasse.

Optei então por não formular uma pergunta específica. Dei a possibilidade que de que ele selecionasse o tema de sua primeira história. Apesar de minha intenção, Chico demonstrou desconforto ao receber tal liberdade. Ele queria ser guiado, interpelado. Sua justificativa? “Porque assim, eu sou mais fácil de responder o que me perguntarem...”. Reafirmei que não gostaria de deixá-lo desconfortável, mas percebendo sua inclinação para abordagem que seguisse um modelo de perguntas e respostas, me rendi. Pedi que ele me falasse de sua infância, começando sobre sua cidade de origem. Ele pareceu mais confortável e iniciou-se um processo de formulação de perguntas e respostas curtas. Aquela situação me angustiava. A entrevista estava seguindo um padrão perigoso, em que eu o arguia e ele respondia brevemente. Minhas suspeitas eram de que ele não queria se comprometer, que estava usando nosso primeiro encontro para avaliar se me aprovava, para somente então começar a permitir que eu tivesse acesso à informações mais aprofundadas.

Seguimos nesse ritmo por aproximadamente dez minutos até que suas respostas começaram a “ganhar corpo”. Passávamos por um processo que ia se desenvolvendo vagarosamente, de respostas monossilábicas, frases curtas até histórias contadas em forma de conversa. Chegamos próximo desse último estágio ao final de nosso primeiro dia. Apesar da entrevista não seguir o ritmo que eu havia idealizado, busquei me satisfazer com o fato dele não ter se negado a responder nada que lhe fosse questionado. Ademais, a afirmação dada por Chico ao final de nosso primeiro contato de que estava gostando de poder conversar com alguém, trouxe o ânimo que eu havia perdido ao longo da entrevista. Aproveitei a oportunidade para confirmar nosso próximo encontro e



fui contemplada com uma resposta afirmativa. Deixei-o com a sensação de que nossa aproximação seria lenta, mas aconteceria. Isso já era o suficiente.

Na semana seguinte, tornamos a nos ver. Desta vez, Chico me recebeu com um sorriso, aparentando estar mais à vontade com a minha presença. Perguntei como tinha sido sua semana e se estava tudo bem. Ele me disse que “estava como Deus queria”. Perguntei também se ele tinha novidades. “Tudo na mesma. Só trabalhando e cumprindo os meus dias”. Tratava-se de uma informação nova. Não sabia que Chico trabalhava. Segundo ele, auxiliava nos serviços da padaria a algum tempo. Também já havia trabalhando no setor de limpeza e capinagem, mas preferindo a função mais atual. Resolvi que seria interessante ele me contar mais sobre seu cotidiano encarcerado. Era uma forma de nos aproximar sem trazer em pauta seu crime. Queria que o assunto viesse abordado de um modo mais natural, sem que parecesse que ele estivesse sendo pressionado.

Chico me informou que tentava focar em seu trabalho, para não ter que ficar “pensando besteira”. Segundo ele, sua função na padaria variava de acordo com a necessidade, podendo ser fazendo a massa do pão, assando ou limpando o ambiente. Seu período de trabalho ocorria todos os dias, das quatro da manhã às três da tarde. Estar ocupado era, para ele, uma forma de se distanciar dos outros internos, com quem evitava se relacionar. Para Chico, estar perto deles era se aproximar de histórias envolvendo tráfico de drogas, homicídios, assaltos:

Eles falam muito de crime, de droga, essas coisas do mundo aonde eles vivem. Eu acredito que é porque eles não tiveram aquela vida de trabalho, de família, aí o que eles têm de falar de história é isso daí e eu não gosto. Eu num gosto de falar em negócio de crime, falar de assalto, falar em morte, não. Aí eu me isolo. Meu negocio é trabalhar. Chego do trabalho vou pra dentro da cela assisto televisão, assisto um filme, o jornal, num tenho muito convívio amigável com eles não. Aqui que eu converso um pouco mais é só com o Antônio mesmo. Nós estamos na mesma cela aí tem mais um convívio de conversar um pouco um com outro, mas os das outras celas eu num gosto muito de conversar de me aproximar, pegar aquela amizade não. É como eu disse...muitos deles tem mais tempo preso do que solto, aí a mente deles, só tem muito do que falar do crime. É morte, droga, assalto, essas coisas e eu num gosto de ouvir essas coisas. Já o Antônio não, ele era quase igual a eu lá fora, mudava só de emprego mesmo. Eu

num tenho que falar de crime, falo de trabalho, da vida dele lá fora, das histórias dele com os amigos. Quer dizer ter uma conversa boa, saudável. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

A naturalidade com que ele ia me falando sobre seu cotidiano me fez pensar que estava se sentindo mais confortável em conversar comigo. Mesmo assim, ele demonstrava impaciência. Dizia que eu podia começar a fazer perguntas, como se já não estivéssemos iniciado a entrevista. Esclareci para ele que a conversa que estávamos tendo já era o início do meu trabalho, pois assim podia saber um pouco mais dele. Ele parecia não acreditar. A impressão que ele demonstrava ter era a de que eu teria de falar só do crime, como tantos outros já haviam feito com ele. A nova experiência parecia confundi-lo. Apesar de seu estranhamento, Chico seguiu falando sobre a experiência de estar preso. Ele falava de sua relação com os agentes penitenciários, das reflexões que o presídio o fazia ter, dos internos que viam o presídio como uma forma de buscar um caminho diferente e aqueles que pareciam querer repetir os mesmos “erros”. Segundo ele:

Tem uns (internos) que vão perdendo aquela mente de crime, que vão entender o que é a vida, vão entender que a prisão não é um lugar bom, que não compensa. Aí eles começam a mudar. Eu já vi muitas histórias de gente aqui que antigamente era do crime, era uma pessoa ruim, batia nos outros e que hoje só pensa em sair, em cuidar da família. Inclusive foi até embora um hoje. Ele disse que nunca mais ia voltar, que ia cuidar da filha dele, da família. Aí eu aconselhei: sai dessa vida, procura um trabalho, que o crime num compensa pra ninguém não, porque assim o que a gente não quer pra gente, a gente num quer pro nosso filho futuramente. E pra gente não querer isso pro filho, a gente tem que sair dele (crime) enquanto é tempo, pra que os filhos não veja mais tarde. Eu penso dessa maneira. Se todo mundo pensasse como eu, talvez tivesse pouco criminoso no mundo né. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

A conversa seguia sempre com o mesmo tom. Chico se colocava numa situação de distanciamento, nunca se percebendo como criminoso e ressaltando a característica de ser um homem trabalhador. Percebendo uma repetição, busquei aprofundar a entrevista rememorando o que eu lembrava de

sua infância. Desta vez algumas lacunas foram preenchidas. A aproximação de Chico fazia com que ele contasse com mais detalhes o que ele havia pontuado brevemente em nosso encontro anterior. Mãe, pai, irmãos, amigos e namoros eram os personagens de sua vida e, ao longo daqueles minutos, eu ouvia e imaginava Chico passar de menino a homem, de namorado a marido, de homem fiel a amante e homicida.

Muitas foram as histórias contadas, mas aquela que havia feito sua vida mudar, seu nome vir seguido de assassino, ainda não tinha sido revelada com detalhes. Somente em nosso último encontro Chico se sentiu confiante para relatar detalhadamente os fatos que culminaram em sua amante grávida morta no quarto de um motel. Nesse dia, ficamos conversando por mais de uma hora. Durante o tempo de entrevista, pude conhecer melhor os detalhes de sua vida amorosa, desde o momento em que conheceu a sua esposa, os anos de casamento, nascimento dos filhos, separação, surgimento de uma nova paixão, retorno para esposa, brigas. Quanto mais o escutava, mais percebia que minha decisão de me interessar pelos demais aspectos de sua vida tinha sido acertada. Aquele homem que falava com desenvoltura em nada se parecia com o que conheci no primeiro dia. Foi o dia mais intenso de entrevista, tanto pelos detalhes do homicídio que foram relatados, como pela situação estrutural a que estávamos submetidos. A grade que nos separava foi progressivamente cansando meus olhos, a ausência de água desgastava minhas cordas vocais e a falta de ventilação intensificava o cansaço. Ao término de três semanas, Chico havia me permitido conhecer sua história, ou sua versão dela. Nos últimos minutos da entrevista, ele começou a demonstrar que eu não era a única a estar cansada. Creio que quando ele me disse que “gostaria de falar comigo porque era uma oportunidade que ele não tinha no presídio” não imaginou que eu fosse estender minha curiosidade para momentos de sua vida que iam bem além do crime. Sabia que aquela era nossa despedida e por isso aproveitei a oportunidade para agradecer por todas as vezes que ele saiu de seu cotidiano para me receber. Selamos nossa despedida com um adeus acenado, fragmentado pela presença da grade. Um aperto de mão teria sido mais adequado, transmitiria melhor meu agradecimento. Em outra situação,

isso seria possível, mas não no presídio, onde estávamos perto e longe em tantos sentidos.

- **ANTÔNIO**

O dia em que conheci Chico foi o mesmo em que vi Antônio pela primeira vez. Ele chegou pouco depois que seu companheiro de cela havia saído. O homem que estava na minha frente era franzino e tinha estatura mediana. Seus olhos aparentavam ter uma cor clara de castanho e sua postura demonstrava certa fragilidade. Aquela visão me surpreendia. Ao imaginarmos um assassino, um homem agressor que matou sua namorada grávida, certamente não idealizamos uma figura que transpareça fraqueza. E não apenas sua estrutura física era delicada, como também seus gestos e sua fala. A voz de Antônio trazia consigo algo que só pode ser definido como meiguice, característica que era acentuada pelo tom baixo com que ele se expressava.

Diferente das experiências anteriores, Antônio foi simpático já no primeiro momento. Ele não demonstrava desconfiança ou hostilidade, apenas parecia curioso sobre a pesquisa. Sua receptividade me intrigou. Antes de conhecê-lo, a assistente social havia me alertado que Antônio evitava dar entrevistas. Seu caso havia recebido muita repercussão, sendo noticiado nos jornais de maiores circulação do estado e em programas de televisão locais. Para evitar o assédio da imprensa, Antônio preferia não receber visitas que não fossem da família ou conceder entrevistas a jornalistas. Por isso, estar na sua presença e não receber resistência ou distanciamento me intrigava na mesma medida em que me agradava.

Aproveitei o ambiente favorável e lhe expliquei os objetivos da pesquisa e o motivo de querer entrevistá-lo. Disse que minha intenção era saber de sua história a partir de sua perspectiva e pedi que ele entendesse que eu não estava ali para julgá-lo. Esta não era minha função e queria que ele soubesse disso. Antônio pareceu receber bem minhas explicações.

Assim como nas experiências anteriores, iniciei a entrevista pedindo que ele me falasse sobre seu passado. Ele começou falando sobre seu local de nascimento, mas não se deteve a falar de sua infância ou família. O foco de sua fala estava concentrado em sua vida profissional e estudantil. Em nossa primeira conversa, a história principal foi a de um menino franzino e doente que, vindo de uma família de poucos recursos, estudou sempre na rede pública de ensino e que, superando as adversidades, conseguiu entrar na faculdade de agronomia da Universidade Federal do Ceará e posteriormente passar no concurso para a Guarda Municipal de Fortaleza. Sua preferência por ressaltar seu interesse pela vida acadêmica indicava o motivo de sua receptividade. Estar ali como aluna de um curso de mestrado em sociologia havia aberto as portas de uma curiosidade que se diferia daquela dos promotores, juizes ou jornalistas. De alguma forma, ele parecia se identificar comigo, era como se o fato de eu ser estudante da mesma universidade que ele havia frequentado nos aproximasse. Este não tinha sido um dos meios pensados por mim para favorecer uma aproximação, mas certamente foi uma possibilidade bem-vinda.

Ele me falava sobre o curso de formação de guarda municipal, das dificuldades que tinha em conciliar trabalho, estudos, saúde e deixava claro sua paixão pelos livros e pelo conhecimento. Antônio narrava sua vida de forma desordenada, não respeitando a ordem cronológica dos fatos e sobrepondo o passado com sua história recente. A aparente confusão de sua fala exigia de mim uma concentração plena, qualquer desvio de atenção poderia afetar minha compreensão dos fatos.

Não demorou muito até que espontaneamente começou a falar de sua ex-namorada. Ele me falava de um homem e uma mulher que se reencontravam depois de viverem o esboço de um relacionamento ainda na adolescência, “um namorico de escola”. Os primeiros encontros, a apresentação aos pais, o desejo de uma vida juntos, eram esses os dados que Antônio ia me falando, nunca indo além desse estágio inicial do relacionamento. Sua fala deixava transparecer que aquela era uma história que nunca iria receber o status de passado, que sempre estaria alojada no presente através de “serás” que nunca seriam respondidos e de situações em que ela

teria de ser revivida. “Será que se eu não estivesse naquele lugar, naquela hora...? Será que se eu não a tivesse reencontrado?” Eram perguntas que eram formuladas por ele e que carregavam a amargura do que poderia ter sido e não foi.

Apesar de suas reflexões indicarem um pesar, seu tom era tranquilo e calmo. Certamente não era a primeira vez que ele pensava em qual rumo sua vida teria tomado se suas ações tivessem sido diferentes. Ademais, a condição de preso lhe fazia prisioneiro de seu crime, sendo posto numa situação em que a associação de seu nome ao homicídio cometido fosse realizada diversas vezes, não havia como fugir. Antônio não conseguiu prosseguir sua fala por muito mais tempo. Ele ainda não se sentia à vontade para conversar comigo sobre os detalhes de seu relacionamento ou sobre o crime que havia efetivado. Ele deixou claro sua vontade de retomar o assunto na semana seguinte e eu aceitei sua posição. Não podia forçar sua receptividade, já havia conseguido bem mais do que imaginava que seria possível.

Ao sair do parlatório, encontrei um grupo composto somente por homens, eles aparentavam ser policiais e agentes penitenciários. A minha presença era uma novidade e eu podia perceber isso pelos olhares que recebia. Alguns, demonstrando uma receptividade excessiva, sorriam e diziam que eu era muito bem-vinda, que deveria voltar sempre. Apesar de manterem o tom de respeito, senti que estava sendo cortejada. Senti-me desconfortável com aquela situação. Eu estava ali como pesquisadora e queria ser percebida como tal. Não podia favorecer aproximações além das profissionais e por isso fingi ajeitar meu cabelo. Minha intenção era expor a aliança que tinha na mão esquerda, indicando que eu era uma mulher comprometida. Meu objetivo foi conquistado. Eles haviam percebido a aliança. A conversa então foi sendo desestimulada e eu anunciei que tinha que partir. Apesar da situação gerada, percebia que continuava sendo olhada e mesmo quando já me distanciava, pude escutar uma frase entre risos: “mas pode voltar sempre!”. Tive que caminhar por todo um corredor até conseguir sair do campo de visão dos funcionários. E mesmo não aprovando o comportamento deles, decidi que a atitude mais sensata seria não demonstrar meu incômodo. Ainda teria de voltar

para o presídio e não queria que minha presença se tornasse sinônimo de constrangimento. Preferi tentar ignorar e adotar um comportamento ainda mais formal e distante, denotando seriedade e objetividade profissional.

Na semana seguinte, ao retornar ao presídio, percebi que a postura dos policiais e agentes penitenciários havia sido amenizada. Embora ainda percebesse alguns olhares e risos, não voltei a ser abordada diretamente. Era tratada com respeito e agia do mesmo modo. Dirigi-me até o parlatório e novamente entrevistei Chico e posteriormente Antônio. Desta vez, Antônio trazia consigo um livro em suas mãos. Iniciei nossa conversa demonstrando curiosidade pela sua leitura. Tratava-se do exemplar de um livro religioso de um padre norte-americano que falava sobre libertação espiritual e que tinha sido alugado na biblioteca da instituição. “Sempre eu estou lendo, eu acho que eu li mais livro aqui do que na faculdade. Tenho mais tempo”, dizia ele.

Seguimos conversando sobre a semana que havia passado. Perguntei por novidades e indiquei que tinha vontade de saber sobre a sua vida cotidiana. Antônio ia me falando um pouco sobre sua rotina dentro do presídio. Ele trabalhava como instrutor de violão e também como auxiliar na lavanderia. Além disso, íamos conversando sobre os dias de visita, sobre as normas de convivência estipuladas pela diretoria e pelos próprios internos. Exemplo disso foi a sua descrição de como é a rotina deles nos dias de visitas:

No dia de visita a gente tem que acordar mais cedo porque tem a faxina da cela, pra ficar cheirosa, tá toda arrumadinha. Aí eles abrem as celas às 07:00h, geralmente sete e quinze eles começam a botar água, porque a água não é direto entendeu. Aí já começa a soltar água, que a gente chama de pagar e vai enchendo balde. Uns vai tomando banho, outros lavando a cela. Então assim quarta, domingo e primeiro sábado do mês é da visita, nesses dias a rotina é assim. Quem tem visita fica esperando até a tua visita chegar. Quando chega aí entra na cela, e fica uma visita íntima dentro da cela. Quem não tem fica no pátio obrigatoriamente de camisa, não pode ficar sem camisa. Aí são dias especiais, não pode ter briga, não pode ter discussão, não pode ter nenhum atrito, tudo vai ser resolvido depois no dia seguinte, se tiver alguma briga pra acontecer... A gente tem a visita como sagrado. Ela não pode ter nenhum constrangimento, ou se sentir ameaçado entendeu. Fica tudo em alerta, principalmente por isso, em dia de visita jamais pode haver isso. Sempre quando é de acontecer de ter uma briga, mesmo que brigarem, são expulsos, advertem qualquer uma assim, aqui dentro tem uma série de regras, estão aí, mas são regras

dos internos. No Brasil inteiro é assim. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Enquanto ele me contava detalhes daquela vida que ele não tinha planejado para si, mas que era sua realidade presente, sentia que as barreiras de desconfiança iam aos poucos se diluindo. Demonstrar que eu não me interessava pelo crime me ajudava a criar uma aproximação menos perceptível e forçosa. Por isso, quando retomamos ao assunto de seu envolvimento amoroso que culminou num crime passional, as palavras já iam saindo com mais facilidade, sem o clima de suspense da entrevista anterior. Antônio rememorava as alegrias, brigas, dia a dia do casal e relações familiares. Tudo isso foi sendo contado no decorrer da segunda e terceira entrevista. Nesses dois últimos encontros, soube os detalhes do crime, a repercussão do ato na sua família, os planos de suicídio, a ida para o presídio, o amparo espiritual através do segmento shalom da Igreja Católica, os planos para um futuro que o distancie de todos que o conhecem e o associam ao crime, o encontro de um novo amor. Eu havia iniciado nossa aproximação com a perspectiva maior de receber “nãos” ou silêncios obtusos em lugar de respostas e estava finalizando as entrevistas com muito mais dados do que havia imaginado. A certeza de que o campo é o senhor absoluto capaz de criar novas possibilidades, modificar os caminhos e estimular ações criativas havia se firmado dentro de mim.

Despedi-me de Antônio com um sorriso no rosto, um aceno nas mãos e um agradecimento nos olhos. Mas ao me distanciar dele, ao pronunciar o “adeus”, sentia a estranha sensação de que também estava deixando para trás Flor, Elis, Chico, ao mesmo tempo em que tinha certeza de que suas histórias e falas iriam ressoar em minha mente por um tempo indeterminado. Finalizava-se uma etapa e iniciava-se outra.



#### 4.4 Conhecendo histórias<sup>13</sup>

- FLOR

Nascida na cidade de Caridade, interior do Ceará, Flor era a caçula de seis irmãos. Filha de pai servente e mãe costureira e “dona de casa”, teve uma infância pobre, com muito trabalho e poucos sonhos. Apesar das dificuldades, era amada por seus pais e irmãos, que a mimavam como podiam. Entre os afazeres de casa, as brincadeiras com bonecas e os “jogos de bola” fizeram de sua meninice uma época feliz e de boas recordações.

Quando eu brincava... eu era feliz e não sabia quando era criança. Eu era uma criança mimada, tudo pra mim era dolorido [risos]. Era, *fia*. Eu era bom quando eu era criança. Eu gostava muito de brincar de bola, eu e meus irmãos. Somos seis irmãos, nós sempre fomos unidos. Nós nunca tivemos brigas, graças a Deus. Meu pai é uma pessoa muito boa e minha mãe também. Eles nunca judiaram com a gente, ele sempre *quis* dar o melhor pra nós. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

A casa grande era sinônimo de movimento. Familiares, vizinhos e amigos faziam a festa no “terreiro” de casa (quintal da casa). O som propagado pelo pai tocando violão, o cheiro do café fresco coado pela mãe e a cantoria

---

<sup>13</sup> Os dados obtidos no decorrer das entrevistas foram aqui formulados em forma de uma narrativa cronológica que é intercalada com citações de trechos das falas dos entrevistados. Mas, como nos diz Bourdieu, “Falar de história de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é urna história e que (...) urna vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de urna existência individual concebida como urna história e o relato dessa história. ressalto que tenho clareza de que considerar a história deles como. (...) O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequencias ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) tem de certa *forma* o mesmo interesse em aceitar o *postulado* do *sentido da existência* narrada (e, implicitamente, de qualquer existência).” (BOURDIEU, 2002, p.183 - 184). Assim, tenho certeza de que se os relatos dos entrevistados são um “modelo oficial de apresentação de si”, tal como diz Bourdieu; uma biografia oficial que me foi apresentada e organizada.

oriunda das pessoas envolta da fogueira animavam as noites e as vidas, transformando suor em sorrisos. O cotidiano sertanejo era alimentado de trabalho e de sonhos pueris. Em meio aos dias que se seguiam quase iguais, Flor sonhava em casar com um homem rico que a sustentasse e amasse.

Quando eu era pequenininha, eu era muito sonhadora. Eu sonhava em casar de véu e grinalda. Eu pensava muito alto. Sempre os meus sonhos foram muito alto... casar de véu e grinalda, ser uma mulher feliz, ter tantos filhos. Eu pensava em pegar um homem muito rico e bastante carinhoso. Mas só que a vida não foi nada do jeito que eu planejei, foi tudo ao contrário. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Aos 13 anos, Flor recebe da vida o mesmo destino de suas irmãs e começa a trabalhar em “casa de família” como doméstica. Era o início de uma nova vida, era a expectativa de um futuro melhor. No seu modo de ver a vida, ainda regado por um olhar de menina, “achava bonito” trabalhar e poder ter dinheiro para ajudar sua mãe. Trazida por uma de suas irmãs, viaja para Fortaleza e lá é apresentada ao seu novo ofício, morando e servindo como empregada numa casa na Praia do Futuro (considerado um dos bairros nobres de Fortaleza). Três meses se passam e a saudade de casa é maior que seu desejo de ficar longe dos seus. Flor retorna para o seu interior.

Entre idas e vindas de Caridade para Fortaleza, Flor vai crescendo, trabalhando, descobrindo amores e desamores. A traição e o abandono de seu pai trazem brigas e desgostos para o ambiente familiar. O riso dá lugar ao choro, que brotava nos olhos da mãe em meio às tarefas domésticas. O grande pilão utilizado para fazer colorau anunciava as lágrimas de uma mulher traída pelo marido. Os filhos ao redor tentavam amenizar a dor da mãe, sem sucesso. Aquele que ocasionou a dor era o mesmo que poderia curá-la. Foram três meses de sofrimento, até que numa tarde como as outras, o homem que havia partido em busca de um novo amor volta com uma mala na mão e um pedido para voltar na bagagem.

Ele chegou à tarde, veio num caminhão que vinha da serra. Aí o pai primeiramente foi pra fazenda, descarregar o caminhão. Quando ele voltou, chegou em casa à noitinha, aí conversou com a mãe e *ficaram* tudo bem. Pobrezinha né, sofrendo muito, aceitou ele de boa. Se gostam e até com chifre não se separaram. Meu pai foi se embora com a mulher e a minha mãe continuou esperando meu pai... E *vévi* junto até hoje, então existe amor, né! (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

O tempo passa e mais uma vez Flor insiste em “tentar a vida” em Fortaleza. A adolescência gera a resistência e a saudade deixa de ser empecilho. Desta vez ela vai para não mais voltar, a “cidade grande” a aguardava. Na capital, uma vida diferente de tudo o que ela havia vivido se anuncia. Surgem namoros e com eles a vaidade, a vontade de se sentir desejada. A televisão e o quarto de casa deixam de ser atrativos e logo ela busca novos tipos de lazer. Casas de forró passam a ser o destino nos momentos de folga. Flor faz novas amizades, descobre a cerveja, o cigarro. Com 17 anos encontra aquele que foi seu primeiro marido, larga o emprego e passa a morar com ele na casa de seus pais. Nessa época, conhece a maconha, que passa a ser consumida na presença de seu companheiro. Aos 18 anos, engravida de seu primeiro filho, momento em que seu relacionamento começa a estremecer.

No início ele fazia tudo pra mim, arrumava a casa, ele enchia o tanque (porque meu banheiro era um tanque sabe, tinha uma cacimba do lado de fora, ai a gente tinha que botar água pra tomar banho), ele me ajudava a lavar roupa, era uma pessoa maravilhosa. Aí eu fiquei grávida e eu fui notando a diferença nele. Ele já não era mais aquela pessoa, ele já saía pras farras, deixava eu sozinha. Só em ele ir pra farra, deixar eu sozinha dentro de casa vi que o negócio já não *tava* ficando bom. Eu já *tava* sabendo que ele *tava* com outras mulheres no forró. Até que ele trouxe uma pra dentro de casa, comigo dentro de casa. Aí eu só chorei, arrumei minhas coisas, fui embora e deixei o menino com ele. E ainda disse pra ele: olha, eu vou embora, não tá dando mais certo. E eu *num* vou levar esse menino não, que quando você me conheceu eu num tinha filho! Disse na cara de pau, aí deixei o menino com ele, com três meses. O menino foi criado com a mãe dele, até hoje o menino ainda mora com a mãe dele, com a avó. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

O fim de seu relacionamento faz com que Flor volte a trabalhar como doméstica. Desta vez, ela já não tinha inocência nos olhos. Trabalhar não era mais um ato bonito, era questão de necessidade. Após um ano morando na casa de sua irmã, outro homem aparece em sua vida. O novo relacionamento é conturbado e repleto de brigas, havendo agressões desde o início. Nas palavras de Flor: “O início nosso foi bom até, ele num me batia, quer dizer, entre aspas, porque aqui acolá, ele me dava uns ‘sacode’, mas também era coisa leve”. Aquela menina que sonhava em casa de véu e grinalda com um homem que cuidasse dela havia ficado no passado. O futuro tinha lhe reservado outras histórias.

Seu novo companheiro era “drogueiro” (usuário de crack) e logo ela também passa a fazer uso da droga. O passar do tempo faz com que as brigas fiquem mais frequentes e cada vez mais violentas, mas mesmo em meio ao cotidiano conflituoso, Flor fica grávida de seu segundo filho. As brigas com o marido e com seus familiares, que não a aceitavam, desgastam o relacionamento, que só chega ao fim quando seu marido é assassinado por um desafeto em meio a uma briga de bar.

O que aconteceu, fia, é que ele começou exagerar na droga, já *tava* cheirando cola. Aí foi que o negocio desandou. Eu comecei a brigar muito com ele, muito mesmo. Aí nós *fiquemo* (ficamos) naquela, não tivemos mais paz, desandou, tudo desandou mesmo. Nós tivemos uma briga muito feia, ele deu muito em mim, ai foi onde mataram ele. Ele *tava* na bebedeira e eu fui lá reclamar, aí ele deu em mim com um uma barra de ferro de muro. Nós *continuemo* (continuamos) brigando, aí fui entrei num bar. Nesse bar *tava* um inimigo dele, que puxou um punhal e deu só uma punhalada, mas que perfurou o pulmão e matou ele. Aí pronto foi onde eu desandei, né. Eu comecei a desgostar da vida. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Após experiências tumultuadas e trágicas com homens, Flor começa a se relacionar com mulheres. Até então, Flor só havia tido relacionamentos heterossexuais, até que numa de suas saídas para casas de show de forró, se sente atraída quando uma mulher lhe acaricia o pescoço. A sensação ainda

não experimentada traz consigo um momento de descoberta, capaz de lhe fazer sentir “coisas estranhas”, de desejar algo que nunca tinha desejado.

Foi assim, eu fui prum forró que na época só tinha viado. Aí eu fui dançar mais uma sapatão e ela deu um beijo no meu pescoço e eu aceitei. Eu senti uma coisa assim... meia estranha (risos). Eu gostei do negócio. Aí eu fiquei assim sabe: meu Deus do céu! Aí fiquei assim pensando, pensando: menino será que eu gosto é de mulher? Eu sempre fiquei naquela sabe: será que eu vou gostar de mulher? Aí quando foi o final de semana fui pro mesmo canto de novo na intenção de ver ela, aí fui de novo pra mim ver ela. Eu queria porque eu queria ver ela. Aí vi ela, chamei ela pra nós dançar forró, e fui dançar forró com ela. Aí o beijo já não foi mais no pescoço, o beijo foi noutra canto (risos)! Mulher eu gostei, pronto eu gostei. Com essa mulher eu namorei três meses, aí pronto de lá pra cá eu não senti mais vontade por homem. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Desde então, Flor nunca mais voltou a se envolver com homens. Relacionar-se com mulheres passou a fazer parte de sua vida. Ia *ficando* com uma e com outra até que conhece a mulher que iria mudar a sua vida, que em suas palavras, foi “sua perdição”. Um namoro começa. Segundo ela, era um relacionamento intenso, uma “paixão doida” que teve um início muito feliz. Estar perto de sua namorada era tudo o que ela queria. Era um sentimento novo, que a fazia desejar aquela mulher do jeito que ela nunca havia sentido antes.

Me sentia uma pessoa muito feliz ao lado dela! Mas eu sempre dizia pra ela que eu não ia perder ela pra ninguém. Sempre eu botei isso na cabeça dela. Eu era assim uma coisa! Meu amor por ela era assim uma coisa assim que não tem explicação do tamanho do amor que eu sentia por ela. Eu acho que ali não era amor, já tava virando uma doença. Eu mesmo sentia dentro de mim. Eu vigiava, controlava ela. Eu vigiava as calcinhas dela, eu olhava ela tomando banho, tudo eu queria era tá ali perto dela. Eu saía, minha intenção era de voltar logo pra ficar perto dela, tá entendendo? Achava ela a mulher mais linda de todas, fui botando isso na cabeça e foi minha perdição. Tu conhece esse tipo de amor? (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Foi uma paixão *arrebentadora*, muita paixão! Nós se completava na cama. Foi, fia, nós era muito felizes juntas. Tivemos muitas felicidades também, não tivemos só momentos ruins não. Eu pra ela era um *companheiro*, um *irmão*, um *amigo*, eu era tudo, de tudo eu era um pouco pra ela. Ela me dava muito carinho, me dava muito amor, me dava muita atenção, ela era uma mulher perfeita. Ela

cuidava bem de mim, ela reparava se eu *tava* mal vestida, se eu *tava* bem vestida ela reparava, se eu cortasse minhas unhas ela reparava. Ela me amava. Se eu cortasse meu cabelo, ela dizia como é que *tava*, se *tava* do gosto dela, se não *tava* do gosto dela. Ela era uma pessoa muito observadora. Eu acho que quando a gente ama uma pessoa, a gente observa tudo. Você observa até o olhar da pessoa que você ama, você observa se tá olhando pra você mal, se não tá olhando, se ele tá feliz, se não tá feliz. Mulher, quem ama conhece. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

O relacionamento vai ficando cada vez mais intenso, sempre havendo o consumo de crack e outras drogas. Flor passa a se dedicar plenamente ao namoro, passando a assaltar para sustentar e oferecer os melhores presentes para a sua namorada. A vida de doméstica tinha chegado ao fim. Assaltar agora era seu ofício, sua nova “aventura”, e dar uma vida de presentes para sua namorada era sua nova meta. A vassoura dá lugar a uma “faca de cozinha” (faca serrinha) e o trabalho se torna uma “batalha”.

Tudo que eu fazia era pra ela. Ela só tinha roupa de marca, antes ela só tinha roupa de feira. Por quê? Porque eu dava o melhor pra ela. Eu só tinha uma filha mulher e ver o que eu fazia, dava pra minha filha? Não! Eu *ganhei* (assaltou) um celular daqueles e a minha filha chorou foi muito pra eu dar, eu dei? Não dei, eu dei pra outra. Eu me dedicando toda pra ela, praticamente desprezando a minha filha, pra dar amor a ela. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Porém, a suspeita de que a amada “tinha fraco por homens” faz com que Flor tenha mais ciúmes. Um dia Flor volta “das batalhas”<sup>14</sup> mais cedo e descobre, por meio de vizinhos e de sua irmã que sua namorada havia saído de casa. Tal fato deixa Flor inebriada de raiva, afinal, ela sustentava aquela mulher, era sua “dependente” e “queria que ela ficasse esperando” em casa. Não era a primeira vez que os vizinhos delatavam as saídas da namorada, mas esta sempre justificava dizendo que tinha ido visitar a mãe, fato nem sempre confirmado por sua família. Apesar da desconfiança, Flor “deixa quieto”, pois

---

<sup>14</sup> Termo nativo utilizado por Flor e que significa assaltar.

apesar de sair, ela sempre estava em casa quando ela chegava e “por que queria ter certeza”.

Naquele dia, entretanto, Flor chega em casa e encontra o ambiente vazio. Dessa vez, vai verificar o paradeiro de sua amante. Seguindo as indicações dos vizinhos, chega num local conhecido pela vizinhança por ser um lugar alugado para uso específico de consumo de drogas e “sacanagens”. Lá chegando, olha pela fechadura e vê sua namorada “só” de calcinha e sutiã no quarto juntamente com um homem. Ódio é o sentimento sentido. Flor estava “desmoralizada”.

Eu cheguei lá e o quarto *tava* fechado. Aí eu *brechei* pelo buraco da fechadura e vi um homem de cócoras. Daqui a pouco eu vi a menina. Aí fiquei assim, escutando. Tinha duas pessoas conversando, aí eu vou e *brecho* de novo. Aí eu vejo a minha mulher, que *tava* só de calcinha e sutiã. Mulher, aquilo ali que eu vi... Meu coração cresceu, meu coração ficou enorme! Subiu um peso nas pernas. Meus pés *gelou*, as mãos *ficou* suada... Mulher, eu fiquei passada, eu me transformei. Eu me senti desmoralizada, porque eu só faltava dar a minha vida por ela. Pra quem *vévi* nessa vida, vem pra morrer também. Não é só pra perder não... tá pra matar ou morrer e eu *tava* entregando a minha vida pra ela, pra ela fazer o que ela fez! (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Ela, então, bate na porta do quarto e confronta a namorada. Esta diz que “não estava fazendo nada, só usando droga”. A justificativa parece irritar Flor ainda mais, pois ela sempre supriu as necessidades da parceira, inclusive fornecendo as drogas que ela queria. A briga vai se intensificando, até que Flor praticamente arrasta sua namorada para um matagal próximo ao local. A discussão segue, desta vez pesa a acusação de traição, tendo em vista o contexto e os trajes que estavam sendo usados por sua mulher. Apesar de não haver nenhuma confissão de traição, Flor não aceita as justificativas e começa a agredir a namorada com um pedaço de pau cravejado com pregos que estava próximo a elas. Mesmo relatando que sua intenção não era matar, mas “apenas dar uma surra”, Flor continua batendo até que, num dado momento,

resta apenas um corpo imóvel e ensanguentado estendido no chão. A morte havia se anunciado.

Veio muitas coisas na minha cabeça. Veio o ódio dela tá com homem, a raiva dela não me obedecer, de eu pedir as coisas e ela não fazer as coisas do jeito que eu queria. Aí eu fui juntando tudo e cobreí! Foi uma cobrança só... Short curto, eu detestava que ela vestisse short curto. Eu saía quando e quando chegava a mulher *tava* com o short *amostrando* as virilhas. Mas só que eu me controlava porque eu gostava muito, né. Aí assim foi uma coisa que foi juntando, foi juntando, foi juntando, Eu sempre dizia assim, quando eu pegar essa mulher vai ser uma pancada só. Foi isso. O que passava pela minha cabeça era só vontade de matar. Eu não vou dizer pra você que em momento algum passou outra coisa que não passou. Só passou mesmo a vontade de matar, o desejo de matar, só isso. Eu acho que eu *tava* possuída, dizem que dizer que *tava* possuída é desculpa né, mas pra mim não é desculpa. Eu acho que eu não *tava* normal. A minha revolta é que ela *tava* de calcinha e sutiã, precisava tá de calcinha e sutiã se não tivesse rolando outra coisa? *Tava* rolando, *tava*! (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

Após o ocorrido, Flor entra em pânico e foge, deixando um corpo, uma morte, uma vida para trás. Não demorou muito até que o crime fosse descoberto. O vigia de um estabelecimento próximo ao matagal achou estranho ver Flor entrando acompanhada e saindo sozinha e por isso resolveu averiguar a situação. Quando a notícia se espalhou, ela já estava a caminho de sua terra natal. Por três meses ela ficou foragida em Caridade, até que, achando que “a poeira tinha baixado”, voltou para Fortaleza. Flor estava enganada. Tão logo chegou, foi reconhecida, delatada para a polícia e presa.

Quando a conheci, Flor já estava há mais de um ano encarcerada. O presídio feminino havia se tornado seu novo lar e arrancado dela os sonhos e possibilidades de uma vida feliz. Ao ser perguntada por planos para o futuro, Flor foi enfática:

Quando eu vou sair daqui? Eu fui julgada em oito anos. Mulher, depois dos oito anos, depois que eu saí daqui num vou fazer mais nada. Eu vou sair daqui muito velha! Eu tenho trinta e sete anos, com quantos anos eu vou sair daqui, amiga? Tem que pensar em quê? Na



aposentadoria, num é não? Vou pra Caridade, isso é a única certeza que eu tenho. (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

A vida amorosa também segue o descompasso deixado por um passado que reverbera em sua vida. Com três meses de reclusão, um novo relacionamento se iniciou, mas a memória do crime e de sua ex-namorada segue com ela. O medo de matar de novo, de repetir o mesmo enredo assombra seu relacionamento.

Tô com essa pessoa e tô feliz, mas só que eu tô tentando não ter ciúme. Eu deixo ela a vontade, tô tentando gostar muito dela, tentando fazer tudo certo. Eu tenho medo de passar pelo que eu já passei. Porque eu tenho um ciúme louco, já pensou se eu gostar dessa mulher do jeito que eu gostava da outra? O que vai ser de mim aqui dentro? Eu tenho medo de fazer “uma arte” com ela também, que nem eu já fiz uma arte com ela aqui dentro porque ela *tava* conversando com *outra sapatão*. Peguei dez dias de tranca que eu agredi ela. Aí eu já fiquei com medo, medo de me aproximar demais. Mas a outra, a que eu matei, foi meu único e verdadeiro amor. A gente não ama duas vezes, amar a gente só ama uma vez, sabia? (Trecho de entrevista com Flor, novembro de 2011).

No decorrer de três entrevistas eu havia escutado Flor nascer, crescer e murchar para vida. Aos 37 anos, Flor se sente uma velha sem perspectiva de uma vida melhor.

- **ELIS**

Nasce no ano de 1960, na pequena cidade de Itapajé – CE, Elis. Filha de pais agricultores, era a caçula de cinco irmãs. As meninas vão crescendo trabalhando na roça, plantando, colhendo e capinando. E se o clima do sertão não era ameno, a vida familiar era. A sensação de estabilidade e felicidade se sobrepunha as dificuldades externas. O peso da enxada era dividido entre mãos femininas que se revezavam entre afazeres.

Era maravilhoso. Meus pais eram maravilhosos... Meu pai, minha mãe eram pessoas muito boa, não *maltratava* os filhos. Nós *era* bem cuidado, ele não judiava da gente, mas tinha esse porém que era nós que *tinha* que trabalhar na roça. Mas nós *gostava*, nós *se sentia* bem ajudando o pai da gente. *Era* cinco irmãs mulher, eu era da mais nova. A gente trabalhava do lado do pai. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Era um pessoal (os pais) da agricultura, que não tinha muito estudo, mas eles sabiam chegar pra gente e conversar, dá aquela palavra de conforto, dá carinho, explicar como é a vida. Apesar deles também *ser nascido* e criado no interior, trabalhar na agricultura, eles já *tinha* uma coisa boa pra passar pra gente. Não queria que a gente fosse o que eles eram, de não saber ler, de não ter estudo. Então é como eu falei, ele queria que a gente aprendesse alguma coisa. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

A vida vai sendo levada pelo binômio casa/roçado e em meio a tanto trabalho braçal, sobrava pouco tempo para os estudos e quando assim o tentava fazer era vencida pelo cansaço. O interesse pelas letras era abafado pelo peso da enxada e a aptidão para escrever ia se enrijecendo tais quais os calos nas mãos.

O tempo de estudar era pouco, mas meus pais *pelejava* era muito pra gente estudar. A gente ia pro colégio, mas *tava* tão cansada, que chegava no colégio preferia brincar do que ir estudar. Que (a vida) era só trabalho, aí não tinha aquele tempo pra brincar, era só trabalho. Aí (eu) era muito danada e resolvia *se danar*. A gente *tava* tão cansada que não tinha mais aquela garra *pra* estudar. Aí o que a gente podia fazer? Cansada, quem ia querer saber de estudo? Aí o pai dizia que já que a gente não queria aprender nada no colégio, pagava professora pra ensinar a gente em casa, mas o cansaço era o mesmo. Aí ele pegava e falava pra minha mãe: Maria, as meninas não querem estudar mesmo não. Minha mãe, eu não tiro a razão delas porque elas já estão cansadas, aí *umbora* dispensar a professora. Pra falar a verdade eu não aprendi a fazer nem meu nome. Mas hoje eu não culpo nem meu pai nem minha mãe. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Em meio à vida de trabalho rural, Elis vai seguindo uma existência que não dava muita margem para alimentar sonhos. Ainda sim, ela ansiava pelo dia em que teria marido, filhos e uma casa para cuidar. O passar do tempo faz de

Elis uma jovem mulher e aos 18 anos, o dia que ela tanto desejou se anuncia. A figura de um rapaz simpático cativa a ela e sua família, que não apenas consente o casamento, como permite que Elis siga para novos horizontes, indo morar em São Paulo. A decisão parte de seu futuro marido, que desejando “ganhar a vida” trabalhando em São Paulo, decide ir na frente e depois voltar para buscá-la.

Já não tinha vontade de ficar no sertão. Achava que ali já não dava mais pra mim. Eu acho que é porque eu queria sair, porque eu achava que casando eu ia sair de casa, ia pra outro lugar, eu acho que foi isso. Era bobinha ainda. Eu gostava dele, eu acho que nem amar, eu amava não. Ao mesmo tempo, achava que tinha que ficar lá, já que eu não tenho estudo. Na cidade grande, a gente tem que ter estudo. Aí me casei com 18 anos, fui embora pra Canindé e de lá fui embora pra São Paulo, passei cinco anos lá. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011)

Não passa muito tempo até que ele encontra um emprego e cumpre a promessa de buscar sua mulher, que descobre que estava grávida. A vida na grande metrópole é diferente de tudo o que Elis havia visto e imaginado. Novas perspectivas de vida parecem estar a sua espera. A expectativa romantizada da mudança, entretanto, é facilmente quebrada. Grávida e sem conhecer ninguém, seu novo mundo fica restrito aos muros de sua morada. E enquanto o marido descobre os prazeres da nova cidade através do trabalho, Elis se percebe rodeada por afazeres domésticos, sempre à execução de suas tarefas com o cuidado da filha. A vida vai sendo levada nesse ritmo, o marido no trabalho e a esposa cuidando da casa. Dois anos se passam e mais uma criança vem ao mundo. O trabalho só aumenta, assim com a distância entre Elis e seu cônjuge. As demandas exigidas pela vida em São Paulo, o novo emprego do marido e as novas amizades são as engrenagens que aceleram a perda de intimidade e afeto.

Eu queria casar e procurar conhecer outros lugares. Mas cheguei lá sem estudo, vivia praticamente pra cuidar da casa, num trabalhava, num saía, ficava só em casa cuidando dos filhos. Eu passei cinco anos

lá, praticamente quase três em casa. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Após cinco anos vivendo o sonho que não sonhou, Elis percebe que não há nada mais que a prenda a uma realidade que só lhe dá desgosto. Seu casamento chega ao fim. Elis decide contar sua decisão ao marido, comunicando não apenas o término do relacionamento, mas também anunciando sua volta ao seu local de origem. O marido não aceita a decisão da esposa e um conflito se inicia. A briga é violenta, havendo inclusive tentativa de esfaqueamento e estrangulamento. Segundo Elis, só não houve um crime por interferência de seu cunhado, que presenciou o desentendimento do casal.

Disse que ia voltar por Ceará, aí ele num aceitou que eu voltasse, eu sabia que ele gostava de mim, ele era mais velho que eu dez anos, aí eu falei que ia voltar, e ele não queria aceitar. Ele disse que ia me matar. Eu num cheguei a ver, mas o irmão dele disse que ele *tava* com uma faca. Ainda bem que *tava* chovendo, aí quando ele tentou puxar a faca, escorregou no lameiro e a faca caiu na lama. Eu não vi essa cena, só vi quando ele *tava* agarrado comigo, agarrando meu pescoço. Só disse que ia me matar e que eu não ia voltar pro Ceará. Mas eu consegui me livrar dele e sai. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Com a ajuda do cunhado, Elis consegue se desvencilhar do marido e recebe, no mesmo dia, uma carona para a rodoviária e uma passagem de volta para o Ceará. Não era apenas o casamento que estava sendo desfeito. O laço com as filhas também. O marido, ainda que à contragosto, permite sua partida, mas nega a ida das filhas. A volta para o Ceará tem um sabor agri-doce.

Elis busca abrigo na casa dos pais, na mesma cidade em que cresceu e resolveu sair, Itapajé, onde fica por um ano. Após este tempo, uma nova mudança se anuncia. Fortaleza - CE é seu novo destino. A nova etapa se dá pela obtenção de um emprego como empregada doméstica. Uma senhora conhecida é que lhe oferece a oportunidade, que não é desperdiçada. Apesar de afirmar gostar da família para quem trabalhava, ela não permanece muito

tempo por lá, mudando-se para auxiliar numa casa que lhe oferece uma proposta financeira melhor.

Era boa empregada doméstica, né nesse sentido, tomava conta da casa direitinho. Cozinhava, tomava conta da casa dela direitinho, não acontecia nada de errado, não aceitava ninguém lá na casa dela, eu era uma responsabilidade, porque quando você chega pra trabalhar em casa de família, você sabe das responsabilidades, tem que dá conta, aí eu tinha aquela responsabilidade. Não sou forno, fogão como o povo diz, mas se eu pegar numa cozinha, do jeito que eu fizer dá pra comer. Eu num sei fazer muitos pratos, só sendo uma comida simples. O que eu fazia dava pra comer, era frango no forno, galinha à cabidela, buchada, aquela comidinha mais simples, caseira. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Aos 28 anos, Elis começa a viver a vida com um pouco mais de liberdade e a responsabilidade de seu trabalho passa a ser aliviada em saídas a clubes de shows aos finais de semana. Numa dessas saídas, conhece um garçom, com quem se envolve afetivamente e engravida. O namorado, entretanto, duvida da paternidade da criança e termina o relacionamento. Elis estava grávida e sozinha. A gravidez não é motivo para descanso. São nove meses de trabalho até o nascimento de seu filho. A falta de estrutura e de planejamento faz com que Elis decida levar a criança para Itapajé, que passa a receber os cuidados de sua avó. Era o terceiro filho a estar longe da mãe.

De volta a Fortaleza, Elis retoma seu trabalho e reconstrói a sua rotina de empregada doméstica com outra família, desta vez na Praia de Iracema. Passam-se dois anos até que, nas proximidades de seu emprego, conhece um moço que lhe chama a atenção e um flerte se inicia. Os galanteios tinham como cenário os fins de tardes numa pracinha, mas não demora muito até Elis se perceber apaixonada pelo rapaz. Após seis meses de namoro, eles passam a morar juntos. A casa era simples, uma quitinete, mas os sonhos e desejos de construir uma vida a dois eram grandes.

Comecei a me envolver com esse rapaz que por causa dele eu estou aqui hoje. A gente se via lá na pracinha mesmo. Aí a gente se olhava, né. Ele era *baixim*, moreninho, bem musculoso, aí já pintou aquele clima e a gente se envolveu. *Passou* uns seis meses e ele perguntou se eu queria morar com ele. Eu aceitei e aí começamos a morar *junto*. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Elis abandona seu emprego e os dois decidem investir suas economias para montar uma barraca de praia. Para terem maior estabilidade financeira, Elis resolve aceitar o emprego de camareira numa das inúmeras pousadas da Praia de Iracema, enquanto seu companheiro ficaria responsável pelo gerenciamento de sua barraca. Segundo Elis, o início do relacionamento foi bom, os dois se ajudavam e se gostavam.

Eu era mais velha do que ele uns dez anos, mas quando dois quer não tem família que dê jeito. Aí eu continuei trabalhando e a gente montou uma barraca na praia e *fiqumo* trabalhando. Aí a gente combinou dele ficar na barraca e eu fui trabalhar numa pousada. *Tava* me sentindo bem ganhando meu dinheiro. A gente *tava* junto... Sentia que eu gostava dele, não sei se era amor, ou era só atração, não sei qual era o significado, mas eu sentia que gostava dele. Só que aí eu engravidei da minha menina mais velha e ficava muito pesado, não dava mais pra trabalhar na pousada. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Entretanto, com passar dos anos e com alguns filhos a mais, o marido passa a se envolver com outras mulheres e a se interessar menos por trabalho, em suas palavras: “Ele queria viver aquela vida de mulherengo, passava um tempo sem querer trabalhar”. O tempo só agravava uma situação que já era desgostosa e o casamento vai se tornando cada vez mais um cenário para brigas e atos de violência envolvendo marido, mulher e filhos.

Eu tinha visto ele com outra mulher, aí mandei ele embora de casa e tudo. Só que ele arrumou as coisas dele e deixou lá arrumado. Passou uma semana e as coisas dele *continuou* lá no canto aonde ele botou. A gente fez as pazes e tudo, mas ficou aquela coisa que você não se une mais. Quando você passa por uma coisa dessas, não tem mais como você se unir, sempre vem aquela discussão. A gente fazia as pazes, mas não era mais como era antes, até porque tinha aquela mágoa,

aquela angústia, aquela revolta. Acho que de tudo um pouco, a gente começou a se afastar. Eu trabalhava tanto para que ele fosse uma pessoa melhor, pra ser mais carinhoso, mais humano, ter mais amor pelos filhos, dar carinho para os filhos, mas ele não queria. Queria mesmo era viver aquela vida de mulherengo. Passava um tempo sem querer trabalhar... Ele era uma pessoa muito rebelde, cruel, acho que ele num tinha amor nem por ele mesmo. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

A vida de casada foi se transformando num fardo cada vez mais pesado, em que aborrecimentos iam sendo acumulados na convivência cotidiana. Para Elis, as brigas tinham como motivações o dinheiro que o marido gastava com as amantes e sua indisposição para o trabalho, enquanto que, para ele, o motivo era a desconfiança de que Elis não gostava mais dele por gostar de outros homens. A frequência das discussões ia aumentando paulatinamente, assim como o nível das ameaças, chegando ao ponto do marido ameaçá-la de morte. Nesse ponto, todo afeto e carinho do início tinha se desfeito, assim como a harmonia da casa.

Ele me dava homem que eu não tinha. Dizia que eu traía ele e ali começava a discussão. E sempre que discutia, dizia que ia me matar. Ele era uma pessoa fria. A nossa convivência era só ali como marido e mulher, mas num tinha praticamente mais nada de relacionamento. A gente vivia como dois irmãos. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

As acusações mútuas seguem e as raivas vão se acumulando e o casal chega a se separar. Elis parte para Itapajé com seus filhos e deixa o marido sozinho. O sossego não dura muito. Dias após sua partida, o marido descobre a localização de sua mulher e filhos e exige o retorno deles. A sogra de Elis também vai junto e pede para que ela tenha paciência, que perdoe seu filho, pois “ele não é uma má pessoa, só tem a mente fraca, mas vai mudar”. A insistência da sogra e o medo de não conseguir criar seus filhos sozinha fazem com que Elis decida voltar para sua casa. Em suas palavras: “eu voltei num sei nem por que, mas voltei achando que eu sozinha não ia poder criar meus

garotos”. Apesar da tentativa, as brigas seguem a fazer parte da rotina do casal e dos filhos, enfraquecendo as relações de afeto.

Ele não tinha carinho com os filhos, não ligava pros filhos. Eu também na época que eu tava com ele, eu não tinha tempo de dar carinho pros meus filhos. Era só trabalho, trabalho. E nem ele deixava eu dar carinho pros meus filhos. Dizia que os filhos que *era* paparicado demais, ou dava pra *viado*, ou pra *sapatão*. Era a frase que ele dizia. Aí eu não tinha tempo pra dar carinho aos meus filhos, era só trabalho. O pouco que eu tinha tempo de conversar com meus filhos, dar carinho, era quando ele não *tava* em casa. Tanto que meus filhos cresceram diferente da convivência que eu tive com meus pais. Eu não tinha muito tempo pra ficar com meus filhos. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

O ápice do conflito se inicia quando a filha caçula do casal, ao brincar com os patins que havia ganhado do pai, quebra o braço. Apesar do choro da criança e da aparente seriedade do ocorrido, o marido lhe nega ajuda. Tendo que trabalhar, Elis pedi para que ele vá com a menina ao médico, mas o marido nega e diz que nenhum dos dois vai socorrê-la e proíbe que receba qualquer tipo de atendimento médico.

Eu vivi com ele todo esse tempo, mesmo sofrendo. Mas ao mesmo tempo nem eu entendo por qual motivo em convivi tanto tempo, ter aguentado tanto sofrimento. Eu acho que era pensando nos filhos, achando que ficando sozinha eu não tinha condições de criar. Sofria muito, cheguei a me separar, a mãe dele que é mãe adotiva fazia de tudo pra juntar a gente de novo. Conseguia voltar com a promessa de que ele ia mudar, ia mudar, mas sempre piorando cada vez mais. Apesar de um dia eu tava pronta pra trabalhar, que eu trabalhava nas boates, mas também tinha um comérciuzinho na minha própria casa. Aí teve uma noite que eu tava pronta pra trabalhar, a minha filha caçula era muito criança, tinha uns três pra quatro anos na época, aí ela caiu e quebrou um braço, quebrou mesmo. Aí ele não deixou eu socorrer minha filha e nem ele também quis socorrer. Aí eu pedi pra ele levar a criança pro hospital que eu ia trabalhar, ou então eu levava e ele ia trabalhar enquanto eu chegava, aí ele me respondeu que nem eu ia nem ele ia, que ela podia morrer e ir pro inferno. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Elis narra que este foi um momento difícil e diz que decidiu trabalhar e levar a filha doente consigo, tentando amenizar sua dor com um pacote de



gelo. Durante a noite, os fregueses percebem a dor da criança e lhe perguntam o porquê da menina não estar no médico. Ao explicar a sua situação para os curiosos, estes passam a dizer que seu marido “é um monstro” e Elis vai se enfurecendo cada vez mais.

Terminado o trabalho, Elis retorna para sua casa. Já era madrugada e seu marido estava deitado numa rede na sala quando percebe o retorno de mãe e filha. Segundo ela, ele as recebe perguntando pelo faturamento da noite, pelo dinheiro apurado com as vendas de bebidas. Elis vai deixar a filha no quarto para que ela durma e depois entrega o dinheiro ao marido, mas o fato dele não demonstrar qualquer preocupação com o estado de saúde de sua filha faz com que ela se descontrole. É quando ela avista uma marreta em cima da mesa e começa a agredir o esposo. Este estava deitado na rede e não esperava aquela reação. Apesar de tentar se defender, sua força não foi suficiente para conter a raiva da esposa, que o mata com golpes de marreta.

Nesse dia eu chorei muito, chorei e muito, mas continuei trabalhando. Trabalhei a noite todinha. Mas não passava pela minha cabeça, mesmo com aquele sofrimento, com aquela minha dor, mas não passava na minha cabeça, no meu coração, *deu* fazer aquela maldade. Eu nunca premeditei fazer nada *pra* nele, só que a raiva aumentou quando ele perguntou pelo o dinheiro. Se ele tivesse perguntado como é que *tava* minha filha... “Como foi que ela passou a noite”? Mas não, não perguntou nada. Ao invés disso perguntou: “cadê o dinheiro”? Peguei e entreguei o dinheiro. Aí naquela raiva, foi coisa de momento, repentina mesmo, perdi a cabeça e peguei a marreta que *tava* em cima da mesa. Ele ainda tentou se levantar, mas não pôde. No quintal da minha casa já tinha um buraco feito, ele dizia que era *pra* fazer uma fossa, mas já *tava* com tanto tempo, mais de um ano. Ele tinha a chance de fazer, só que quando a gente brigava, ele me ameaçava. Dizia que aquele buraco era *pra* mim e *pros* meus filhos. Aí eu peguei e cometi esse erro. Foi o grande erro da minha vida, foi como eu vim parar nesse lugar. Após eu ter cometido o ato, eu cortei os punhos da rede onde ele *tava*, tirei a tampa do buraco e coloquei ele lá. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Os filhos ainda chegam a ver o corpo, já morto, do pai e Elis diz que eles podem chamar a polícia. Entretanto, eles se recusam a delatar a mãe, que decide enterrar o marido no quintal de casa. Nos dias que se seguem, mãe e

filhos encobrem o crime, buscando agir normalmente. Para todos que reclamavam a ausência do morto, Elis dizia que ele havia saído de casa. É assim por quinze dias, até que Elis decide confessar o crime para o irmão da vítima, que a denuncia para a polícia. Ela é autuada, julgada e condenada.

- **CHICO**

No ano de 1979, nasce Chico. Filho de pais separados, ele teve a sua infância dividida entre Fortaleza – CE, cidade em que nasceu, e Recife – PE, local onde passaria a viver com sua mãe. A vida na capital fortalezense não lhe reservou boas memórias. A indiferença da madrasta e os maus tratos sofridos pelo pai fizeram de Chico uma criança triste, fadada a ficar sozinha em casa sem brincadeiras e sem atenção. Em meio a uma família numerosa, eram nove irmãos, diz ter sido apenas mais um filho entre tantos. A pouca afeição recebida na infância podia ser percebida na forma “seca” como ele relatava os fatos de seu passado. Segundo ele, sua primeira prisão foi a sua casa, quando ainda era menino. Como ele diz: “A minha infância foi presa”.

Eu morava com meu pai. Ele tinha outra mulher e saía. Com medo de eu pegar alguma coisa, ele me deixava na rua. Eu tinha uns três anos de idade e ele com medo de eu pegar em alguma tomada, em alguma coisa, com medo de eu bagunçar, ele me deixava do lado de fora. Trancava a porta e saía *pra* ir curtir a vida e quando ele chegava eu *tava* do lado do poste dormindo, parecia um cachorrinho do lado do poste. Aí ele ia lá, pegava no braço e me botava pra dentro. Devido os vizinhos reclamar muito, ele começou a me deixar trancado dentro de casa, aí o pessoal com medo de eu passar fome, começaram a botar água por baixo da porta. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Sensibilizada com a condição do neto, a avó paterna comunica à mãe de Chico sobre os maus tratos que a criança recebia. A mãe resolve buscar o filho da casa do pai, levando-o para Pernambuco, estado onde trabalhava. A vida com a mãe não foi muito diferente. Ainda muito pequeno e sem ter um adulto responsável por perto, Chico ficava trancado em casa com sua irmã mais nova enquanto seus irmãos mais velhos e sua mãe saíam para o trabalho. A

necessidade faz com que Chico, com sete anos de idade, vá aprendendo a varrer, cozinhar e “cuidar da casa”. Aos poucos o menino ia sendo apresentado às responsabilidades da vida e logo receberia cobranças, tal qual um adulto. Com apenas onze anos, Chico é iniciado ao mundo do trabalho.

Eles saiam *pra* ir trabalhar e eu ficava trancado dentro de casa, vendo o pessoal brincado na rua, com vontade de brincar, mas não tinha como. Tinha que ficar dentro de casa, tinha que lavar os pratos, tinha que varrer a casa pra minha irmã, isso com sete anos de idade. Ficava trancado e a minha vida foi essa aí até os onze anos de idade, com onze anos de idade, minha mãe chegou pra minha irmã e diz: tá bom de botar ele pra ir pra trabalhar, já que num tem interesse pelo estudo, bora botar ele pra aprender pelo menos alguma coisa. Aí me botaram pra trabalhar na oficina, aí foi onde eu comecei a trabalhar. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

A decisão de sua mãe é concretizada quando Chico começa a trabalhar numa oficina mecânica. Esta nova etapa vem acompanhada com outra mudança e o menino sai de casa, indo morar com uma tia. A curiosidade faz com ele vá aprendendo não uma, mas diversas atividades do ofício. Ainda sem saber de nada, ele vai aprendendo tudo. Pintura, lixamento, limpeza, o que fosse necessário era feito. Sua relação com o trabalho vai se aprofundando, assim como seus conhecimentos. O mesmo não pode ser dito de sua relação familiar. Ao sair de casa, mãe e irmãos tinham se tornado figuras raras e, portanto, infrequentes, fato que não lhe inquietava. O trabalho o libertaria.

Eu apanhava, tinha que fazer as coisas dentro de casa. Fui uma criança que nunca brincou, como se fosse um escravo, um empregado e isso me doía. Como uma vez a minha irmã mais nova, o pai dela era outro, não era o mesmo pai. Uma vez o pai dela veio de Pernambuco pra visitar ela, e olha o que acontece?! Eles foram almoçar, aí juntou a minha irmã mais velha na mesa, junto com a minha irmã mais nova e o pai dela, e eu ela me botou no canto da parede no chão. Aquilo me doeu. Eu me senti desprezado no canto da parede separado, me senti um cachorro. Saí com aquilo doendo por dentro. Eu sentia aquilo, mas não demonstrava pra ninguém, simplesmente a minha vontade de crescer e sair de dentro daquela casa aumentava, até que surgiu essa oportunidade né. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Com onze anos de idade, fazia tudo que pedissem. Se me botasse pra varrer o chão, eu varria, se me botasse pra ir lixar eu ia lixar, se me desse um pincel pra pintar um cano enferrujado eu ia pintar. Eu *num* tinha assim um canto definido não. Com o passar do tempo é que eu comecei a aprender mesmo, comecei a pegar uma profissão. Aí pronto, eu procurei as oficinas grandes. Eu já tinha nome, a minha vontade era ser conhecido. Tinha vontade de procurar uma profissão, trabalhar, fazer um serviço bem feito e ser conhecido no mundo, ou ser conhecido dentro da Fortaleza. Quando eu *tava* trabalhando lá fora, eu *tava* sendo conhecido pelo meu trabalho e daí pra frente não faltava trabalho não, se eu saísse de um, tinha pra onde ir. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

A autonomia ganha no trabalho eleva seu nível de independência e o, agora rapaz, segue para morar sozinho. A adolescência de Chico vai sendo vivida de oficina em oficina, em abrigos provisórios e “quartinhos” cedidos pelos donos dos estabelecimentos. A prática tinha se sobreposto em sua vida, não deixando espaço para a imaginação ou para a educação e o conhecimento automobilístico não recebia equivalência nos estudos. Chico sabia montar as peças de um carro e fazê-lo funcionar, mas não sabia coordenar um lápis em suas mãos e escrever seu nome.

A adolescência de Chico termina e ele decide retomar os estudos através de um curso supletivo. Na escola, ele é apresentado àquela que viria a se tornar sua esposa. Assim que se conhecem, sentem uma atração mútua e dentro de pouco tempo alugam um pequeno quarto para morarem juntos. Eram dois jovens que queria começar a ter uma vida em conjunto, um lugar que não fosse de mais ninguém além dos dois.

Nós já tava ficando há um ano e terminamos alugando um quarto. Ela morava na casa de família (trabalhando como empregada doméstica) e não tinha parente perto. Os parentes dela *fora* se embora *pro* Pará, e eu *tava* na casa do meu irmão. Eu queria ter um canto meu e ela também queria ter um canto dela. Aí ela saiu do trabalho dela, alugamos um quarto e desse quarto passamos para um quarto maior. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

A compra da primeira casa, o nascimento dos filhos e o passar dos anos são fatores que solidificam o vínculo do casal, que vai sendo apresentado à situações diferentes do início do namoro. As novas despesas com a casa e com os filhos fazem com que Chico e sua esposa passam a exercer tarefas específicas, assim, enquanto o marido fica responsável por prover o sustento financeiro da família, a esposa se encarrega das atividades domésticas, cuidando da casa e dos filhos. Entretanto, o excesso de dedicação de Chico ao trabalho o distancia do ambiente familiar, gerando conflitos e trazendo tensões. A questão em que o casal mais se desentende diz respeito à educação dos filhos. As agressões físicas dos filhos realizadas pela mulher propiciaram, segundo Chico, um ambiente hostil e o casal chega à agressão física.

Ela acordava os meninos de baixo de pancada *pros* meninos irem por colégio. Todo dia, todo dia era uma coisa. Aí chegou um ponto que eu já num *tava* mais aguentando. Às vezes eles (os vizinhos) *ficava* em tempo de chamar o conselho tutelar, porque achavam que aqueles meninos *tava* sendo espancado todo dia. Aí terminei discutindo mais ela. Ela veio pra cima de mim e eu tive que dar umas mãozadas nela mesmo, até que ela se aquietou-se. Aí pronto, desde desse dia ela ficou com receio de chegar a bater nos meninos. Ela brigava com eles, mas não batia. É como eu disse, eu vou só acumulando e chega um ponto que eu não aguento mais. Ela me escolhambava, me chamava de um bocado de nome e eu sempre calado ouvia isso, saía de dentro de casa pra não ouvir. Acordava de manhã cedo, era o meu despertador já era isso, era o menino chorando, porque ela ficava batendo no menino, ai chega um ponto que eu num aguentei não, eu estourei mesmo. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Após aproximadamente 10 anos de casamento, ele diz que o relacionamento começa a “desgastar”. As brigas se intensificam e batalhas silenciosas passam a ser travadas e homem e mulher passam dias sem se falar, fingido não perceber a presença um do outro. Já não há carinho ou intimidade e o casal dorme em quartos separados. A separação é o passo seguinte e Chico sai de casa, deixando mulher e filhos. Segundo ele, não era difícil deixar a esposa, mas sim se distanciar dos filhos. Apesar disso, ele segue em frente com a decisão e vai embora. As constantes brigas familiares e o distanciamento do casal são apontados como as causa do rompimento.

Às vezes eu passava quinze dias sem falar com ela, andando dentro de cabeça e fazendo de conta que ela nem existia. Chegava em casa, tomava meu banho, ia jantar, ia pro quarto e ia dormir. Ela também fazia do mesmo jeito. Seu eu não respondesse, ela também não respondia não. Chegou um ponto que *nós estava* praticamente como dois irmão dentro de casa, um dormia *prum* lado, outro dormia pro outro. Eu dormia num canto e ela noutra, ninguém nem dormia mais *junto*. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Meses após a separação, Chico conhece outra mulher, com quem acaba se envolvendo. A atração não é só física, mas ter alguém para lhe escutar e compartilhar seus dissabores e desamores é o fator que mais o chama atenção. Tratava-se de uma moça jovem e que também havia se divorciado há pouco tempo. O novo casal passa a se encontrar com mais frequência, o fato dela trabalhar nas proximidades da oficina de Chico contribui para a aproximação dos dois.

Ela trabalhava na frente da oficina, numa banquinha vendendo aqueles, Totolec (tipo de jogo popular de loteria do Estado). Aí foi onde eu, comprando Totolec, começava conversando com ela. E eu já tinha separado da mulher, ela também, por coincidência, *tava* com sete meses separada do marido por causa de um problema. A partir disso aí eu comecei a contar meus problemas pra ela e ela também começou a contar os dela *pra* mim. Terminou que foi se encaixando os problemas e deu certo. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

A notícia de que Chico havia encontrado uma nova mulher chega aos ouvidos de sua esposa, que não aceita o novo relacionamento do marido. Ainda assim, o novo casal segue namorando por aproximadamente seis meses, até que a família da namorada, ao descobrir o envolvimento dos dois, não aceita o relacionamento, alegando que, por Chico ser um homem ainda casado no papel, estava “se aproveitando dela” e essa situação ocasiona uma série de conflitos entre o casal, que se separa. No mesmo período, a esposa de Chico o procura querendo reatar o casamento. Ela argumenta que eles são

uma família, que ele deve ficar perto dos filhos e que ela iria mudar seus comportamentos. Forma-se um triângulo amoroso.

A ex-namorada resiste ao término e não aceita o fato de Chico “não ter lutado por ela”. Dá-se início a uma série de brigas entre os três envolvidos. Se por um lado a namorada passa a ligar para a esposa ameaçando e dizendo que Chico vai voltar para ela, por outro a esposa liga para revidar e insultar a “amante” do marido. A situação piora quando, em meio a acusações e discussões, a amante anuncia uma gravidez, o que gera mais conflitos familiares. De acordo com Chico, as duas mulheres passam a brigar cada vez mais através de telefonemas e a relação familiar fica cada vez mais tensa. O fato da amante estar grávida de uma menina intensifica as brigas, já que o sonho da esposa era ter tido uma filha mulher, quando só tinha gerado meninos.

Aí ela (amante) disse assim: “Eu estou esperando um filho dele”. Aí a outra (esposa) disse: “isso num me faz inveja não, que eu tenho é dois”. Foi onde ela bateu na tecla, “mas eu vou dar uma coisa que tu nunca deu a ele, eu vou dar uma filha”. Aí foi mesmo que dá uma pancada nela, porque ela tem dois meninos e ela tinha vontade de me dar uma filha e não conseguiu. Aí pronto, começou a confusão. Mesmo daí, elas começaram a brigar pelo telefone, batendo boca, uma xingando a outra. O negócio *tava* já pegando fogo. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Chico diz ter tentado não se envolver na briga entre as duas mulheres, priorizando apenas o trabalho e o sustento da esposa, dos filhos e da amante grávida. Porém, a gravidez da namorada gera um vínculo que não pode ser quebrado e os contatos entre eles passam a aumentar, o que irrita a esposa. Ainda assim, Chico garante que o relacionamento dos dois se restringia aos assuntos que envolvessem o bebê, como consultas médicas e compra de medicamentos.

Após vários conflitos e momentos de agressividade entre os três, chega o dia em que Chico tem uma “recaída” e torna a rever sua amante. Os dois se

encontram num motel que costumavam frequentar e após o envolvimento físico, a mulher expõe a vontade de querer reatar o relacionamento, dizendo que ele pode abandonar a esposa e passar a viver com ela.

Primeiramente nós se *encontremo* no terminal de ônibus da Lagoa. Aí foi onde ela chegou: “não, vamos praquele lugar onde nós *ia*”, que era um *motelzinho* que tinha atrás do terminal. Aí eu disse, “não eu num vou não, porque eu estou em serviço, diga o que você tem que dizer aqui.”. Só que ela insistiu, “não, eu só vou conversar com você quando você estiver lá”. Depois de muita insistência eu fui mais ela. Cheguei lá, ela começou a me abraçar, a me beijar e nós tivemos aquela relação, Aí depois que ela veio conversar comigo, dizendo que queria conversar comigo, pra *mim* ficar com ela, porque a família *tava* pressionando ela por causa dessa criança. Dizendo ela que eles *tavam* atrás de botar ela pra fora de casa... Que eu *num* sei também se foi ela que inventou, ou se realmente era verdade. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Apesar da breve reconciliação, Chico afirma ter dito que não iria retomar o relacionamento com ela e que apenas “daria o nome ao filho dela”, assumindo a paternidade da criança. Uma briga começa e a mulher passa a ameaçá-lo, dizendo que sabe o local onde ele mora e que poderia fazer uma “surpresa” para ele e sua família. Nesse momento, Chico diz ter confrontado sua amante, perguntando o que ela pretendia fazer. Entretanto, ela se recusa a responder e diz que ele “vai saber quando chegar em casa. Que não conhece ela não”. Curioso, Chico a toma pelo braço e pede que ela diga o que pretende fazer. Nessa hora, ela o atinge com uma série de tapas no rosto. Havia chegado o momento em que ele se tornaria um assassino. Tomado pela raiva, ele a estrangula. Ela estava grávida de cinco meses.

Peguei no pescoço dela e fiquei cego. Quando eu fui olhar, eu já tava tirando a mão de cima dela, aí foi aonde eu fiquei naquela do ver se ela *tava* morta, ou se *tava* desmaiada. Tentei acordar, ela numa acordou não reagiu mais. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).



Após verificar a morte de sua amante, Chico se apavora e foge do estabelecimento pulando o muro do motel. Sem saber a quem recorrer, busca a ajuda da mãe, para quem confessa o crime. Juntos decidem que ele deve se entregar, descartando a possibilidade de uma fuga. Ao confessar o crime em juízo, Chico recebe voz de prisão e posteriormente é condenado a dezesseis anos de reclusão. Quando o entrevistei, ele havia cumprido apenas um ano da penalidade estipulada e estava recorrendo da sentença.

A efetivação do crime, entretanto, segue reverberando em sua mente. É difícil seguir em frente sem que lembranças do crime surjam em sua mente. Ao ser questionado sobre as expectativas para o futuro, Chico disse que sonhava em “sumir no mundo”, em ir para um lugar onde ninguém o conhecesse e que o passado pudesse ser abafado no interior de suas memórias. Quem sabe ao lado de uma nova mulher, alguém que o ajudasse a reconstruir sua vida e seus sonhos.

Paro pra pensar na besteira que aconteceu, mas *num* tem como voltar atrás. A gente pensa, sempre tem aquele momento que a gente tá sem tá entretido, sem olhar pra nada e lembra da besteira que faz. Termina vindo *na* mente a lembrança. Me sinto um pouco constrangido pensando no que aconteceu, na besteira que aconteceu. Daqui acolá me dá um remorso, uma coisa ruim. Às vezes eu choro pra desabafar um pouco sozinho, oro um pouquinho, vou ler a bíblia. Mas acredito que é uma coisa que eu num tiro mais da cabeça não, não tem como, isso que aconteceu e vai ficar na minha vida *pro* resto da vida. Isso daí porque eu gostava dela. Apesar de tudo que aconteceu, eu gostava dessa vitima. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Eu mudei, mudei muito, não tinha paciência não, agora eu estou tendo mais paciência. Estou pensando mais na vida, amadureci mais aqui dentro. Em vista do que eu era lá fora, eu cresci. Quando eu sair eu quero procurar uma pessoa mais madura, uma pessoa que *pensa* um pouco mais na vida, que queira crescer mais na vida, porque minha vontade é assim: arrumar uma pessoa que me ajude pra crescer na vida, nós dois juntos batalhando, nós *procurar* botar algum tipo de comércio, alguma coisa que dê pra gente subir algum dia na vida. Eu num procuro mais uma pessoa que me atrasa não. É chato você querendo subir e outro lhe puxando pelo pé pra baixo e era esse o meu caso. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

- **ANTÔNIO**

Antônio nasce em Fortaleza - CE, no ano de 1984. Segundo seus relatos, apesar de ser proveniente de uma família com poucos recursos financeiros, com pai motorista de ônibus e mãe dona de casa, teve uma infância tranquila ao lado dos pais e dos irmãos. Morando num bairro periférico da cidade e sem possibilidade de arcar com os custos de escolas particulares, teve a vida estudantil restrita à rede pública de ensino. Apesar da dificuldade econômica, os pais se esforçam para suprir as necessidades dos filhos, fazendo com que eles se dediquem somente aos estudos, sem que eles tenham que dividir as responsabilidades estudantis com trabalho.

Problemas de saúde fazem com que Antônio interrompa os estudos temporariamente. Cirurgias no ouvido e na garganta fazem com que ele se sinta impossibilitado de se dedicar ao ingresso na universidade. Mesmo com os empecilhos de ordem médica, Antônio segue em busca de seu sonho mais almejado, passar no vestibular. A possibilidade de isenção do pagamento da inscrição para a realização da prova faz com que seja possível ele prestar o exame. Antônio realiza a inscrição para o curso de agronomia da Universidade Federal do Ceará - UFC e realiza a prova. O resultado é favorável e Antônio realiza seu desejo de ser tornar aluno de uma universidade pública federal.

Foi meio que a sorte, meio na doida. Eu num tinha dinheiro pra fazer a inscrição pro vestibular, aí um amigo meu me ligou e disse que ia fazer a inscrição, mas que tinha que ser depressa. Ele me ligou disse: "Antônio, vem agora que tá tendo a isenção da matrícula do vestibular!" Aí eu fui e deu certo. Foi meio que na hora. Aí pronto, fiz vestibular e passei. Daí no mesmo ano aí começou. Com vinte um, vinte dois anos, entrei na universidade. No começo quando eu *tava* fazendo faculdade pra mim eu *tava* vivendo o momento mais feliz da minha vida. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Apesar de sua meta ter sido alcançada. Antônio deseja mais. A ideia de estabilidade financeira faz com que continue estudando. Desta vez, o objetivo é ser aprovado num concurso público. Ainda no primeiro ano da faculdade,

Antônio recebe a notícia de que havia sido aprovado no concurso da Guarda Municipal de Fortaleza. A obtenção de dois sonhos em tão pouco tempo gera felicidade ao mesmo tempo em que amplia suas responsabilidades e nível de dedicação. Trabalho e faculdade passam a ser polos opostos de uma balança que tem que ser equilibrada. O curso de formação da Guarda Municipal dá início a uma nova etapa de sua vida.

Após o treinamento, passa a trabalhar em terminais de ônibus, ainda conciliando estudos e trabalho. Antônio relata que foi ficando cada vez mais cansativo administrar a vida acadêmica e os deveres de Guarda Municipal, de modo que seu cotidiano era voltado apenas para suas obrigações de estudante e de guarda.

Enquanto eu *tava* no treinamento, ótimo. Eu gostava da aventura e tal, daquele negócio de tá em treinamento. E eu gostava porque a gente teve dois meses de teoria e dois meses de pratica. Aí a pratica era mais envolvendo esporte, fazer flexão, exercício, atividades, tinha também o controle pra resolver os conflitos. Então esse período pra mim foi muito bom, eu gostei muito. Só que depois que eu comecei a trabalhar, tive que conciliar trabalho mais estudo. Só que agronomia era (tempo) integral, então eu comecei a trabalhar a noite e estudar de manhã, durante o dia. Só que pra mim, com um tempo, fui me sacrificando demais. Eu senti que *tava* pesando. Aí comecei a perder um pouquinho da memória... Comecei tipo assim: eu lia um, dois, três livros por semana e depois eu *num* conseguia mais ler. Eu *num* conseguia mais ler, por causa das pessoas nos terminais, eu trabalhava no terminal de ônibus. *Tava* exausto. *Num* conseguia mais ler. Só que isso eu chegava pra minha família e falava que eu *tava* com problema. Cheguei a marcar psicólogo, que eu *tava* vendo que *tava* complicado pra mim, mas eu tinha vergonha de chegar e falar. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Em meio às atribuições do cotidiano, Antônio revê uma antiga namorada de infância, sua “primeira namoradinha”. O reencontro acontece quando, num dia de atraso para ir à faculdade, ele faz uso do transporte público alternativo da cidade (popularmente conhecida como *topic*). Ao subir no veículo, Antônio nota um rosto conhecido em meio a tantos outros. A troca de olhar mútua e a curiosidade de saber as novidades de mais de nove anos faz com que os dois troquem telefones e retomem o contato que havia sido

perdido. A ansiedade estimula para que no mesmo dia eles se liguem. Dentre as novidades, estão o fato de Antônio ser universitário do curso de agronomia da UFC e concursado da Guarda Municipal de Fortaleza. Ela, por outro lado, diz também estudar na UFC, fazendo o curso de Engenharia de Alimentos, além de também estar matriculada nos cursos de Segurança do Trabalho e de Tecnologia em Desporto e Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, antigamente conhecido como CEFET.

Quando eu paguei minha passagem, quando eu levanto o meu rosto, primeiro rosto que eu vejo é da minha ex-namorada, primeira namoradinha. A gente tinha tido um namorico de dois, três meses. Eu tinha dezesseis, ela tinha quinze, foi no primeiro ano do meu segundo grau. Aí pronto sei que eu fui perguntando: e aí, tá fazendo o quê? Acabou que a gente trocou telefone, *tava* com oito anos que a gente não se via, desde aquela época. Ela *tava* fazendo faculdade também, de Engenharia de Alimentos. Aí trocamos telefone. No mesmo dia a gente se ligou e aí pronto, começamos a namorar. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

O início do namoro é intenso. Em pouco tempo de relacionamento, aproximadamente um mês, Antônio já havia sido apresentado aos pais da namorada e vice-versa. O anúncio do namoro à família vai gerando proximidade e logo a namorada começa a frequentar cada vez mais a casa de Antônio, levando gradativamente alguns pertences pessoais. Mudanças de roupas e livros anunciavam a presença e a intenção de que a moça almejava uma nova na vida ao seu lado.

Ela sempre teve mais atitude do que eu. Ela que me levou pra eu conhecer os pais dela. Foi ela que me *arrastou* pra conhecer os pais dela, eu nem queria ir. Mas fui. Daí foi chegando ao ponto que ela começou a frequentar lá em casa, a dormir lá em casa. Com um tempo, foi trazendo roupa, trazendo livros... Aí meio sem querer, foi ficando. Um mês, dois meses depois ela começou a trazer umas roupas devagarzinho. Mas de fato a gente nunca faz uma data assim: “foi tal dia que ela foi morar lá em casa”. Foi acontecendo, aos poucos. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Em poucos meses de envolvimento afetivo, Antônio e a namorada passam a maior parte do tempo unidos, quase morando juntos. A velocidade e intensidade que o relacionamento vai adquirindo faz com que, em menos de um ano, o relacionamento já passe por momentos de crise. Segundo ele, as primeiras brigas do casal são motivadas por ciúmes. A suspeita de envolvimento de sua mulher com um ex-namorado é o motivo de discussões que vem a ser recorrentes.

Aí a gente começou a ter algumas discussões e começou os probleminhas. *Era* umas ligações, começou com a história de um telefone dela *pro* ex-namorado. Ela já tinha morado com ele e tal. Aí fiquei meio assim... Eu num gostei muito. Achei que ela estivesse escondendo uma coisa, mas no fim continuei. Aí no dia do aniversário dela, a gente foi a gente foi comemorar no CEFET, a mãe dela fez umas coisas lá, um bolinho. Aí ela pediu pra ir na casa dela. Só que com pouco tempo ela voltou chorando, reclamando como é que eu tinha deixado ela ir pra casa. Eu fiquei sem entender, mas deixei quieto. Só que alguns minutos depois o telefone dela começa a tocar e eu vi que ela não queria atender, ficou estranha. Ai eu disse: "atende isso daí"! Aí ela atendeu e disse que a ligação *tava* com problema. Eu achei que era mentira dela, peguei o telefone e olhei. Realmente *tava* com problema a ligação, meio chiando. Aí eu fui pra trás da janela do meu quarto e melhorou, era uma mulher xingando ela de tudo que era nome, mas a ligação caiu. Eu perguntei pra ela quem era e ela disse que num sabia. Peguei e anotei o número pra retornar. Ela foi embora pra casa dela e eu liguei *pro* número. "Aqui quem tá falando é o namorado da Suelen, você ligou pra ela? "Ah tu que é o namorado dela? É que ela ligou pra casa do ex-namorado dela". Sei que ela ligou pra casa dele e quem atendeu foi a irmã dele, que não gostava dela. Aí é como fui saber a verdade, fui montando o quebra-cabeça. Peguei tudo que ela tinha levado lá pra casa e levei até a casa dela. "Oh tuas coisas! Tá aqui"! Entreguei as coisas e saí. Ela começou a chorar. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Antônio termina o namoro, mas não esclarece os motivos de sua decisão, o que faz com que sua namorada torne a procurá-lo, pedindo uma explicação. Só então ele dirá que soube que ela ligou para o ex-namorado. Ela alega que o fato não aconteceu e que tudo se tratava de uma mentira que tinha por finalidade fazer com que eles terminassem o namoro. Chorando, ela pede para que eles reatem. Diante dos argumentos de sua companheira, Antônio aceita retomar o relacionamento, ainda desconfiando da veracidade da história

que lhe foi contada. Segundo ele, “o sentimento já era mais *desconfiante*, começou a mudar”.

Além da desconfiança alimentada por Antônio, o casal também passa a ter desentendimentos menores, sempre tendo como agente motivador a insegurança e o ciúme. Propagandas com mulheres bonitas na televisão e aceitação de convites de amizade de mulheres no Orkut eram motivos para desentendimentos. A namorada chega, inclusive, a vistoriar e a apagar números de contatos femininos do celular de Antônio, que ainda desconfiado, vistoria o celular da namorada em busca de evidências.

Ela apagou até os números de menina que tinha no meu celular. No meu Orkut, ela foi lá e deletou um bocado de gente, um monte de gente da faculdade. Eu reclamei com ela e ela respondeu assim: “*pra* que tu *quer* o telefone, se nem liga?” Eu num olhava o celular dela não, nunca olhava, mas tinha tido esse episódio (do ex-namorado). Aí eu peguei o telefone dela e fui olhar alguns telefones. Eu sei que achei um número lá, uma ligação perdida. *Tava* lá como um número atendido. Como ela olhava o meu todo dia, resolvi arriscar pra ver o que era. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Antônio confronta a namorada, perguntando de quem era aquela ligação. Embora responda que é de uma amiga, Antônio não acredita e os dois acabam terminando novamente o namoro. Entre tantos desentendimentos, chegam a terminar o relacionamento por várias vezes, sempre reatando num curto espaço de tempo. Para confirmar suas suspeitas de que sua namorada ainda mantinha contato com o seu ex-namorado, Antônio pede ajuda a sua irmã, que por trabalhar numa empresa de telefonia, podia ter acesso aos números ligados por ela. Um mês após o pedido, sua irmã mostra a conta da namorada e constata que não havia apenas uma chamada para o ex, mas uma série de ligações que ocorreram durante todo o mês. Uma ligação recebida no meio da noite pela namorada sob a suspeita já instalada é o estopim para outro término.

Eu fiquei com raiva, comecei a ficar chateado, só que também não falei nada. Algumas coisas eu guardava comigo. Peguei esse papel e guardei, deixei guardado. Não perguntei, fiquei engasgado, não falei nada. Me fiz de doido, só que fiquei querendo me sair, eu só precisava de algum motivo pra poder chegar e terminar. Aí foi acontecendo, fui juntando as coisas. A gente esfriou o namoro, já *tava* meio distante, só esperando um chegar *pra* falar que *num* dava mais. Aí ela sentou comigo e disse que queria conversar comigo, que *tava* conhecendo uma pessoa, um amigo da faculdade. Tinha coisas que eu não conseguia entender, acho que ela queria só me fazer ciúmes porque ela começou a chorar e reclamar porque que eu deixava ela sair e começou a brigar. Sei que a gente terminou, mandei ela pra casa dela. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Desta vez, o namoro fica abalado e culmina no término definitivo do relacionamento. Entretanto, logo após o rompimento, ela diz que está grávida dele. Apesar de não querer retomar o namoro, Antônio diz que reagiu bem à notícia da gravidez, apesar da surpresa. Logo após o comunicado da ex-namorada, ele anuncia a novidade para a sua família, perguntando para a irmã “quanto é uma lata de leite”? Diante do que tinha visto na conta telefônica da ex-cunhada, a notícia não é bem recebida e, pouco tempo após a divulgação da gravidez, a irmã de Antônio questiona a paternidade da criança, tendo como justificativa as ligações da namorada do irmão para o ex.

No mesmo período, mãe e tia também dão indícios de que desconfiam que ele não seja o pai da criança, informando-o que havia sido determinada uma lei que defendia que o homem que houvesse pagado pensão alimentícia a filhos que fossem comprovados não serem seus, teria direito a ser ressarcido financeiramente. Antônio, então, também passa a questionar se o filho que a ex-namorada espera é seu, mas não conversa sobre suas desconfianças com ninguém.

Eu sei que isso começou a me perturbar, num teve jeito. Comecei a ficar meio doido. Será que é verdade? Uns dez dias essa questão da paternidade começa a criar grilo. Num sei se *tava* tendo um complô ou se era por acaso, mas na época surgiu uma questão no jornal pra falar sobre paternidade, ou alguma coisa assim, de pensão alimentícia. Se comprovasse se não era filho, num sei o que, a pessoa receberia o dinheiro. Sei que minha mãe comenta isso. Aí

minha tia me liga no mesmo dia e fala isso pra mim. Eu comecei a ficar: ou a minha irmã tá espalhando isso aí sobre o neném pra família, ou mais gente tá desconfiando. Eu também não queria perguntar, né? Aí pronto, eu comecei a me perturbar mesmo, comecei a achar que todo mundo *tava* achando isso. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

O tempo passa e ele diz que sua ex-namorada realiza um exame que informa o momento exato da concepção e, segundo ele, a data apresentada no papel condiz com um dos períodos em que eles haviam terminado o namoro. Mais uma vez ele guarda suas suspeitas para si, até que um dia ela o observa olhando para o exame e pergunta por que ele está tão concentrado no resultado do teste. Finalmente ele assume suas desconfianças e se inicia uma briga. No calor da discussão, ela diz que o filho realmente não é dele.

Ela me viu olhando o exame. Aí ela me perguntou o que eu *tava* olhando e eu comecei a perguntar por que ele coincidia com a data de que a gente não *tava* junto. Ai ela disse: é realmente, realmente esse filho não é seu. Pronto, aí nessa hora a gente começou a discutir e aí acabou. Eu comecei a discutir alto com ela, chamando de nome, de palavrão, chamei de um monte de coisa. Me senti traído, na hora eu me senti traído. Vi um instrumento de trabalho, um cassetete que *tava* no meu quarto em cima da cama, então perdi o controle. Foi a primeira coisa que eu vi. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Após uma intensa troca de ofensas, Antônio assassina sua ex-namorada a golpes de tonfa<sup>15</sup>, seu instrumento de trabalho. Segundo sua fala, a briga não dura um minuto. A rapidez de sua ação é inesperada e quando ele para, o corpo de sua ex-namorada está caído no chão de seu quarto embebido numa poça de sangue. Ao perceber o acontecido, Antônio passa por um momento de incredulidade, até racionalizar o ocorrido e chorar compulsivamente, deitado no chão.

---

<sup>15</sup> Nome dado aos cassetetes utilizados pela Guarda Municipal.



Na hora... Rapaz eu num sei explicar o que acontece não. Eu acho, tem umas teorias aí que diz que o homem tem em um momento de pressão (pode ser de três a dez segundos)... Uma das justificativas da advogada foi essa que eles chamam de violência da emoção. Acho que foi isso. Depois eu fiquei meio que anestesiado, parado, olhando pra ela. Eu não sei se é por causa do filme, mas eu via tipo o *Ghost*, lembra do *Ghost*? Pronto, eu num sei se porque eu fiquei olhando, se realmente aconteceu, mas eu fiquei olhando, meio que esperando isso acontecer. Fiquei parado um tempão. Aí pronto, coloquei a mão na cabeça, comecei a chorar, deitei lá pra chorar. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Após esse momento de perplexidade, Antônio toma banho, troca de roupa, apronta uma mochila e vai falar com a sua mãe. Ela é a primeira pessoa para quem ele comunica ter realizado o crime. A reação dela é expressa através de lágrimas. Diante da indecisão materna, Antônio lhe diz para chamar a polícia, pois vai embora. Antes de partir, ele ainda impede que a mãe entre no quarto.

Tem coisa que eu não lembro. Ela (a mãe) me diz, que eu fui tomar banho... Que eu lembre, eu já *tava* todo arrumado, calça comprida e uma mochila. Eu bati na porta do quarto dela, isso eu lembro. Aí ela abriu e eu disse: “Mãe, eu te amo!” Aí ela começou a chorar e parece que caiu a ficha dela, “Meu filho, pelo amor de Deus!” Aí ela começou a chorar, falando: “E agora, e agora, e agora”? Aí eu disse: “Chama a polícia que eu estou saindo”. “Não, meu filho, pelo amor de Deus, vamos lá!” Eu sei que ela queria abrir a porta, mas eu disse que não. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

A mãe fica e o filho foge. Inicialmente, Antônio sai de casa sem ter um destino certo. Ele vaga pelas ruas pegando ônibus e andando a pé, sempre olhando para os lados e vendo se está sendo seguido. Ele entra em paranoia, seu medo é ser reconhecido e preso. Ele troca de ônibus, de roupa, compra um boné. Antônio não quer ser reconhecido, ele preferia a morte à cadeia.

Saí caminhando na rua em frente da minha casa, primeiro taxi que passou eu peguei. Aí você começa a achar que todo mundo já tá sabendo. Comecei a pegar tipo a síndrome do pânico, achava que todo mundo já *tava* sabendo, qualquer carro estranho achava que era da polícia. Aí eu peguei um taxi, andei uns dois quilômetros, desci, peguei um ônibus, sem necessidade nenhuma. Já imaginava sair do

estado. Também já comecei a pensar em suicídio. Eu pensava assim: “ou eu ia embora, ou morria, mas pra cadeia eu não vou!” Principalmente porque, o que eu tinha de visão de presídio era aquela que a gente via na televisão. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Após muitas suspeitas e sem atender telefonemas, Antônio liga para o seu pai e conta o ocorrido. O pai fica impactado com a notícia e pede que o filho “se entregue”. Apesar do pedido, Antônio segue com a fuga, desta vez, ele já sabe para onde ir. Seu destino é o interior do pai, uma cidadezinha próxima a Sobral. Chegando lá, ele tem o auxílio de tios e primos, que o abrigam na casa da família. Antônio fica aproximadamente duas semanas por lá. Nesse período, tenta o suicídio através de enforcamento. Todavia, o impacto de seu corpo caindo faz com que a escada que tinha sido utilizada nos preparativos caia perto de suas pernas. No momento que o ar começa a lhe faltar, ele desiste e se apoia na escada, deixando para trás uma morte prematura.

Depois de duas semanas de reflexão e conversas com familiares, Antônio decide voltar para Fortaleza e responder judicialmente pelo crime que realizou. Após um longo processo envolvendo defesa, acusação e a pressão da mídia, ele é condenado a 21 anos de reclusão em regime fechado. No período em que as entrevistas foram realizadas ele já havia cumprido dois anos da pena estabelecida e estava recorrendo da sentença.

Ainda refletindo sobre sua vida, sobre o crime que realizou, Antônio deixa transparecer que sua ação permanece como um quebra-cabeça que segue sem uma solução concreta. Certamente ele não pensava que seria capaz de efetivar uma agressão tão violenta.

Tem dias que eu só fico pensando, mas eu procuro esquecer. Mas você fica pensando. Aconteceu parecido com o Chico, aí as vezes eu digo pra ele: “como é que pode, cara, onde é que a gente tava com a cabeça”? Aí assim, às vezes eu fico tentando buscar uma explicação, às vezes eu acho que vou ficar doido. Melhor tentar esquecer. Mas eu lembro da pressão que eu tava passando, da depressão que eu tava passando, não tava conseguindo dormir, tudo isso, um monte de coisa. Pra mim essa é a explicação, eu acho que foi isso. Tem uma parte de mim que pergunta: “E se essa arma não tivesse lá? Será que

tinha acontecido? Ou será que só com um copo descartável eu era capaz do atentado”? (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

Meses após ter sido preso, um exame de DNA foi realizado e constatou que ele era o pai da criança esperada. Atualmente ele sonha em sair da prisão e do estado, busca um lugar onde possa reconstruir a vida ao lado de sua nova namorada. “Toda semana eu troco de planos. Já me passou várias vezes pela cabeça sair do estado, pra não ter perigo de eu me encontrar com ninguém”.

## 5 INTERPRETANDO “VERDADES”: PENSANDO O CRIME E O CRIMINOSO.

Estamos no nível do simbólico: este trabalho é uma leitura de discursos que expressam uma ordenação da realidade. A escolha da palavra fábula para designar essa ordenação enfatiza a ideia de que os fatos estão suspensos, de que não há mais a possibilidade de, através do processo, revivê-los, fazer a caminhada inversa e chegar aos fatos reais, às revelações concretas existentes por detrás de cada crime. (...) um processo é uma conjunção de múltiplas versões, todas elas originadas pelo mesmo ato, irrecuperável, e que eu escolhi usar nenhuma delas como verdadeira, mas contar minha própria leitura de redundância dessas versões ao longo de vários processos. (CORRÊA, p.26, 1983).

Início este capítulo retomando o pensamento exposto no livro *Morte em Família* (1983), quando Mariza Corrêa diz que seu trabalho não busca apresentar a verdade sobre os crimes passionais ou sobre os seus autores, mas contar a sua leitura das versões construídas nos processos. Assim, ela trata os dados processuais como uma possibilidade do real, uma vez que a verdade é irrecuperável e suspensa. Na ausência de um real palpável, Corrêa escolhe por verdade nenhuma.

Seguindo esta premissa, considero que a realidade que culminou na morte de um e na prisão de outro permanece inacabada, longe da certeza de fatos concretos. A única verdade que se pode ter é que a vida de uma pessoa se extinguiu. Os motivos e os modos como os crimes se perpetuaram permanecerão dentro de um universo intocável, protegido pela fala do homicida e pelo silêncio dos mortos. Assim, este capítulo não traz uma análise do real, mas uma observação sobre os fatos interpretados a partir das falas dos homicidas passionais, que se expressam como uma leitura de um crime que está alojado no passado e que reverbera no presente. Na impossibilidade de compreender os fatos tal como aconteceram, realizo aqui uma análise da verdade que me foi mostrada.

Para tanto, desenvolvo neste capítulo categorizações que nos permitem pensar os relacionamentos dos homens e mulheres aqui entrevistados de modo a perceber seus inícios, crises e crimes. Foram concebidas seis categorias: romances, conflitos, crimes, fugas, arrependimentos e recomeços.

A opção por estas divisões busca pensar as diferentes fases pelas quais os relacionamentos passaram e as reconfigurações pelas quais as vidas dos agressores passaram após a efetivação do crime. A primeira categoria diz respeito à fase inicial do relacionamento, quando os casais ainda vivenciavam o que eles consideravam como o ideal do romance. A segunda discorre sobre as tensões que passam a existir nos relacionamentos. Neste tópico, são apresentadas subcategorias, uma vez que as motivações para as brigas seguiam características diferentes. Assim, são apontados os seguintes motivos: desrespeito, ciúme e suspeita de traição. A terceira trata das circunstâncias nas quais os crimes foram realizados. A quarta se refere aos posicionamentos tomados pelos homicidas passionais logo após a concretização do crime. A quinta aborda a racionalização do ato criminoso e a expressão de arrependimento. Por fim, a última tem como fonte de análise as expectativas e sonhos que esses homens e mulheres têm sobre o futuro fora das grades.

Antes de adentrarmos efetivamente à análise das categorias determinadas, é preciso compreender que cada interlocutor delimita aspectos de suas vidas que centralizam suas falas, perpassando diferentes esferas de suas histórias. Tal fato me foi evidenciado no decorrer das entrevistas, quando ficou claro que os entrevistados reconstruíam suas histórias a partir de categorias privilegiadas por eles. No caso de Chico, toda a sua fala é voltada para a elaboração de uma imagem pautada na sua inserção ao mercado de trabalho e priorização das atividades profissionais em detrimento de suas relações domésticas afetivas. Tal associação pode ser percebida logo no momento em que ele relembra a infância, quando descreve o trabalho como uma possibilidade de se libertar de uma realidade doméstico-familiar que lhe desagradava. Esta ênfase não se restringe à sua rememoração da infância,

mas também centraliza seu relato em relação aos seus relacionamentos e sua expectativa de futuro. Em todas as etapas de sua descrição há uma preocupação em demonstrar sua responsabilidade enquanto homem, pai e marido trabalhador. Assim, o trabalho não apenas define o modo como ele faz associações com o seu passado, mas o modo como ele se percebe na atualidade e como ele idealiza o seu futuro. Pensando as entrevistas de Chico como uma construção da realidade, como pensa Corrêa (1983), a sua versão seria a do pai de família trabalhador que se sacrifica em prol do sustento de sua mulher e filhos.

Antônio, por sua vez, trará para o centro de suas histórias a característica de menino, adolescente e homem dedicado aos estudos, preocupado com sua formação acadêmica como forma de obtenção de um futuro melhor. No seu caso, ele não apenas exalta a dedicação ao trabalho como elemento distintivo, mas a sua capacidade de priorizar a vida escolar, ainda que enfrentasse problemas de saúde e fosse impossibilitado de ter uma assistência estudantil que lhe propiciasse estudar em escolas particulares. Em seu caso, mais do que o trabalho, é priorizada a qualificação profissional. A versão dos fatos é, assim, permeada pela idealização de um menino que, vindo de uma família de poucos recursos, se dedicou aos estudos e obteve êxito.

Nos casos femininos, foram ressaltados os aspectos familiares. Tanto Flor como Elis falam de suas vidas a partir de seus laços afetivos, inicialmente restritos à sua família consanguínea e, posteriormente, aos seus relacionamentos amorosos. As duas vão descrevendo as perspectivas e decepções que tiveram e que se tornaram fontes de quebra de expectativa em relação ao casamento. Se Flor era uma menina que sonhava em encontrar um homem rico que lhe amasse e cuidasse dela, a passagem por dois casamentos marcados por atos de violência fazem com que ela modifique sua percepção sobre os envolvimento afetivos e se permita experimentar uma nova configuração de relacionamento, passando a se envolver com mulheres. Elis, por sua vez, também denota o caráter emocional de suas relações. Essa memória afetiva pode ser percebida desde o modo como ela expressa sua

infância até seus envolvimento amorosos posteriores e chegada dos filhos. Ambas denotam o aspecto financeiro como elementos presentes em suas relações familiares, mas preferem exaltar os aspectos emocionais de suas vidas, seja através da imagem de esposa/namorada, no caso de Flor, seja de esposa e principalmente mãe no caso de Elis. Ao mesmo tempo em que o dinheiro é ressaltado, o ser-mãe e o ser-esposa eram indicados como incentivadores do trabalho, não o contrário.

Natalie Davis (2001) traça uma análise das chamadas *cartas de perdão* no contexto histórico do século XVI, onde acusados de homicídios tinham a possibilidade de escreverem ao rei esclarecendo suas versões dos crimes e pedindo a remissão de suas penas (no caso de suas mortes). Segundo a autora, a escrita destas cartas era percebida como a possibilidade de construção de um argumento que justificasse ou amenizasse o delito cometido. Para tanto, era comum que os agressores discorressem sobre o contexto do crime de modo a ressaltarem características positivas de si e negativas daqueles que morreram. A partir de relatos que eram contados tais como obras de suspense/drama, os homens e mulheres acusados iam descrevendo os fatos como se fossem eles as verdadeiras vítimas. Nos casos masculinos, eram destacadas a honestidade e a boa reputação do acusado, que teriam agido apenas mediante de uma “explosão de raiva”. Já nos casos femininos, as mulheres eram apresentadas sob a imagem de boas mães e mulheres, que cansadas de sofrerem constantes agressões de seus maridos, reagiam instintivamente com base em suas emoções objetivando a sobrevivência. Percebe-se assim que Davis considera as cartas de perdão como documentos utilizados para construir e embasar argumentos capazes de favorecer os homicidas. Para ela, tratavam-se de versões distanciadas dos fatos, possíveis de amenizar o peso da lei e de trazer o perdão da justiça e de si.

Lembre-se de que Benedict disse que as pessoas confessavam seus pecados “como se contassem uma história”. Transformar um ato terrível em uma história é uma maneira de se distanciar do fato: na pior das hipóteses uma forma de auto-enganar-se; na melhor uma maneira de perdoar a si mesmo. (DAVIS, 2001, p.166).

Tal como as histórias de perdão retratadas por Davis, considero que as versões dos crimes que me foram confidenciais constituem a elaboração de argumentos que tencionam justificar o crime cometido, ou pelo menos amenizar o fato a partir de características ressaltadas pelo homicida que enaltecem suas qualidades ao mesmo tempo em que realçam características negativas das vítimas.

A denotação de tais características se faz importante não só para a compreensão do crime, mas para que o leitor perceba que tais concepções permeiam a totalidade de suas falas, se fazendo presente em cada um dos tópicos. É preciso reconhecer uma centralidade na fala proveniente dos próprios interlocutores para que os demais tópicos se façam esclarecidos. Assim, romance, conflito, crime, fuga, arrependimento e recomeço parecem ser temas intrinsecamente ligados a uma temática maior que fundamenta e perpassa suas histórias.

### **5.1 Romances – os inícios dos relacionamentos**

Antes de restringir os relacionamentos de Flor, Elis, Chico e Antônio a crimes passionais, é relevante ressaltar o início de seus namoros, os sentimentos e expectativas que os envolviam quando a possibilidade do homicídio ainda era desconhecida. É importante advertir que em casos que envolvem homicídios, rememorar a fase conflituosa do relacionamento parece ser a opção mais fácil de ser verbalizada. Foi isso que percebi ao realizar as entrevistas. Tanto nos casos masculinos, como nos femininos, havia uma maior facilidade de falar das brigas e desentendimentos do casal do que do período em que as lembranças eram envoltas de cumplicidade e carinho. Em todos os casos tive que perguntar diretamente sobre como o casal havia se conhecido e quais as características do início do namoro. Deste modo, se anunciava uma maior disponibilidade ou espontaneidade em se mencionar os aspectos



negativos do envolvimento afetivo e menor estímulo em se falar dos “bons momentos”. Apesar dessa “dificuldade”, acho interessante enfatizar a fase inicial desses relacionamentos, de modo a melhor perceber as quebras de expectativas e as brigas que se seguiram no momento anterior ao crime.

Especificamente no caso de Chico, devemos nos ater a não um, mas dois começos de relacionamentos, inicialmente com sua esposa e depois com sua amante. Ao falar do primeiro, ele o representa como um namoro inocente vivenciado na escola, onde se deram os primeiros olhares, a “paquera”. Um dado que merece destaque é a ênfase que Chico dá ao falar que um dos pontos que uniu o casal foi a vontade de construir uma vida que efetivamente fosse deles, sem a interferência de mais ninguém. Ele indica o namoro como uma possibilidade de dar novos significados ao ato de viver em família. Tratava-se de duas pessoas que ansiavam em ter seu espaço, sua casa, ele por sempre ter habitado o domicílio de outras pessoas (mãe, irmãos, amigos) e ela por estar vivendo numa conjuntura familiar que não era sua (morava na casa da família para quem trabalhava exercendo a função de doméstica).

Nesse sentido, o que os aproxima (além da atração física) é a característica comum de não se sentirem próximos a ninguém, percebendo um ao outro com a possibilidade de uma nova etapa na vida, de apoio mútuo e dedicação. É a partir desta identificação que o casal passa a morar junto e, posteriormente, ter filhos. Segundo Chico, o início do casamento é tranquilo. Enquanto ele era encarregado de trabalhar e suprir as necessidades financeiras, à esposa cabia a tarefa de se dedicar às atividades domésticas, que incluíam o gerenciamento da casa e cuidados com os filhos e marido. É interessante notar que Chico ressalta o início do relacionamento como uma época em que seu esforço profissional se intensifica, sendo recompensado com a aquisição de novos e melhores imóveis.

Passados mais de dez anos, o casamento passa por momentos difíceis e Chico inicia um novo relacionamento. Desta vez, as razões apresentadas para a aproximação do casal se diferenciam da primeira experiência. Se com sua esposa o vínculo foi estimulado pela vontade de iniciarem uma vida

independente, com a namorada/amante o interesse surge do compartilhamento de desilusões amorosas. Eram um homem e uma mulher que estavam passando por término de longos relacionamentos e que se identificavam através de queixas e carências. Um vê no outro a possibilidade de um novo começo, de superar as adversidades passadas e redescobrir a cumplicidade e o carinho. Mais do que atração física, é ressaltada a disponibilidade de escuta e de compreensão da nova namorada como características que haviam sido destituídas da antiga esposa.

Para Antônio, os estímulos são outros. A atração pela namorada surge como possibilidade de reatar o namoro juvenil dos tempos de escola, onde eles tinham se conhecido e experimentado um romance passageiro. Ao reencontrá-la, Antônio rememora os sentimentos exalados pelo relacionamento com sua “primeira namoradinha” e retoma o contato com ela.

Outro ponto destacado por ele, além da vontade de (re)experimentar as sensações vivenciadas no primeiro namoro, foi a identificação que ele sentiu ao perceber que a antiga menina, que frequentava as mesmas aulas que ele, havia se dedicado aos estudos e sido aprovada na Universidade Federal do Ceará e Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará. O universo acadêmico serve como elemento atrativo capaz de reacender antigos interesses e gerar novas identificações, conversas e admiração. Apesar de serem antigos conhecidos, as novas responsabilidades fazem com que eles sintam curiosidade em saber as modificações de vida pelas quais cada um passou, os novos objetivos e metas. O estímulo para reatar o namoro surge da possibilidade de se reconhecerem, agora como homem e mulher e não mais dois adolescentes.

Antônio foi um dos que mais demonstrou dificuldades em rememorar a fase inicial do relacionamento. Ele aparentava ter mais facilidade em falar dos aspectos conflituosos da relação, ao mesmo tempo em que remoía o passado, pensando como teria sido sua vida se ele não a tivesse reencontrado, se não tivesse pegado a mesma *topic* que ela naquela manhã em que ele estava atrasado para a aula.

Flor foi a que mais demonstrou intensidade ao falar de sua antiga companheira. Para ela, o início do namoro foi maravilhoso, havendo muita felicidade e cumplicidade entre as duas. Ela apresenta seu envolvimento com a namorada como uma “paixão doida”, marcada por uma forte atração sexual e comprometimento afetivo. Apesar de não deixar claro o período de tempo exato, elas passam a morar juntas logo que se conhecem, em questão de poucas semanas.

Segundo Flor, mesmo no início do romance, a relação mantinha um nível desigual de comprometimento. Na sua percepção, o seu amor e sua dedicação sempre foram maiores e mais intensos que os de sua amada. Assim, mesmo ainda vivenciando a felicidade decorrente da primeira etapa do relacionamento, Flor cultiva a sensação de que a namorada não a amava o suficiente e que poderia voltar a sentir atração por homens. O fato de Flor ser a primeira mulher com a qual a namorada tinha se envolvido a deixava insegura. Entretanto, essas questões são abafadas em meio à exaltação do prazer que Flor sentia ao estar vivendo uma paixão avassaladora, em que estar perto da namorada não era visto como um querer, mas como uma necessidade.

Desejando propiciar as melhores possibilidades financeiras para a amada, Flor passa a se dedicar a assaltos. Usando os seus termos, ela roubava para sustentar a sua mulher. Tal fato se faz relevante não por diferenciá-la em seu aspecto profissional, mas pelo fato dela destacar a atividade como um modo de expressar a importância que dava ao seu relacionamento. O ato de roubar não era significado em sua fala como um simples ato cotidiano em busca de recursos econômicos, mas como uma demonstração de amor, em que se arriscava para possibilitar uma vida confortável para a mulher amada.

Elis apresenta o início de seu relacionamento como uma possibilidade de ser feliz após tantas decepções amorosas. O surgimento de um rapaz que lhe atrai fisicamente, mas que também expressa o desejo de “construir uma vida” faz com que ela o perceba como um homem companheiro. Para ela, mais do

que a expectativa de um amor romântico, era priorizada a possibilidade de dividir as dificuldades da vida com uma pessoa que se dispunha a estar ao seu lado. A dedicação do namorado ao trabalho faz com que ela o perceba como essa pessoa. Assim, o início do relacionamento é valorizado como uma época boa em que, além de receber carinho, o peso das responsabilidades era dividido com um homem que se importava com ela e que se dedicava ao relacionamento do mesmo modo e intensidade.

Elis também se dedicou pouco a descrever a fase inicial do romance. Tão logo fazia um breve elogio, já dizia que a felicidade tinha durado pouco e começava a se debruçar sobre os aspectos do relacionamento que a incomodavam. Mesmo quando tentava lembrar e falar dos momentos agradáveis, ela o fazia com desânimo, demonstrando que preferia não comentar sobre o assunto, como se fosse ruim lembrar-se dos momentos em que eles viveram juntos.

## **5.2 Conflitos – relações desgastadas**

Chico expressa a sua vida de casado como um relacionamento que, ano após ano, foi se desgastando. A responsabilidade cotidiana exigida para o sustento da casa e dos filhos vai sobrecarregando o casal e ele passa a se dedicar cada vez mais ao trabalho, saindo logo pela manhã e só retornando no período da noite. Enquanto isso, sua mulher deveria cuidar dos filhos e das atividades domésticas, já que ela dependia financeiramente dele. Essa dinâmica vai distanciando o casal, que começa a discordar do posicionamento da mãe em relação à educação dos filhos.

Apesar de se apresentar como um homem calmo, de poucas palavras e avesso à agressão, Chico vai descrevendo um ambiente doméstico permeado por uma série de conflitos, que envolvem não apenas marido e mulher, mas também mãe e filhos. Sua principal queixa diz respeito ao modo como sua esposa agredia diariamente os filhos, verbal e fisicamente. Segundo ele, sua

esposa já iniciava o dia os batendo, exigindo que se levantassem para ir ao colégio. Tal situação vai se intensificando e Chico vai acumulando raivas. Embora tenha tentado permanecer longe das rixas referentes ao lar, ele conta que começou a se incomodar com os gritos dos filhos. Em sua concepção, era inadmissível ele passar o dia trabalhando e ao retornar para casa ainda ter que se envolver com os conflitos entre mãe e filhos. Ademais, o medo dos vizinhos delatarem as agressões realizadas pela mulher ao conselho tutelar faz com que ele reaja à situação. Como ele mesmo diz, “tive que dar umas mãozadas nela, até que ela aquietou-se”.

Para Chico, foi essa atitude que fez com que a esposa ficasse com medo e parasse de bater nos filhos. Assim, mesmo quando ele admite ter momentos de agressividade, a expressa como uma atitude necessária em prol de um bem maior, a defesa dos filhos. Ele se descreve como um homem que acumula motivos, até chegar um dia em que explode. Tal justificativa também aparece dentro do seu contexto profissional, quando diz ter se envolvido numa briga com o chefe. Este teria ofendido Chico por diversas vezes, até que um dia ele reagiu.

As brigas vão se intensificando e o casal se distancia, passando dias sem se falar ou se tocar, dormindo em locais separados. Segundo Chico, eles passam a viver quase como irmãos, se referindo à ausência de contato físico. É nesse contexto que ele diz ter saído de casa e se separado da mulher. No período de separação, surge outra mulher na vida dele. Uma mulher carinhosa, diferentemente da esposa. Eles se relacionam por alguns meses, até que Chico pondera se deve seguir ou não com o novo relacionamento. A dúvida se dá entre a mulher com quem ele construiu uma vida e a namorada recente, porém carinhosa. Nessa balança, pesam os filhos e ele opta por voltar para casa, voltar para sua família.

O retorno ao ambiente doméstico é marcado por mais conflitos, desta vez entre esposa e namorada. Enquanto a primeira exaltava o fato de ser a “titular”, a segunda alegava que Chico só tinha voltado pelos filhos, mas que logo eles reatariam. O anúncio da gravidez da namorada intensifica a rixa entre

as duas, que discutem cada vez mais por telefone. Nota-se, deste modo, que os conflitos que permeiam os relatos de Chico são muitos, passando a sua relação com mulher, filhos e namorada. Assim, o contexto que antecede ao crime não se restringe às brigas com a namorada, mas às suas relações familiares de um modo geral.

O modo como Antônio se descreve apresenta similaridades com Chico. Assim como o companheiro de cela, ele se diz um homem calmo, tranquilo, que dificilmente perde o controle. Entretanto, sua fala descreve um ambiente afetivo marcado por desavenças. Em seu relato dos fatos, o ciúme e a suspeita de traições aparecem como elementos motivadores de discussões entre o casal.

Antônio narra atitudes suas e de sua namorada que indicam um relacionamento pautado pela insegurança e medo de traição. Se a namorada vistoriava e apagava da agenda do telefone celular e da conta do site de relacionamentos *Orkut* os contatos de amizades femininas de Antônio, ele, por sua vez, verificava as chamadas de número desconhecido recebidas e efetivadas pela namorada, mantendo a suspeita de que se tratava de uma reaproximação dela com o ex-namorado.

Estas atitudes são expostas por Antônio como a motivação para que o relacionamento passe por diversas crises, chegando, muitas vezes, ao término do namoro. Entre idas e vindas, o casal vai intensificando as brigas. Dentre os exemplos citados por ele, aparece a ligação de uma mulher que afirma que sua namorada tinha ligado para o ex-namorado e, posteriormente, a confirmação através da conta telefônica da namorada indicando que ela mantinha conversas frequentes com o antigo relacionamento. Como consequência das brigas, havia agressões verbais (uso de xingamentos) e físicas (aonde Antônio chega a expulsar a namorada de sua casa).

Nos casos femininos também prevalecem relacionamentos marcados por brigas. Flor, por exemplo, diz que, apesar de estar apaixonada por sua namorada, desconfiava de algumas de suas atitudes, como o fato de “sua mulher” fazer uso de roupas curtas e de não permanecer em casa enquanto

Flor saía para as “batalhas”. A ausência da namorada fazia com que se sentisse desrespeitada, já que ela estava assaltando para “oferecer o melhor” para a amada, ao mesmo tempo em que a alertava para uma possível traição. A suspeita era a de que a namorada voltasse a se envolver com homens. Esse contexto favorece brigas, mas a ausência de provas concretas de uma traição faz com que Flor mantenha a desconfiança em sigilo, apenas com a certeza de que se algum dia confirmasse a traição, perderia o controle. Um fato interessante é que, apesar de expor uma personalidade agressiva e violenta, Flor foi capaz de manter suas suspeitas em segredo e controlar suas emoções muito mais do que Chico e Antônio, que exaltam sua passividade. Assim, apesar de se incomodar com algumas das atitudes da namorada, ela evitava provocar brigas sem ter certeza.

A situação de Elis é mais conflituosa. Por se tratar de um relacionamento mais longo, as situações de agressividade foram aumentando com o passar dos anos. Nesse sentido, seu caso se aproxima do contexto familiar de Chico, em que as brigas domésticas afetavam não apenas a relação do casal, mas também os filhos. O principal motivo exposto por Elis como agente motivador das brigas do casal era, inicialmente, as traições do marido. Segundo ela, seu esposo não tinha apenas uma, mas várias mulheres, chegando a passar dias fora de casa. Se no início do casamento esta atitude foi motivo de brigas, chegando ao ponto de Elis mandar o marido sair de casa, com o passar do tempo se torna uma realidade da situação do casal. Ou seja, as brigas passam a existir por outros motivos que não mais o ciúme. Em alguns momentos da entrevista, Elis chega a dizer que “ele tinha outras mulheres, normal”. Apesar das traições não serem mais causas de brigas, elas distanciam o casal, que vive na mesma casa, mas não mais se toca. Usando o mesmo termo que Chico, ela diz que eles viviam como irmãos.

A postura do marido de abandonar o trabalho e deixá-la a cargo do sustento financeiro da família também faz com que novas brigas surjam. Aquele homem que tinha se disposto a ajudá-la a dividir o peso da vida havia mudado de postura, não mais trabalhando. Essa situação é, talvez, a que mais incomode Elis, que passa a descrever o marido como um encostado, que

enquanto ela trabalha, fica em casa sem fazer nada, apenas indo para a academia e exigindo cada vez mais dinheiro. Ademais, o surgimento de um comportamento agressivo do marido em relação às crianças gera tensões que não existiam e ampliam o repertório das brigas. Assim, como todos os outros, Elis diz ter adotado uma postura acumulativa de raivas, explodindo posteriormente.

Diante do exposto, nota-se que os relacionamentos destes homens e mulheres passionais eram efetivados mediante um contexto conflituoso, marcado por discussões e rixas que faziam de seus relacionamentos palcos de diversos comportamentos agressivos, fossem eles verbais, físicos ou psicológicos. Dentre as justificativas para as situações de violência, foram apresentados como motivos o ciúme (Antônio), a suspeita de traição (Flor) e o desrespeito aos filhos e ao relacionamento (Chico e Elis).

Como pode ser observado, a insatisfação expressa por eles decorre do contraste entre as primeiras expectativas do início do namoro e a realidade do relacionamento após um determinado período de convivência. No caso de Chico, suas críticas à ex-mulher decorrem do fato dela ter se distanciado da imagem de boa mãe e esposa que ele idealizava. Quando eles se casam, há uma definição de que ele seria responsável pelo trabalho e ela pelo zelo dos filhos e da casa. A partir do momento em que sua mulher deixa de cumprir com obrigações que ele considera que ela deveria cuidar, os conflitos aparecem. Claramente, sua concepção de casamento era baseada no modelo tradicional, em que a presença masculina pertencia ao trabalho e a figura feminina deveria habitar essencialmente o lar.

Antônio, por sua vez, indica que as brigas do casal decorriam da suspeição de traições. Para ele, a namorada exercia um comportamento inadequado, lhe colocando em situações em que ele se sentia desrespeitado perante familiares e amigos. Era-lhe inadmissível permanecer ao lado de uma mulher que não se adequasse a sua concepção do que seria uma boa namorada. Assim como ele mesmo diz em sua entrevista, “ela sempre teve



mais atitude do que eu”. Do modo como ele a expõe, era uma pessoa difícil de ser dominada, de agir da forma como ele gostaria que ela agisse.

As queixas de Flor coincidem com as de Chico e Antônio. Para ela, lhe incomodava o fato de sua namorada não acatar seus desejos, tais como usar roupas mais comportadas e permanecer em casa quando ela estivesse fora. As atitudes da namorada são vistas por ela como uma afronta à sua figura e ao seu esforço e dedicação, já que era ela que “a sustentava”. Flor se aproxima de Chico quando sugere que merecia ser tratada com mais respeito por ser ela quem batalhava para trazer dinheiro para casa. Ela reproduz um discurso tradicionalmente utilizado em que o ser masculino deveria ser a autoridade máxima no relacionamento por ser a figura pública e provedora do lar. Na sua lógica, se ela “dava tudo o que podia para satisfazer” a sua namorada, no mínimo ela deveria permanecer em casa e aguardá-la voltar do trabalho.

No caso de Elis, o contexto se difere pelo fato de ser ela a provedora do marido e dos filhos. Entretanto, essa suposta posição de poder experimentada por ela é rompida pelas ameaças psicológicas e castigos físicos aos quais ela e as crianças eram submetidas. Ou seja, apesar de prover financeiramente a família, ela ainda é sujeitada à figura do marido, que é percebido como aquele que detém e centraliza o poder no contexto das interações domésticas. Outro ponto destacado por ela é a sua insatisfação pelo fato do marido não exercer nenhuma atividade profissional, descrevendo-o como um aproveitador que, além de não trabalhar, usava seu dinheiro indevidamente. Nota-se, assim, que ela se ressentia por ter um marido que “não cumpria com seus deveres de marido”. Para ela, era ele quem deveria trabalhar, ou pelo menos ajudá-la financeiramente.

Em todos os relatos, pode-se perceber que existe um ideal comum do que seria um bom relacionamento. Para os homens (inclusive para Flor, que adota a perspectiva masculina ao se intitular sapatão<sup>16</sup>), o casamento/namoro

---

<sup>16</sup> Ao realizar uma pesquisa etnográfica sobre as conjugalidades homossexuais e ao direito de visita vítima na Penitenciária Feminina da Capital – SP, Padovani (2011) observa que o uso do termo sapatão por parte das internas indica que, “mais do que homossexuais masculinas, os sapatões chamam-se por adjetivos, nomes e pronomes masculinos. Mais do que vestimentas e

deveria ser regido segundo a premissa de que suas mulheres lhe deveriam respeito. Respeito este baseado no fator econômico, uma vez que eles se dedicavam ao sustendo financeiro da casa e suas mulheres deveriam retribuir zelando a casa, os filhos e o marido. Para Elis, o ideal de casamento seria ter um esposo que a recompensasse financeiramente ou que a ajudasse com as crianças. Entretanto, o marido a decepciona duas vezes: uma por não trabalhar e outra por não dar afeto e educação para os filhos. Logo, ele não se enquadra nem no que ela julga ser um bom marido, nem no que ela concebe por ser um bom pai.

Torna-se claro na fala dos homicidas passionais um ideal de relacionamento pautado na distinção de tarefas baseadas no gênero. Seus argumentos e insatisfações coincidem com o contexto histórico de dominação masculina e pelo poder patriarcal, por uma discriminação baseada no gênero. Tal como nos diz Moraes (2011):

O modelo tradicional de família estava baseado numa divisão rígida de papéis: o homem era designado como “chefe da família” e a mulher, sua “principal auxiliar”, estava em situação de inferioridade jurídica. Ao homem cabia zelar pelo sustento material da família, enquanto os cuidados com os filhos e os afazeres domésticos cabiam às mulheres. (MORAES, 2011, p.412).

Assim, ainda que a condição da mulher tenha passado por transformações jurídicas e sociais, o preceito de desigualdade de gênero amplamente difundido historicamente continua reverberando na fala desses homens e mulheres que, apesar de não mais serem regidos por códigos penais

---

cortes de cabelo, os sapatões da penitenciária cultivam barba e não admitem serem tocados durante o ato sexual. Eles buscam materializar o arquétipo masculino em seus corpos. Os sapatões da penitenciária feminina são os homens da penitenciária feminina, eles colocam em xeque a autenticidade do corpo do homem ao materializarem o masculino em corpos encarcerados como femininos.” (PADOVANI, 2011, p.201). Esta reflexão proposta pela autora pode facilmente ser percebida em Flor, que não apenas optou por cortar os cabelos curtos, mas também se auto-refere fazendo uso de pronomes masculinos (“me senti enciumado, sou violento”). Além disso, o uso da palavra sapatão, pelo que pude observar em sua fala, é apresentado a partir do mesmo significado dados pelas interlocutoras da penitenciária feminina da pesquisa de Padovani.

e/ou sociais que estimulem este tipo de comportamento, seguem o reproduzindo. Tal pensamento é exposto por Barreira e Almeida (2011), quando afirmam:

No mundo contemporâneo, a presença feminina continua ameaçando valores morais, regras de mercado e padrões de comportamento, numa tensão que se gerou entre visibilidade das conquistas dos direitos da mulher e as práticas ainda existentes de dominação, baseadas na visão da mulher como objeto sexual. A dominação masculina e a imposição lógica da violência simbólica e da submissão feminina, mesmo sobre novos códigos, permanecem ainda no seio da sociedade contemporânea. (BARREIRA; ALMEIDA, 2011, p. 223).

Segundo Jimeno (2004), os discursos dos homicidas passionais, para serem compreendidos, devem ser relacionados com um contexto sociocultural mais amplo. Deste modo, o crime passional é, também, parte de processos históricos de construção dos sujeitos sociais e de suas ações. As relações afetivas, assim, estariam relacionadas a uma configuração emotiva. Segundo a autora, a percepção de que a violência pode se fazer presente nos relacionamentos amorosos não é uma característica específica de Brasil e Colômbia, mas de uma construção histórica do mundo ocidental sobre o ideal de comportamento de homens e mulheres. Esta naturalização da emoção como um fenômeno irracional se desenvolveu socialmente, de modo que, por muito tempo, as sanções legais admitiam que não se penalizasse as agressões entre casais sobre a justificativa de que teriam sido motivados por loucuras momentâneas e que a loucura não poderia ser punida.

A partir de sua concepção de configuração emotiva, Jimeno dirá que cada crime, inclusive o passional, será desenvolvido segundo experiências particulares, mas que devem ser associadas ao contexto social a qual os indivíduos pertencem, pois fazem parte da configuração emotiva, que entre muitas outras coisas, criam um ideal sobre o que é o amor e como se deve amar.

No crime passional existe também um padrão amplo que associa emoções (amor, ódio, raiva, ciúmes) com pensamentos sobre o que deve ser o amor, a vida de casal, o devido comportamento de homem e mulher. Há, igualmente, sociedade e indivíduo, público e privado, ação e representação. (JIMENO, 2004, p. 248 – Tradução minha).

Do mesmo modo, considero que as falas dessas pessoas indicam mais do que expressões particulares de julgamentos sobre o que pode ou deve ser a forma ideal de comportamento de homens e mulheres dentro de relacionamentos afetivos. Eles reproduzem concepções ainda estimuladas socialmente, em que o distanciamento de seus companheiros ao que eles julgam ser uma boa esposa/esposo ocasiona uma reação emocional de insatisfação e raiva, como veremos a seguir.

### **5.3 Crimes – mortes anunciadas?**

Segundo os dados obtidos, todos os crimes analisados foram efetivados mediante situações conflituosas. Mas é necessário ressaltar, conforme exposto no tópico anterior, que as brigas entre os casais não se restringiam ao momento do homicídio. Ao contrário, os relatos indicam um cotidiano atribulado, permeado por momentos de agressividade, sendo o momento de efetivação da morte de seus companheiros exposto como o ápice de uma situação que foi se desenvolvendo paulatinamente.

No caso de Chico, o cenário conflituoso não é limitado à sua relação direta com a vítima, mas dela com sua esposa. Segundo ele, as duas mulheres costumavam se confrontar regularmente. Assim, enquanto esposa e namorada são mostradas como seres agressivos, Chico se apresenta como um sujeito pacífico que, contra a sua vontade, era exposto ao conflito, ainda que evitasse qualquer envolvimento nas brigas. Deste modo ele se coloca como ser passivo, como um mero observador dos fatos, incapaz de escolher um lado.

Em nenhum momento das entrevistas Chico mencionou ter brigado diretamente com sua amante, embora ela tenha sido a vítima. Os únicos momentos de agressividade relatados se restringem à esposa (quando ele briga por não concordar com o modo como ela trata os filhos) e ao chefe (com quem discute após ser incitado). Assim, da forma como ele conta, a primeira discussão que ele tem com a amante é também a última.

O contexto do crime se passa dentro de um motel, momentos depois de terem um envolvimento sexual. O embate entre os dois recebe como justificativa o fato de almejarem objetivos opostos, enquanto ela deseja reatar o relacionamento, ele quer permanecer junto de sua mulher e filhos. Apesar do contraste de opiniões, ele não é exposto como agente motivador do crime. Este, por sua vez, ocorre quando a amante, discordando do posicionamento de Chico, passa a lhe agredir fisicamente no rosto e ameaça a ele e sua família, dizendo saber onde eles moram e que ele não sabe do que ela é capaz. É este o momento apontado por Chico como o estopim para a morte da amante, quando ele a estrangula.

Deste modo, o relato da morte é apresentado como um momento de perda de controle da razão, em que ele age essencialmente a partir da raiva sentida no momento e das demais que foram sendo acumuladas ao longo dos desentendimentos travados no triângulo amoroso.

Antônio também descreve a ocasião do crime como um ato de descontrole emocional. Entretanto, o contexto é diferente. Se para Chico o motivo apontado para reação violenta é o desrespeito da amante em relação a ele e a sua família a partir de uma ameaça, para Antônio o que pesa é a suspeita de que sua namorada o tivesse traído e de que o filho por ela esperado não fosse seu. A desconfiança de ter sido enganado perpassa não somente o momento do crime, mas essencialmente todo o relacionamento, permeado por brigas motivadas por ciúmes e suspeitas de traição. Assim, enquanto a namorada apagava contatos femininos do celular e da conta do site de relacionamentos *Orkut* dele, Antônio verificava chamadas de números desconhecidos e investigava a conta de telefone dela.

A suspeição é apresentada como uma característica mútua e é apontada por ele como sendo o principal fator para que o casal tenha terminado o relacionamento por diversas vezes. Numa das ocasiões em que o casal estava separado, a namorada anuncia uma gravidez. Fato que, segundo Antônio, é recebido com surpresa, porém com aceitação da paternidade da criança. Este contexto não perdura por muito tempo. A hipótese dele não ser o pai é confrontada diretamente pela irmã e indiretamente por mãe e tia, o que o leva a pensar que todos os seus familiares estão sabendo ou desconfiando de uma traição da namorada.

Antônio relata esse momento como um período de inquietação, em que estava, a todo momento, rememorando os fatos e buscando a comprovação da fidelidade (ou a ausência dela) por parte da namorada. A realização de um exame que supostamente é capaz de indicar a data exata da fecundação atiza a dúvida lançada pelos seus familiares ao apontar que a concepção da criança ocorreu num dos períodos em que o casal estava separado. O resultado do exame, juntamente com o parecer de mãe, irmã e tia fazem com que Antônio intensifique a suspeita, mas silenciosamente. Segundo ele, a possibilidade de uma traição não era discutida com ninguém, permanecendo restrita aos seus pensamentos. Essa situação muda quando sua namorada o flagra observando o resultado do exame juntamente com uma conta do seguro do carro referente a um acidente. Ela estranha a comparação entre os papéis e pergunta qual sua intenção. Pela primeira vez ele admite sua desconfiança e confirma que a data sugerida pelo exame é a mesma da batida do carro, coincidindo com um período de separação, não podendo assim ser o pai da criança.

A exposição da suspeita de infidelidade faz com que uma briga se inicie e culmine num crime. Segundo Antônio, a causa de seu descontrole não foi apenas a discussão, mas o fato da namorada admitir que o filho não era dele. Assim como Chico, ele descreve o homicídio como um momento intenso e rápido, durando poucos minutos entre sua reação violenta e a morte de sua namorada. Ele também diz não se lembrar com clareza do acontecido e expõe como causa de seu “destemperamento” a atitude da namorada ao afirmar que ele não era o pai. Assim, ainda que não diga explicitamente que a atitude da

namorada foi a causa do crime, ele busca amenizar sua ação, a expondo como uma mera reação à informação divulgada por ela.

Nos casos femininos, o argumento de perda de controle das emoções também se destaca. Para Flor, a efetivação do crime aparece como um desfecho para suspeitas pré-existentes. O fato de sua companheira fazer uso de roupas curtas e de aproveitar as saídas de Flor para ir a outros lugares faz com que acumule raivas e suspeitas. Apesar do incômodo em relação ao comportamento de sua namorada, ela opta por não demonstrar seus sentimentos sem que haja provas que comprovem um “comportamento inadequado”. Após algumas especulações com familiares e vizinhos, Flor diz ter percebido que a namorada estava usando falsas justificativas para seus sumiços, o que intensifica sua desconfiança.

A situação chega ao limite quando, um dia, Flor volta de uma de suas “batalhas” e mais uma vez não encontra a amada em casa, e se agrava, ao ser informada por um vizinho que sua namorada havia entrado numa casa usualmente conhecida por ser utilizada para o consumo de drogas e atividades sexuais. O fato apresentado por ela como o agente motivador do crime foi ver sua namorada “só de calcinha e sutiã” com um homem. Ainda que durante a briga a namorada negasse a traição afirmando que estava apenas usando drogas, Flor não acredita e a mata.

Mesmo não tendo visto nenhuma atitude de caráter sexual que comprovasse a infidelidade de sua mulher, vê-la de trajes íntimos na presença de um homem faz com que Flor confirme a suspeita de que “o seu fraco era homem”. O fato de o terceiro envolvido ser um homem e não uma mulher parece insultar Flor, que se sente ainda mais enfurecida com a situação. Segundo ela, o ódio sentido no momento da discussão e a fúria de suas ações fazem com que não se lembre detalhadamente dos fatos, descrevendo seu ato como um momento de loucura momentânea. Assim como nos casos anteriores, o crime é descrito como um ato rápido, passional e irracional.

O caso de Elis também apresenta as mesmas características, ainda que apresentado sob circunstâncias diferentes. Em seu relato sobre o crime, ela o

apresenta como um momento de explosão de raiva mediante a inexpressão de preocupação do marido em relação à filha adoentada. Porém, antes da realização do homicídio, Elis sugere uma série de situações cotidianas que favoreceram o acúmulo de sua raiva. Assim, para compreender o assassinato de seu marido, temos que retomar as brigas pelas quais o casal passava no decorrer de sua relação.

Elis aponta a agressividade do marido como um fenômeno recorrente. Em sua fala, ela e os filhos são apresentados como vítimas de um homem violento e aproveitador, que não trabalha e exige dinheiro e respeito. Ela expõe sua vida doméstica como um cenário de violência física e simbólica, onde ela e as crianças eram sujeitadas a maus tratos constantes. Apesar de dizer que chegou a reagir algumas vezes, agredindo fisicamente seu esposo, ela enfatiza o fato de ter aceitado os impropérios do cônjuge passivamente, sem se opor ao seu comportamento. Quando, na noite do assassinato, seu marido recusou a oferecer tratamento médico especializado à filha adoentada, Elis diz ter acatado sua decisão, ainda que sem concordar com ela. Entretanto, o julgamento de seus fregueses sobre a situação agrava sua raiva, que é associada ao consumo de bebida alcoólica.

Quando ela retorna à sua casa e percebe o marido interessado no dinheiro apurado e não na saúde da filha, diz ter se descontrolado, matando seu marido. Em sua perspectiva sobre o crime, não se trata de uma reação específica a uma determinada situação, mas uma reação a todo o contexto de conflito e violência que foi submetida ao longo do casamento. Elis retrata aquele momento como o único em que ela foi capaz de reagir e, ainda assim, impulsionada em defender os filhos e não a si própria. Em sua versão dos fatos, a imagem transmitida é de uma mulher trabalhadora, dedicada ao sustento e à educação dos filhos que, diante de uma situação permeada por fortes emoções, age indevidamente, cometendo um erro irreparável.

Após a análise dos quatro casos coletados, pode-se perceber que, apesar de apresentarem contextos distintos, existem algumas similitudes. Em todos eles surge a justificativa de insatisfações cotidianas em relação ao



comportamento de seus companheiros. Estas insatisfações passam a ser percebidas como raiva, decepção, desprezo e até mesmo ódio, sendo o crime “justificado” como uma reação explosiva a emoções anteriormente acumuladas. Ademais, a efetivação do crime é apontada como um momento intenso de perda de controle, havendo em todos os relatos a indicação de uma perda da memória do momento específico do homicídio. Esta prerrogativa complementa o argumento de ausência de racionalização do ato, do “era como se não fosse eu”.

Outro ponto que aproxima os interlocutores é o fato de todos eles terem utilizado como método de agressão abordagens que os aproximavam da vítima, havendo um conflito corpo a corpo. Elis, Flor e Antônio espancaram seus namorados/maridos com golpes de pau e tonfa, enquanto Chico estrangula a amante. Percebe-se, assim que o homicídio se dá de uma forma direta, não havendo distanciamento entre agredido e agressor. Com exceção de Chico, todos tiveram que lidar com a reação de seus pares e com o sangue exalado por eles. Este fato, entretanto, é amenizado pela “não memória”, ou pela memória fragmentada do ocorrido, onde a morte (o fato consumado) é sobreposta à agressão. Ou seja, todos descrevem detalhadamente o momento inicial e final da briga, mas pouco esclarecem o processo de morte/violação do corpo de seus companheiros. Eles expõem a ocasião da tomada de consciência de realização do homicídio com surpresa: “Quando dei por mim ele/ela *tava* morto (a)”. Essa ausência de minudências do crime recebe pouca atenção em suas falas, sendo priorizada a etapa posterior, de racionalização do ocorrido e fuga, como veremos no tópico a seguir.

Assim como nas cartas de perdão analisadas por Davis (2001), os homicidas passionais também argumentam que o crime decorreu mediante um contexto de acúmulo de raivas cotidianas, havendo, num dado momento, uma explosão emotiva capaz de suprimir suas razões. Walton (2007) diz que a raiva pode ser percebida como um indício de descontrole das emoções, sendo uma emoção de grande intensidade e de breve duração. Para o autor, a retenção da raiva implica no aumento de sua magnitude, o que pode fazer com que a pessoa que a está sentindo perca o medo das consequências de agir segundo

sua emoção e simplesmente dê vazão aos sentimentos acumulados. Como ele mesmo diz:

A pessoa com raiva quer destruir, ou pelo menos danificar, o que a prejudicou e que ela portanto odeia, mas o medo das consequências de se exceder pode levar a uma negação deste instinto, criando assim o risco de que possa ser ampliado por ser reprimido. A imagem batida da raiva reprimida é a da panela fervente sem saída de ar. À medida que o conteúdo continua a ferver, a pressão se torna cada vez maior por dentro, até que o único resultado é uma explosão espetacular. (Walton, 2007, p.92).

O pensamento de Walton se aproxima perfeitamente das falas dos interlocutores desta pesquisa. Para eles, o crime resultou do acúmulo de pressões vivenciadas, porém contidas, ao longo de seus relacionamentos. Assim, nos momentos em que eles eliminaram fisicamente seus parceiros, não teria havido a racionalização do ato ou de suas implicações legais, apenas existia o desejo incontrolável de destruir a fonte de seus desgostos, de seus ódios.

#### **5.4 Fugas – abandonando o cenário do crime e encobrindo o ato**

Após a consumação do crime há, de acordo com suas falas, um período de assimilação do ocorrido, de tomada de consciência e de racionalização dos fatos. Tanto Elis como Flor, Chico e Antônio dizem ter passado por uma fase de incredibilidade, de espanto por terem sido capazes de matar. Esse momento é acompanhado pela realização de suas primeiras decisões após o acontecido.

Todos eles fogem do local em que o assassinato ocorreu ou ocultam as evidências do homicídio, assim como também lhes é comum o medo de serem presos, de suas vidas jamais voltarem a ser como antes. Flor retorna para a sua cidade de origem, Antônio busca apoio e abrigo na fazenda de familiares de seu pai, Chico escapa clandestinamente do motel em que estava com a

amante e procura auxílio na casa de sua mãe e Elis opta por esconder o corpo do marido num buraco no quintal de sua casa, onde seria construída uma fossa.

O tempo de duração de fuga, por sua vez, é variado. Flor se ausenta de Fortaleza - CE por dois meses, tempo que julgou necessário para que o crime tivesse sido esquecido por familiares, conhecidos e autoridades, ou para “a poeira ter baixado” como ela diz. Elis permaneceu por volta de quinze dias em sua casa, trabalhando e realizando suas atividades diárias, seguindo sua vida sem que aparentasse que nada estava diferente, justificando a ausência do marido dizendo que ele havia abandonado o lar. Antônio permanece por aproximadamente um mês escondido na fazenda de seus tios, passando, neste período, por aconselhamento de familiares e também por uma tentativa de suicídio. Chico é o que decide se apresentar em juízo em menos tempo, no mesmo dia. Após confessar o homicídio da amante para sua mãe e outros parentes, ele opta por reconhecer a autoria do crime perante as autoridades.

Pode-se perceber que as circunstâncias que levaram ao julgamento e prisão de cada um deles apresentam singularidades. Dos quatro, apenas Flor expressou diretamente que não tinha a intenção de “se entregar às autoridades”, ela é presa por ser delatada, por ser reconhecida e denunciada à polícia, mas não por vontade própria. Já Antônio, Chico e Elis optam por se entregar. O primeiro decide se apresentar em juízo após ser pressionado por seu pai, que não aceita a postura do filho de não assumir as consequências de seus atos. O segundo não aprofunda muito suas motivações, apenas diz ter considerado assumir a responsabilidade pelo delito como a melhor opção, apesar de ter sido estimulado por sua cunhada a deixar a cidade. Já a terceira relata que, após alguns dias escondendo a situação, sentiu-se pressionada por familiares e amigos que sentiam a ausência de seu marido, decidindo falar a verdade primeiramente para o seu cunhado e posteriormente para o delegado de polícia.

Eu não queria me apresentar, eu morria de medo de vir pra cá, eu preferia a morte do que vir pra cá (presídio), tanto é que no dia que eu

resolvi voltar pra Fortaleza eu tentei me suicidar. A minha intenção era nunca mais voltar pra Fortaleza, nunca mais ver a minha família. Só que meu pai nasceu e se criou no Sertão, cabra macho. Pra ele, eu tinha que pagar o que fiz. Mas uma pessoa da minha família dizia que não, que eu que tinha que escolher, que a vida era minha e eu decidi que não ia voltar. Só que aí o meu pai começou a cobrar das pessoas, ele começou a me aconselhar a voltar, a procurar uns advogados que tinha lá na cidade, foi me explicando as coisas. Só que eu pensava em fugir até deles, entendeu? Ou então se suicidar... eram as duas coisas que eu pensava, até que um dia ele (o pai) acertou, “olha a gente vai lhe levar, você vai voltar agora”. Eu pensava assim, ou eu ia embora ou morria, mas pra cadeia eu não vou. Porque, o que eu tinha de visão de presídio era aquela que a gente vê na televisão. (Trecho de entrevista com Antônio, novembro de 2011).

É interessante ressaltar que os entrevistados além de expressarem arrependimento pelo assassinio de suas parselhas, indicaram ter medo de enfrentar o processo judicial. O medo é apresentado, assim, como a emoção que indica o retorno da racionalidade, das punições e das consequências das ações que foram realizadas no momento da raiva. Muitas vezes, o receio da vida encarcerada era mais intensivamente exposto do que o próprio arrependimento da realização do crime, tal como poderemos perceber de modo mais aprofundado no tópico posterior.

### **5.5 Arrependimentos – lamentando o crime ou suas consequências?**

Ao longo das entrevistas pude perceber que todos os entrevistados expressavam espontaneamente alguma fala que indicava arrependimento por terem eliminado fisicamente seus parceiros. O que torna esse fato interessante é que em momento algum os abordei diretamente sobre o assunto, e embora não houvesse nenhuma pergunta como “você se arrepende pelo que você fez?”, todos explicitaram algum tipo de pesar por suas atitudes passadas. A associação entre crime e remorso aparentava estar diretamente relacionada. Tão logo eles terminavam de contar sobre como tinham realizado o homicídio, já iniciavam alguma fala sobre o quanto se arrependiam de terem sido capazes de agir com tamanha violência diante uma briga do casal.

O que me chamou atenção foi o fato de que, muitas vezes, esse arrependimento parecia ser proferido automaticamente, quase que mecânico, como se fizesse parte de uma etapa a ser cumprida, um pronunciamento obrigatório realizado de modo que pouco aparentava emotividade.

A partir da observação das cerimônias fúnebres na Austrália e de suas expressões orais (gritos, discursos e cantos), Mauss (1979) irá dizer que tais demonstrações dos sentimentos estão diretamente relacionadas às interações sociais, indo além das esferas psicológicas ou fisiológicas. Para ele, o modo de comunicar a dor da perda de um familiar é pautado por estímulos coletivos não espontâneos e, portanto, obrigatórios e essencialmente simbólicos.

(...) não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos exclusivamente sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação. (...) Os ritos mais simples, gritos e cantos (...) não têm um caráter tão público e social, mas falta-lhes, no mais alto grau, qualquer caráter de expressão individual de um sentimento experimentado de modo puramente individual. (MAUSS, 1979, p.147-149).

Outro autor que desenvolve uma reflexão sobre as expressões emocionais em situações públicas é Breton (2009). Para ele, a esfera emocional está diretamente relacionada a um contexto sociocultural específico em tempo e espaço, sendo apreendida a partir da educação tal como a fala, por exemplo. “As emoções são, portanto, emanações sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas”. (p.120).

As emoções traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos outros. Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar. (...) O desencadear das emoções é necessariamente um dado cultural tramado no âmago do vínculo social e nutrido por toda a história do sujeito. (BRETON, 2009, p.117).

Para Breton, o indivíduo social não apenas é estimulado a aprender um código emocional, mas também a exprimir corretamente as emoções sentidas de acordo com o ritual à qual estão vinculadas. Assim, mesmo as expressões de emoções que demonstram a dor da perda de um ente querido são revestidas socialmente por significados particulares.

Os manuais de boas maneiras não se resumem à forma como uma casa deve ser cuidada, como um jantar deve ser apresentado aos convidados, ou como uma recepção deve ser organizada para a satisfação de todos, tampouco à maneira de se vestir, de se conduzir em sua própria casa ou rua. Os ditos manuais ampliam seus conselhos com a mesma exigência, às maneiras corretas de exprimir as emoções em sociedade, sobretudo as mais dolorosas. (BRETON, 2009, p.133).

Do mesmo modo que somos socialmente educados para indicar a tristeza do falecimento de alguém que nos era próximo através de lágrimas ou de frases que indiquem saudosismo ou a felicitar e sorrir em celebrações de festas de nascimento, os homicidas passionais são estimulados a denotarem arrependimento por terem tirado a vida de seus pares. Tal situação pode ser percebida tanto na esfera familiar quanto jurídica. Exemplo disso é a fala de Elis, quando ela relata que, ao comunicar seu cunhado que tinha matado o marido, ele perguntou se ela estava arrependida pelo que tinha feito, se repetiria o crime se pudesse fazer de novo.

Lá mesmo enterrei e continuei na mesma casa até arranjar um lugar. Doze dias depois, eu peguei meus filhos e fui deixar na casa da minha mãe, aí vim me entregar. Liguei primeiro pro meu cunhado (que morava em Brasília na época) aí ele achou que eu não viesse me entregar. Aí meu cunhado chegou, eu *tava* sentada (numa das celas da delegacia), ele me chamou no portão e perguntou se eu *tava* arrependida, perguntou se eu pudesse fazer tudo de novo, se eu faria. Eu disse que não, que *tava* arrependida, que se pudesse voltar atrás pra consertar aquele erro eu consertaria, mas eu não podia fazer nada, que ali é um caso que não pode fazer nada depois do acontecimento. Ele disse: é mesmo. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Dentro do contexto jurídico, a postura de arrependimento do réu, ou a ausência, é indicada por Lopes (2010) como característica ressaltada pelos jurados como elemento capaz de auxiliar ou não na empatia com o réu. Ou seja, ele tem que demonstrar em palavras e expressões corporais o seu pesar pelo ato realizado, caso contrário, será um insensível, uma pessoa perigosa ao convívio em sociedade.

Todos os entrevistados afirmaram explicitamente estarem arrependidos, entretanto, apenas Flor pareceu demonstrar ressentimento pela morte da namorada, por ter perdido a mulher que amava (“seu único e verdadeiro amor”, como ela diz) e não somente por ter realizado um crime. Apesar de todas as desconfianças que ela mantinha e de não concordar com o comportamento de sua mulher, Flor afirma que ela foi o único amor de sua vida, chegando a chorar quando mencionou o fato.

Eu sou muito arrependida por isso. Sofro muito por isso e hoje estou aqui pagando o preço por uma coisa que eu fiz que e que não tem explicação. Eu não entendo como cheguei aquilo, esse extremo tão brutal. Porque pra mim foi uma monstruosidade o que eu fiz com a minha mulher, eu reconheço tudo isso. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Os demais entrevistados foram de encontro ao que se espera de um “homicida da paixão”, negando a existência de amor/paixão no relacionamento. Chico disse que “gostava da *vítima*<sup>17</sup>”, Elis afirmou que “acha que nunca amou” e Antônio não disse em nenhuma de suas entrevistas que amava a sua namorada.

O fato da vítima... ainda me sinto um pouco constrangido. Penso no que aconteceu, a besteira que aconteceu, e daqui acolá me dá um remorso, uma coisa ruim. Às vezes eu choro pra desabafar um pouco sozinho, oro um pouquinho vou ler a bíblia, mas acredito que é uma coisa que eu num tiro mais da cabeça não, não tem como. Isso que

---

<sup>17</sup> Durante todas as entrevistas, Chico se referia à sua amante como vítima, evitando chamá-la pelo nome e dando a impressão de se tratar de uma relação impessoal.

aconteceu vai ficar na minha vida pro resto da vida. Eu gostava dela, apesar de tudo que aconteceu eu gostava dessa vitima. (Trecho de entrevista com Chico, novembro de 2011).

Eu num sei nem o que é amor. Eu acho que eu nunca senti... Eu gosto, gostava, mas eu num sei se era amor o que eu sentia. Era gostar. Que as vezes a pessoa acha que ama, mas é aquele amor doentio, um ciúmes doido, chega a matar. Eu acho que isso aí num é amor não. Eu sei que eu gostava, mas amor mesmo, eu acho que eu nunca senti. Às vezes eu ando conversando com a parceira ali, com as meninas, eu nunca amei, eu gostava. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

A lembrança de seus parceiros era mais facilmente preenchida com memórias referentes aos maus momentos, restringindo qualquer aspecto positivo do relacionamento. O amargor, o dissabor exalado era muito mais referente ao fato da vida ter apresentado aquelas pessoas a eles, como se tivessem sido vítimas do destino. Tal observação pode ser encontrada na fala de Antônio, que questiona como teria sido a sua vida se não tivesse reencontrado sua ex-namorada. Chico também associa o encaminhamento de sua vida para o crime e a prisão como uma consequência da manipulação de sua esposa, que, segundo ele, teria sido a culpada por ele ter agido da forma como agiu. Elis, por sua vez, associa sua atitude ao comportamento agressivo do marido, sendo ela uma vítima que, um dia, optou por matar a morrer. E Flor se descreve como alguém que foi orientada por suas emoções e mesmo assim apenas por ter sido incentivada pelo mau comportamento de sua namorada. O modo como eles se referiam aos seus parceiros mortos faz parecer menos um crime motivado por paixão e mais um crime de raiva, de ódio.

Mais do que parecerem tristes por terem matado, eles pareciam tristes por terem de enfrentar as consequências de seus atos, ou seja, por estarem sujeitados à condição de presidiários. A ausência da vida em liberdade, a impossibilidade de estarem juntos a amigos e familiares, de que poderiam viver sem tantas restrições era muito mais ressaltada do que necessariamente o pesar por terem eliminado fisicamente suas esposas (o).



Eu vim me entregar, porque eu achava que fugir não ia adiantar. Se eu cometi esse erro, eu tinha que pagar. Pagar como? Caindo nesse lugar, ficar presa e distante dos meus filhos, porque é uma coisa que eu acho que é a frase mais certa do mundo, você deve tem que pagar, de qualquer jeito. Nesse sentido, se eu cometi esse erro, eu não devo nada pra ninguém, eu só devo pra Deus, porque foi um filho de Deus, foi um irmão que eu tirei a vida. Eu só tenho a acertar conta com Deus. Mas como pra lei do homem a gente tem que pagar aqui, então é aqui onde eu me encontro. Distante dos meus filhos, hoje eu tenho a grande preocupação, porque eu estou distante dos meus filhos, num sei como eles estão. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Eu perdi minha liberdade, minha família (eu não tenho visita), não tô vendo mais meus filhos, não tenho mais aquela liberdade. Eu sei lá quanto tempo vou passar aqui dentro. Isso por causa de um ciúme doentio. É por isso que eu digo, às vezes muita coisa não vale a pena. Fui dá uma de machão e onde foi que eu parei?! Ela tá morta e eu praticamente tô morta também. (Trecho de entrevista com Elis, novembro de 2011).

Esta postura, em parte, talvez seja porque, como diz Antônio, “às vezes é melhor não se lembrar do que aconteceu ou senão você fica louco” ou por saberem que o passado não pode ser reconstruído e o que lhes resta é apenas a expectativa do futuro que está por vir, do dia em que eles possam retomar suas vidas. É sobre esse desejo, ou a falta dele, que falarei no último tópico.

## **5.6 Recomeços – sonhando com uma nova vida**

Ao final de cada entrevista, perguntava sobre os sonhos que eles tinham para o futuro longe das “grades”. Era uma forma de terminar nossos encontros priorizando temas mais leves, que os distanciasse das “memórias do crime” e os reconectassem com a possibilidade de um futuro de sonhos e possibilidades. Eu já havia escutado tantos dissabores, por que não me despedir com assuntos mais amenos?

Cada um deles apresentou perspectivas diferentes sobre o que esperam para o dia em que receberão a liberdade. Para Chico, o ideal de sua vida futura seria encontrar uma mulher que lhe fosse companheira, que o apoiasse e que se distanciasse das características negativas de sua ex-esposa, que o

“colocava para baixo”. Além disso, ele disse desejar mudar de estado, ir para algum que não fosse reconhecido como criminoso, onde pudesse reconstruir sua vida a partir de um novo trabalho, quem sabe montar o seu próprio negócio.

Antônio também expressou o desejo de reconstituir sua vida fora do cárcere em outro estado. Em seu caso, além de almejar que ninguém o reconheça, ele opta por esta alternativa por temer sofrer algum tipo de represália por parte de pessoas que o reconheçam como um assassino. Mudar de cidade e mesmo de estado seria a possibilidade de não ser reconhecido, de elaborar uma imagem que nada se aproxime de seu passado. Ainda que demonstre ter medo de reencontrar pessoas e situações que o agreguem à condição de criminoso antes de qualquer coisa, ele indicou não ter certeza de qual plano seguir. A possibilidade de reaver o seu cargo na Guarda Municipal de Fortaleza ainda o estimula, já que ele ainda não foi oficialmente exonerado. Esta última possibilidade, por sua vez, é desestimulada por seus pais e namorada, que julgam ser melhor ele iniciar outra profissão e se isolar da antiga. O futuro, assim, segue como uma incerteza permeada de possibilidades e de planos que, a todo o momento, podem mudar.

No caso de Elis, as prioridades ressaltadas são outras. Se para Chico e Antônio a principal necessidade ressaltada está relacionada à fuga para um lugar onde não sejam reconhecidos, para ela, a meta primordial de seu futuro está relacionada à esfera doméstica. Sua expectativa é poder retomar suas “atividades de mãe”, cuidar de seus filhos. Mas principalmente, ela anseia por reencontrar as filhas de seu primeiro casamento, com as quais ela perdeu o contato ao retornar para o Ceará. Assim, são os seus filhos, e não o trabalho, que são destacados em sua fala e em seu desejo de seguir em frente.

Flor foi a que menos demonstrou interesse em relação a sair da prisão. Segundo ela, não lhe interessa criar expectativas para o seu futuro, uma vez que se sente envelhecida e sem motivação para viver. Matar sua esposa foi a sua morte, é o que ela diz. A única certeza que lhe resta é voltar para o seu interior, para perto das memórias de sua infância e aconchego de sua família.

O futuro virá, mas será envolvido pela presença de pessoas e paisagens anteriores ao crime, de uma época em que os sonhos eram possíveis.

Ainda que nutrindo expectativas diferentes, todos eles imaginam a vida fora da prisão, buscando um novo começo que envolva as esferas profissional, familiar ou habitacional. Para os homens, o recomeço é mais fortemente associado ao vínculo profissional e à vontade de não mais serem reconhecidos (e de não se reconhecerem eles mesmos) como assassinos, criminosos, ex-presidiários. Para as mulheres, a vida além dos muros da prisão é idealizada a partir do reencontro com a família. Mesmo Flor, com sua ausência de sonhos, diz que sua única certeza é voltar para o seu sertão, para junto de seus familiares. Almejando ou não mudar de cidade, conseguir ou não um novo emprego, rever ou não parentes e amigos, o que os une é a certeza de que suas vidas passaram por uma mudança definitiva, inscrita não apenas em suas fichas criminais, mas em suas memórias, em suas vidas. Esquecer não é uma opção, mas tentar reconfigurar suas existências é uma possibilidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa objetivou contribuir para uma análise dos crimes passionais e de seus agentes, buscando perceber como as emoções são apresentadas como elementos capazes de favorecer a realização dos homicídios. Para tanto, busquei desenvolver um trabalho que tivesse dois momentos distintos: o primeiro priorizou a descrição da pesquisa de campo, apresentando ao leitor os métodos utilizados no universo empírico no qual a pesquisa se realizou, e o segundo realizou a exposição e análise dos dados coletados.

Tive a preocupação de indicar todas as etapas vivenciadas para que a pesquisa fosse efetivada. A opção por este método teve o objetivo de demonstrar o contexto em que as entrevistas foram realizadas e quais as dificuldades e facilidades tidas no decorrer da efetivação do campo, expondo as estratégias necessárias para que houvesse a aproximação com os meus interlocutores e os dados obtidos nas entrevistas. A ideia por trás disso era possibilitar a outros pesquisadores o entendimento da metodologia aqui empregada, para que, quem sabe, possam utilizá-la como recursos para seus estudos. Como pesquisadora, sei da dificuldade de encontrar textos específicos para nossa área de estudos capazes de nos auxiliar e de nos guiar metodologicamente. Assim, optei por desenvolver uma escrita que pudesse servir como fonte de inspiração e de identificação para outros pesquisadores que, assim como eu, tiverem que adentrar no ambiente penitenciário.

Posteriormente, foram expostas as histórias dos homicidas passionais e de seus relacionamentos, havendo a análise dos dados coletados apenas na etapa final deste trabalho. Ao longo do texto, o crime passional e seus agentes foram observados a partir de uma abordagem que priorizou a voz dos interlocutores, ao mesmo tempo em que os associou ao contexto sociocultural. As emoções apresentadas por eles em suas falas foram percebidas não apenas como uma justificativa particular, mas como elementos característicos

de uma forma socialmente estimulada de perceber os relacionamentos afetivos e suas dinâmicas.

Pôde-se perceber que o crime passional é apresentado como a etapa final de relacionamentos conflituosos, em que o amor/paixão é deixado em segundo plano e a raiva, o ciúme e a desconfiança são prioritariamente ressaltados. Foram expostas motivações que associaram o crime à ressentimentos e raivas acumuladas. Assim, os crimes passionais não foram apresentados como *crimes da paixão*, mas como *crimes de ódio*. Os homicidas passionais aqui apresentados não indicaram matar por amor, mas por ódio. Este fato pôde ser percebido através de uma facilidade que eles demonstraram em associar a lembrança de seus parceiros aos momentos de conflito e agressividade, restringindo as memórias positivas referentes aos seus relacionamentos.

O momento de concretização do homicídio é exposto como uma reação extrema às raivas que foram sendo acumuladas no decorrer dos namoros/casamentos, sendo a expressão de uma irracionalidade. Ou seja, o ato é justificado a partir da ideia de que o crime foi fruto de uma intensa emotividade, em que o desejo de agredir se sobrepõe à racionalidade. Assim, no momento em que eles eliminam fisicamente suas parselhas, não teria havido uma preocupação com as implicações legais de seus atos. O medo da prisão, de terem “destruído” suas vidas, surge apenas posteriormente, sendo apresentado como um indicativo de retorno à razão.

Chamou atenção o fato dos homicidas passionais sentirem a necessidade de expressarem arrependimento pelo ato cometido. Entretanto, mais do que o remorso por terem tirado a vida de seus parceiros, eles indicaram pesar pelas consequências de seus atos, por terem sido presos, por estarem longe de seus amigos e familiares, de terem sido afastados de seus empregos. Os interlocutores desta pesquisa se apresentaram como homens e mulheres vítimas de suas raivas, de suas impulsividades, se distanciando de uma autodenominação de assassino e evitando assumir o peso de suas ações.

Trata-se de crimes que são envoltos por uma camada densa de emoções e que necessitam de uma análise que supere a observação do concreto, abrangendo também o plano simbólico. Mais que tudo, estes crimes indicam que os agressores ainda se sentem sujeitos à pressão social da estrutura social, que apesar de ter sofrido alterações no campo legal-burocrático (com leis de defesa de mulheres e delegacias especializadas em conflitos domésticos, por exemplo), ainda está em meio a um processo lento de reconfiguração. Ou seja, embora a lei ampare aqueles que vivenciam a violência doméstica e familiar, não atinge o que chamaria de campo afetivo. Em outras palavras, não interfere na concepção que estas pessoas têm sobre o que é amar e sobre o que é um relacionamento ideal. A supervalorização da fidelidade e do enaltecimento do ódio e da vingança em situações de traição ou término do relacionamento são questões que seguem intocadas e que exigem uma reflexão que vai além de mecanismos legais.

Pelo que pude perceber neste trabalho, o crime passional e seus autores devem ser pensados a partir de uma análise que associe as relações interpessoais e os contextos sociais mais amplos. É necessário fazer uma reflexão que perpassasse o universo familiar e que contextualize o homicídio passional e o autor do crime.

A percepção de que os relacionamentos afetivos se constituem através da posse, da intolerância e do ciúme suprime de forma significativa o impacto de qualquer intervenção na lei, pois, por mais severa que seja a intervenção legal, o crime passional é essencialmente relacionado a percepções e formas de vivenciar emoções que estão além da capacidade de dominação do poder jurídico.

Encerro propondo uma reflexão do termo *passional* para designar estes homens e mulheres. Será que podemos atribuir este tipo de crime à paixão quando nem mesmo seus agentes atribuem suas ações a esta emoção?

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Mulheres que matam**: universo imaginário do crime no feminino. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

AQUINO, Jania Perla de. **Príncipes e Castelos de Areia**: um estudo da performance nos grandes roubos. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2010.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BARREIRA, César. **Crimes por Encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano Despedaçado**: cenas de uma violência urbana. Campinas: Pontes, 2008.

BARREIRA, Irllys; ALMEIDA, Rosemary. **Violência contra as mulheres**: visibilidade e silêncio. (In) **Segurança e Sociedade**: treze lições. 1ªed. Campinas: Pontes, 2011, p. 209 – 226.

BAILEY, F.G. **Gifts and Poison**: the politics of reputation. Oxford: Basil Blackwell, 1971.

BENEVIDES, Marinina Gruska. **Trabalho de Campo**: mitologia, metodologia e auto-análise em uma pesquisa qualitativa sobre “delinquentes juvenis pobres”. In: GONDIM, Linda Maria de Pontes (Org). **Pesquisa em Ciências Sociais**: o projeto da dissertação de mestrado. Fortaleza: Edições UFC, 1999, p. 111-144.

BIONDI, Karina. **Junto e Misturado**: imanência e transcendência no PCCC. São Carlos: Ufiscar, 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. **Dicionário Crítico de Sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Desencantamento do Mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; MORAES, Ferreira Marieta de. **Usos e Abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BRASIL. **Código Penal** – Decreto-Lei nº 2.848, de 07.12.1940. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRASIL. **A Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Organização de Alexandre

BRETON, David Le. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.

CAULFIELD, SUEANN. **Em Defesa da Honra**: Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

COELHO, Maria Claudia. Gênero, emoções e vitimização: percepções sobre a violência urbana no Rio de Janeiro. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 10, Apr. 2012. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-64872012000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872012000400002&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 Sept. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-64872012000400002>.

COMERFORD, J. C. **Como uma família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo Rural. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

CORRÊA, Marisa. **Morte em Família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

\_\_\_\_\_. **Os Crimes da Paixão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

COSTA, Carla. **A Honra na Política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

CRISÓSTOMO, Fernanda. **No Limiar da Paixão e do Ódio** – uma análise sociológica do crime passional. Fortaleza, 2009. Monografia (Graduação) – Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

CZECHOWSKY, Nicole (Org). **A Honra**: Imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco. Porto Alegre: L&M, 1992.

DAS, Veena. **Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos**. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Jun 1999, vol.14, nº.40, p.31-42.



\_\_\_\_\_. **O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade.** Cad. Pagu, Campinas, n. 37, Dec. 2011 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200002&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 Feb. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200002>.

DAVIS, Natalie. **Histórias de Perdão: E seus narradores na França do século XVI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELMANTO, Celso. **Código Penal Comentado: acompanhado de comentários, jurisprudência, súmulas em matéria penal e legislação complementar.** 5. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As regras do Método Sociológico.** 10. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Divisão Social do Trabalho.** 2. ed. Lisboa: Presença, 1984.

\_\_\_\_\_. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Nibert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

\_\_\_\_\_. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX . Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

ELUF, Luiza Nagib. **A Paixão no Banco dos Réus.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FONSECA, Cláudia. **“Ser mulher, mãe e pobre”.** In: DEL PRIORE, Mary. (org.) História das mulheres no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: História das Violências nas Prisões.** Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51.ed. . São Paulo: Global, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel; GORGA, Remy. **Crônica de uma morte anunciada**. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Sao Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GONDIM, Linda Maria de Pontes (Org). **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado**. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Manicômio, prisões e conventos**. São Paulo, Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_. **Estigma**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.

\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JIMENO, Myriam. **Crime Passional: contribuição a uma antropologia das emoções**. Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia, 2004.

KOURY, Mauro. **Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do Luto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_. **Emoções, Sociedade e Cultura: A Categoria de Análise Emoções como Objeto de Investigação na Sociologia**. Curitiba: CRV, 2009.

LOBO, Sônia (Org). **Violências: Um estudo psicanalítico e multidisciplinar**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

LOPES, Cláudia. **Crime Passional e Tribunal do Júri Brasileiro**. In: BARREIRA, César (Org). **Violência e Conflitos Sociais: trajetórias de pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 255-276.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (Org.). **Mauss: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979, p. 147-153.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Projeto questão de gênero: feminino e masculino, grandes diferenças e direitos idênticos**. Mato Grosso, 2008.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Algumas reflexões sobre a lei Maria da Penha** – Lei nº 11.340/06. Minas Gerais, 2008.

MICHAUD, YVES. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MORAES, Maria. **A nova família e a ordem jurídica**. Cadernos Pagu, Campinas, n.37, p.407-425, 2011.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu** : sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PADOVANI, Natália. **No olho do furacão**: conjugalidades homossexuais e o direito à visita íntima na Penitenciária Feminina da Capital. Cadernos Pagu, Campinas, n.37, p.185-218, 2011.

PASINATO, W; SANTOS, Cecília. **Violência contra as mulheres e violência de gênero**: notas sobre estudos feministas no Brasil. [s.d]. Disponível em <http://www.copodeleite.rits.org.br/patriciagalvao>. Acesso em: dezembro de 2012.

PERISTIANY, J.G. **Honra e Vergonha**: Valores das Sociedades Mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um Toque de Clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

RAMOS, Margarita D. **Assassinatos de mulheres**: Um estudo sobre a alegação, ainda aceita, da legítima defesa da honra nos julgamentos em Minas Gerais do ano de 2000 a 2008. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

REZENDE, Claudia Barcelos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

SÁ, Leonardo. **Cultura, violência e subjetividade**. In: Barreira, César; Batista, Elcio (Org). **(In) Segurança e Sociedade**: treze lições. 1ºed. Campinas: Pontes, 2011, p. 105 – 120.

SAFFIOTI, Heleieth. **Violência, gênero e políticas públicas**. São Paulo: EDITORA UFRJ, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Otelo**: o mouro de Veneza. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SILVA, Plácido. **Vocabulário Jurídico**. 20ª ed. São Paulo: Forense, 2002.

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_. **A filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva:** Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora de Campinas, 2006.

TEIXEIRA, Analba; RIBEIRO, Maria. **Legítima defesa da honra:** argumentação ainda válida nos julgamentos dos casos dos crimes conjugais em Natal 1999 – 2005. In: DEBERT, Guita Grin, GREGORI, Maria Filomena e OLIVEIRA, Marcella Beraldo de (Org). **Gênero, família e gerações:** juizado especial criminal e tribunal do júri. Pagu/Unicamp, Coleção Encontros, 2008.

WALTON, S. **Uma historia das emoções.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

WEBER, Max; COHN, Gabriel. **Max Weber:** sociologia. São Paulo: Ática, 1982.  
\_\_\_\_. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva . Brasília: UnB, 1991.

ZAMBONI, Marcela. **“Quem acreditou no amor no sorriso e na flor”:** a confiança na relações amorosas. São Paulo: Annablume; João Pessoa: UFPB, 2010.